



Foice Bittencourt

HERDEIROS MALAMAM

Marcia

Entre o amor e o vício



Herdeiros Malamam

Marco

Entre o amor e o vício.

Por Joice Bittencourt

Copyright © 2018 *Joice Bittencourt Romances*.

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, a distribuição e o armazenamento, no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem autorização prévia da autora.

Obra:

Marco – Entre o amor e o vício.

Série:

Herdeiros Malamam

Autora:

Joice Bittencourt

joicerbittencourt@gmail.com

Joice Bittencourt Romances

Março de 2018

#ficaadica

Este é um romance, uma obra de ficção, onde desejo que minhas leitoras possam deixar a realidade e mergulhar de cabeça. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações terá sido mera coincidência. A não ser que você encontre um médico lindo, disponível e com o sobrenome “Malamam”. Nesse caso: me chama!!!!

Leia com o coração, se imagine nas situações e seja o seu personagem favorito. É isso que espero. Se nas páginas deste livro, eu conseguir passar os sentimentos vividos por Marco, Damaris ou quem quer que seja, estarei realizada.

Aprecie sem moderação!

Sumário

[Os primeiros fios negros da ovelha.](#)

[Olhos de coruja](#)

[A Dama do meu baralho](#)

[O novo pode ser bom](#)

[Água e óleo](#)

[Um doce pelo seu sorriso](#)

[Casais normais fazem assim](#)

[Se ele te faz sorrir...](#)

[Para começar, meias verdades.](#)

[A fonte do problema](#)

[Ao pó voltarás](#)

[Ele responde a dor](#)

[Algumas verdades](#)

[Meus termos](#)

[Dias de calma](#)

[Não me acostume tão bem](#)

[Se ela não sabe, não sofre](#)

[Sim, era mentira.](#)

[O inferno é aqui](#)

[Ela é a Dama de pedra](#)

[O trem da vida nunca para](#)

[Dois ouvidos e uma boca](#)

[Até as Damas erram](#)

[Uma nova ovelha](#)

Sinopse

O que mais chamou a atenção dele foram seus olhos, que refletiam a alma e brilhavam como joias. Nada mais importava.

Marco Malamam é o filho mais novo e mais complexo de Leônidas Malamam. Caçula de três, ele cresceu com referências altas de como ser o melhor, mas atingir a perfeição não costuma ser uma tarefa simples. As frustrações chegaram na adolescência, uma época recheada de possibilidades e aventuras que podem respingar no futuro de quem as escolhe sem sabedoria.

Escolhas feitas, sorte lançada. Convivendo com as consequências dos erros do passado, Marco descobre que nem todos aceitam seus vícios ilícitos. Ao ver o seu grande amor partir, ele luta pelo equilíbrio e tenta reconquistar Damaris.

Para complicar um pouco mais as coisas, Damaris é uma mulher doce, mas nem por isso sem opinião, e quando se vê apaixonada por um homem fora de controle decide por um ponto final nessa relação. Ela sufoca seus sentimentos e deixa Marco para trás.

Será preciso muito mais do que “amor” para que o casal tenha o seu felizes para sempre.

Os primeiros fios negros da ovelha.

Marco

— Sei que o senhor é um homem muito ocupado, Dr. Leônidas. Mas, o caso é grave. Gravíssimo. — disse a diretora.

— Tenho certeza disso, senhora Elvira. — vi as veias saltando na testa de meu pai e tive certeza que estava seriamente encrencado. — O que o meu filho fez?

Naquele momento me perguntei o porquê de ter que estar errado. Eu poderia ser uma vítima e não o culpado. Poderia. Mas, ele tinha convicção da minha culpa. Isso me deixou muito indignado naquele momento.

Se fosse sobre o Matteo ou Nina, a reunião teria outro tom, mas comigo...

— Nós encontramos isso na mochila do Marco. — a velha mulher abriu a gaveta a sua direita, retirou cinco buchas de maconha e as deixou sobre a mesa. — Estamos em um colégio católico, temos princípios e normas muito rígidas. Não é a primeira vez que ele as infringe, porém, isso ultrapassa todos os limites. Seu filho não é visto como uma boa influência para os demais alunos. O conselho o convida a deixar esta instituição.

Em outras palavras, eu seria expulso.

Por causa da maconha? Qual é? Todo mundo usava.

Bando de hipócritas.

Lembro-me de como olhei para o meu pai esperando por uma explosão. Meus ombros baixos e a boca seca. Tentei falar, me impor como qualquer adolescente em sua fase rebelde, mas perdi a coragem quando encontrei o seu olhar decepcionado. Toda a minha crista autossuficiente se desfez diante da expressão estarecida dele.

Eu esperava por um murro, por gritos e xingamentos, esperei por um terremoto. Sei lá! Poderia ser qualquer coisa vindo do meu pai. Eu estava preparado para o furacão. E ele não veio. Só não me preparei para o que realmente aconteceu.

— Isso é seu? — perguntou ele, olhando para mim com aqueles olhos de cristal, frios olhos azuis e as sobrancelhas unidas.

— É. — respondi sem coragem de olhá-lo nos olhos.

— Há quanto tempo usa isso, Marco?

Não aguentando a força dos seus olhos em mim, baixei a cabeça. Eu poderia mentir, falar qualquer coisa, mas ele sabia, e naquela idade no fundo eu queria afrontá-lo.

— Eu... Pai, eu não sei. Faz algum tempo.

— Quanto? — perguntou novamente. De relance pude perceber seu rosto perder a cor.

— Um ano.

— Onde eu estive neste tempo? — questionou a si mesmo.

Onde esteve? No hospital, operando, trabalhando... fazendo qualquer coisa que, com certeza, não incluía se importar com o que eu precisava. Tudo bem... hoje não penso assim porque vejo como um adulto, mas eu era apenas um menino.

Toda aquela cena por algumas buchas de maconha parecia tão ridículo aos meus olhos. O Marco adolescente, o garoto inconsequente se perguntava para que tanto drama. Era apenas uma erva inofensiva. Será que o meu pai nunca queimou unzinho?

— Pai... — meu cérebro estava congelado.

— Espere lá fora. Preciso conversar com a senhora Elvira. — enfiei meu rabo entre as pernas e saí.

Depois de alguns minutos ele apareceu no corredor e fomos em silêncio para o carro. Fizemos o caminho inteiro calados, cada um de um lado com a mente fervilhando. Seu corpo denunciava como estava nervoso, os dedos brancos de tanto apertar o volante, lábios tensos e respiração pesada. Por um breve momento poderia jurar que o vi chorando.

Mentalmente eu criava discussões e respondia meus próprios questionamentos, criando e vencendo debates fervorosos imaginários que

jamais existiriam. Na realidade essas discussões nunca existiram.

Em casa, além dos meus pais, meus avós e meus tios vieram conversar comigo, todos na intenção de entender os meus motivos, ou abrandar a minha rebeldia. Por trás das portas escutei conversas onde eu era o assunto principal, mas o que me doeu foi perceber que meus pais por um longo tempo enfrentaram brigas sérias onde se culpavam pelo meu desvio de conduta.

A culpa me fez andar na linha... por pouco tempo.

Depois de alguns meses na escola nova a história se repetiu. Fiz novos amigos, encontrei as pessoas certas. Ou erradas, depende para quem pergunta. E de novo fui pego. No ano seguinte... adivinhe...

A coisa piorou muito quando fui apresentado a outras drogas, mas quando isso aconteceu eu já estava mais esperto e conseguia disfarçar bem.

Até que a maioria chegou, o colégio acabou e meu pai não precisava mais ser chamado. Quando fiz dezoito anos a sua presença deixou de ser necessária e comecei a resolver tudo pelas minhas próprias mãos.

Pareceu tão legal no começo.

Meus pais fizeram tudo que estava ao alcance deles. Não posso culpá-los. Frequentei grupos de ajuda, psicólogos, clínicas e até mesmo em uma rezadeira minha mãe me levou. Não teve jeito. Eu nunca quis ter jeito.

Meus irmãos seguiam suas vidas alcançando os objetivos que traçavam, cada um dentro do que desejava. Meus pais não diziam nada, mas esperavam de mim alguma ação. Escolher o futuro parecia tão assustador. Como alguém com dezoito anos decide o que será para o resto da sua vida?

Naquele dia desliguei o celular, sentei em uma das pedras do campus da universidade e fiquei. A solução não viria, mas adiar o inadiável me fazia bem.

Dentro do Marco de dezoito anos, manchetes de jornal diziam: “o primeiro Malamam em três gerações a não passar no vestibular”.

E as letras em capslook iam e vinham garrafais. Meu coração acelerado

poderia parar naquele instante, que mesmo assim, a frase iria comigo para o túmulo. Provavelmente estaria talhada em minha lápide.

Fracassado. Maconheiro. Perdido.

Dramático? Muito. Exagerado? Um pouco.

Mas naquela época, com uma colônia de espinhas na cara, a mente fraca e o desejo de ser aprovado, tudo tinha peso máximo.

Saí dali direto para uma festa promovida por alguns amigos do cursinho. Continuei ignorando as ligações de casa e fingi por algumas horas que eu fazia parte daquele grupo de sucesso.

Em uma roda de cinco ou seis, todos bem-nascidos, cheirei a minha primeira carreira de cocaína. Em um primeiro momento, no primeiro minuto, pensei que não tinha acontecido nada, o efeito era zero. Talvez eu fosse forte para aquele pó branco.

Como eu era ingênuo.

E foi assim.

Esta é uma síntese do começo do fim. Ou talvez seja o efeito da droga deixando o meu corpo. Vai saber... Não irei esperar para descobrir.

— Mais uma? — pergunto quando Walter volta do meu banheiro.

— Bota aí. Depois dessa tenho que ir.

— Você já falou isso hoje. — derramo a cocaína sobre o vidro da mesinha de centro organizando a carreira com ajuda do cartão de crédito.

— Porra, você não me deixa ir embora. Tem mais de onde veio essa?

— Não. Agora acabou. Você me deve duzentos.

Olhos de coruja

Marco

Eu sei que ela me observa. Sinto seus olhos azuis como o céu por trás dos óculos antiquados a me estudar. Mesmo em um ambiente cheio de pessoas, música, vozes e luz, sou perfeitamente capaz de distinguir a energia curiosa que vem do canto esquerdo do balcão lotado.

Ela não parece o tipo comum de mulher. Lembra uma peça fora do lugar, talvez esteja tão confortável quanto os meus dedos dentro destes sapatos desde às 5h da manhã.

Por que alguém como ela estaria em um lugar como este? A resposta parece óbvia. Porque quer. Este é exatamente o ponto controverso: A dona dos olhos de coruja parece não querer, e tão pouco gostar de estar aqui.

Busco meus amigos em meio à multidão, quando escuto as primeiras palmas e um coro de mulheres puxando uns “parabéns para você...”. Elas gritam, aplaudem, sorriem e tiram fotos.

Aí está! É uma comemoração.

Depois de uma longa busca, encontro Aílton com os outros caras em uma mesa cheia de garrafas. Começaram sem mim. Pelas fuças, fica evidente que estão bebendo há muito tempo.

— Porra, Marco, pensamos que não vinha mais. — diz Walter.

— Fiquei para assistir uma cirurgia do meu pai e me atrasei. — olho para o relógio — Deu meia noite agora. Tô dentro do esperado. O que tem de bom?

Aílton dá uma risada contrariado sabendo do que estou falando. Walter não perde tempo e mostra o nosso segredinho sórdido. Ele enfia a mão no bolso e, depois de olhar para os lados, retira um pacote de cocaína, mostrando-me por baixo da mesa. Olho eufórico, o sangue parece ferver correndo direto para as pontas dos meus dedos formigando.

— Mais pura que essa, tu nunca viu, Marco. — diz ele, guardando o pacote novamente.

— Agora sim. — respondo, puxo a minha cadeira e me junto a eles.
— Cadê o jogo?

— Está aqui. — Aílton retira a caixa da mochila — Esperávamos por ti.

Esvaziamos a mesa, sacamos nossas apostas e montamos o tabuleiro. Até pouco tempo atrás todos se espantavam quando começávamos a nossa sagrada partida de WAR na mesa do bar. Hoje ninguém mais se importa.

Um dia, depois de um plantão fodido, descobrimos o gosto em comum por jogos de tabuleiro. Um trouxe o jogo, outro indicou o lugar e assim começamos o nosso inusitado costume que se repete com frequência.

Minha amizade com os caras foi se estreitando naturalmente, cada um com o seu jeito, suas manias. JP e Aílton dividem apartamento na cidade. Walter mora com uma namorada, mas a chamamos de cabeça de bacalhau porque nunca a vimos, nem mesmo em rede social.

Entre dados, soldados e territórios, atravessamos a noite virando incontáveis garrafas de cerveja. Não vejo mais os olhos de coruja, ela desapareceu. No começo, procurei por cima dos ombros, fui e voltei do banheiro zigzagueando entre as pessoas, mas ela não estava lá.

Sem importar-me com quem possa incomodar, preparo a carreira grossa sobre a mesa com ajuda de uma das cartas do jogo. Foi-se o tempo em que me contentava com pequenas quantidades, hoje preciso de muito para saciar a necessidade do meu corpo. Fecho os olhos e quase posso ver a mistura voando pelas minhas vias aéreas, entrando em contato com os meus neurônios e fazendo a sua magia.

Boom!

Euforia. Coragem. Excitação. É isso que sinto quando estou sob efeito da droga. É como ter uns instantes de superpoderes

A música agitada tem um efeito potencializado, o som e as vozes das pessoas interagindo a minha volta parece crescente dentro da minha cabeça. Meus dedos tremem quando tento movimentar meus exércitos e acho graça. A energia é tão exacerbada que tenta extravasar por todos os lados.

— Chega, cara. — pede JP, indicando um dos seguranças do local fitando nossas ações. — Vai arranjar problemas.

— Parei! — esfrego o nariz na manga da camisa. — Parei.

Ele revira os olhos e bufa.

— É a terceira vez que você diz isso hoje, Marco. Se expulsarem a gente deste bar teremos que jogar no seu apartamento, porque está ficando difícil com vocês dois.

— JP parece a minha mina falando. — Walter caçoa.

— E eu estou errado, Waltinho?

— Errado não. Só chato. Pé no saco do caralho, vigiando o nariz dos outros.

— Eu não vigio o nariz de ninguém, seu idiota. Mas vamos combinar? É uma merda ter que aguentar vocês dois enfiando a cara nessa porra todas as noites. Daqui a pouco um cai morto e eu não vou chorar por macaco velho não.

— Ah! Vai tomar no cu, JP.

Os dois engatam uma discussão, Walter levanta a voz e chega a partir para cima de JP. Cocaína deixa qualquer um com peito de aço e se sentindo o dono da verdade.

Ailton entra no meio tentando acalmar as coisas, mas acaba perdendo a paciência com Walter e todos somos expulsos do bar. Não é a primeira vez e com certeza não será a última.

Irritados, cada um chama o seu Uber e vai embora.

Chega a ser engraçado. É sempre assim: Walter tem um perfil arrogante e apesar de ser um cara bacana na maior parte do tempo, tem seus momentos ruins. Comigo é menos frequente, provavelmente porque ele sabe onde pisa, mas com os outros caras sempre acontece. Quando não é uma discussão por jogo, é por comportamento ou por divergência de opiniões.

Chego em casa pensativo. Costuma ser assim quando os efeitos vão embora. A alegria dá lugar a depressão e com isso vem a vontade de voltar ao

estado de graça e o desejo de mais uma carreira. Costumo lidar bem com esses momentos descontando em meus desenhos.

A fase descontrolada de cheirar duas, três vezes por dia passou no momento em que quase perdi a minha vida há pouco menos de um ano atrás. Até ali eu estava com o botão de foda-se ligado e pouco me importava com as consequências. Hoje faço um uso digamos... recreativo.

Ou é nisso que prefiro acreditar.

A Dama do meu baralho

Damaris

Quando o relógio finalmente atinge o número sete, é como se o cansaço recebesse autorização para chegar. Mente e corpo entram em um consenso e determinam que acabou.

— Mais um dia para a conta. — Suellen, uma colega, diz enquanto arruma suas coisas.

— E que conta alta. — rebato com um sorriso amarelo.

— Pois é... E eu ainda tenho que passar no mercado, comprar mistura e enfrentar duas horas até em casa.

— E seus filhos, Suellen?

— Com o pai. Ele está desempregado há oito meses e desde então eu dobro o máximo de plantões que consigo. Alguém precisa colocar comida dentro de casa. Acho que acabamos invertendo os papéis naturalmente e está funcionando bem para nós.

Dito isso, ela sai.

Enfio minhas coisas dentro da mochila de qualquer forma, apressada para sentir a energia do sol. Minhas costas doem, meus pés imploram para serem libertados do sapato fechado e meus cabelos querem apenas voar livremente fora do perfeito coque que os aprisiona desde ontem.

Foram 24h de plantão.

Saio pelos corredores, passo a porta corta-fogo de aço vermelho brilhante e desço os lances de escada galopando. Eu poderia ir de elevador, mas não quero. Gosto da sensação de saltar os degraus de dois em dois contando os números pares até chegar ao térreo e sair pela porta dos fundos. Tenho mania de contar degraus, não importa onde esteja.

Não ser vista, não ter a obrigação moral de dizer: tchau, amigos. A porta dos fundos costuma ser a passagem favorita para os tímidos, já dizia um professor que tive no colegial.

Nasci e sempre morei em Osasco, nunca saí de São Paulo e não sinto

vontade. Fui criada pela minha bisavó. Minha mãe também foi criada por ela, engravidou de mim aos quatorze anos e quando eu tinha pouco mais de dois anos conheceu um argentino e saiu com ele pelo mundo, deixando-me para trás.

Graças a Deus tive a minha bisa até os dezenove e jamais senti falta da mãe que nunca tive.

Estou curvando o último lance antes da saída quando trombo junto as costas de um homem de jaleco. Minha testa bate forte contra ele, arremessando-o para frente. No susto, não vejo o que, mas algo que ele segurava cai no chão e ele xinga antes de virar para entender o acontecido.

— Eita! — digo envergonhada — Eu não imaginei que tivesse alguém parado aqui. Te machuquei?

— Não. — responde muito aborrecido.

Olhando para o que deixou cair, ele bufa. Olho, mas não vejo nada no chão.

— Eu te ajudo a procurar. O que caiu?

Finalmente nos olhamos. Eu: morta de vergonha. E ele: bravo, com um semblante aflito.

Reconheço o seu rosto. O homem do bar. Aquele que tanto chamou a minha atenção por seu porte, feições intensas e olhar.

Os olhos iluminados de um azul escuro e profundo, sombreados por pesadas sobrancelhas fazem o meu coração disparar. Meus pés se movem por si só e tropeço ao tentar dar um passo para trás. Caio sentada em um dos degraus, e ao tentar evitar maiores danos, bato o cotovelo em uma das quinas.

— Cuidado! — ele corre ao meu socorro, agacha a minha frente e segura o meu braço. — É normal você cair assim?

— Depende.

— Depende de que?

Puxo o cotovelo de sua mão e aperto com força, tentando estancar a dor sem precisar da sua ajuda. Estou na defensiva com a atitude íntima demais

para os meus padrões, mas a dor, e desconcentra.

Flertou comigo há dois dias e agora não me reconhece? Faça-me o favor.

— Afaste-se um pouco, por favor? — ele não me dá ouvidos e tenta tocar o meu braço novamente, então insisto — Eu pedi para você se afastar.

— Preciso olhar o seu braço.

Precisa? Pelo amor de Deus! Que drama por causa de um esbarrão à toa.

— Não está doendo tanto assim.

— Ah, vá enganar outro.

Ele segura meu punho e cotovelo, examina com atenção. Fico quieta, parte por estar sem jeito diante da sua proximidade, parte por estar encantada com o belo desenho do seu rosto anguloso e marcante.

Ok. Muito mais encantada do que sem jeito

Enquanto estou em segundo plano, aproveito para explorar os detalhes do rosto exótico com traços fortes. A barba imperfeita lhe dá um aspecto “sujo” e desleixado demais para alguém que veste um jaleco. Os médicos do MAH são polidos e superiores demais para sustentar uma imagem dessa.

— Você trabalha em que setor? — pergunta ele pegando-me de surpresa.

— Trabalho no terceiro andar, nos apartamentos. Sou auxiliar de enfermagem,

— Nunca te vi no hospital.

— Nem eu a você. — respondo olhando-o por cima dos meus óculos. Ajeito a armação que escorrega para a ponta do meu nariz, tentando parecer menos insegura.

Ele ri de mim e chacoalha a cabeça.

Seu sorriso me alegra de tão genuíno que é. Não parece um gesto

social, ou educado. Ele ri com humor, de mim e não para mim. Acha graça do meu desconcerto.

— Já te disseram que parece uma coruja com esses olhos enormes e narizinho de criança?

Não com tanta doçura.

— É uma crítica? — pergunto.

— Não tenho nenhuma crítica quanto a sua aparência. Apenas ao seu equilíbrio. Deve ser a primeira coruja com labirintite já vista.

A forma descontraída e o olhar de menino ganham um pedacinho mínimo de mim, e sem poder evitar, sorrio para ele. Por breves segundos baixo a guarda e se aproveitando do descuido, ele segura a minha mão. Com a sua ajuda, fico de pé percebendo então a nossa gritante diferença de altura e o nome em seu jaleco: *Dr. Marco Malamam*.

Ele é um Malamam!

Involuntariamente, minha postura enrijece, tento vestir a máscara profissional o mais rapidamente possível, afinal ele deve ser chefe do meu chefe em alguma instância. Nervosa, coço o nariz repetidas vezes. Aposto que ficou vermelho como o de um palhaço.

— Obrigada, doutor Malamam. — limpo a calça com tapinhas no bumbum — Desculpe pelo esbarrão, serei mais atenta a partir de agora.

Espero que ele saia do caminho, mas ele não sai.

— Você me atropela feito uma manada de gnus, quase me mata do coração às 7h da manhã, derruba o meu... o meu... — pensa — As minhas lentes de contato. E só agora, que leu o meu sobrenome pede desculpas?

— Nem reparei o seu sobrenome.

Oh! Por Deus por que estou mentindo.

— Você não leu? — pergunta como se eu fosse uma criança.

Bufo e concordo com a cabeça.

— Li. Claro que li.

— E o sobrenome escrito aqui me faz merecedor das suas desculpas?

Mas que merda!

— Não é isso... Quer dizer... Eu apenas sinto muito, ok?

Abaixo-me apoiando os joelhos no chão e começo a procurar pelas tais lentes que o fiz derrubar. Olho pelos cantos e tato a mão angustiada para reparar o dano que causei, porque não seria capaz de pagar por qualquer coisa este mês. Minha cachorrinha, Britz, engoliu um botão e precisou passar duas noites no veterinário, com isso usei todas as minhas economias.

Mas que meleca! Onde elas podem ter caído?

Com um gesto firme, suas mãos imobilizam as minhas e permanecemos os dois abaixados em silêncio. Estranhamente, é como se ele estivesse gostando e se divertindo com o meu desespero.

— Qual o seu nome, moça com olhos de coruja?

— Damaris. Damaris Santana. — respondo rapidamente.

— Vou levá-la para casa, ou para onde queira ir. Meu carro está no subsolo.

Que louco. Como assim me levar para casa?

— Não precisa. Vamos encontrar as suas lentes e depois vou embora.

— Não tem lente nenhuma, Damaris. Eu estava a caminho do estacionamento quando você me atropelou.

— Tem certeza? Você parecia estar segurando alguma coisa e falou sobre as lentes.

— Tenho sim.

Que estranho. Ele parecia aborrecido por derrubar alguma coisa. Achei ter visto um olhar aflito para o chão.

Tiro um peso das minhas costas e sorrio aliviada para ele.

— Oh, graças a Deus! Eu não poderia pagar por novas tão cedo. — sinto necessidade de esclarecer — Mas eu pagaria assim que possível.

Ele ergue a mão em direção ao subsolo.

— Aceita a minha carona?

Seria ótimo não precisar enfrentar transporte lotado depois de 24h de plantão, mas é melhor não.

— Realmente não precisa.

— Pare de ser teimosa.

— Pare de ser insistente. Isso é muito deselegante.

— Não sou conhecido pela minha elegância.

— Percebe-se.

Arregalo os olhos no segundo em que concluo a afirmação. Não foi intencional, mas soou completamente arrogante o que eu disse.

Doutor Marco abaixa a cabeça praticamente gargalhando. Seus olhos chegam a juntar lágrimas de tanto que ri.

— Quando te vi naquele bar você parecia ter tanta personalidade quanto agora. — *ele se lembra* — Achou que eu esqueceria dos seus olhos de coruja? Impossível.

— Nos vimos de longe.

— Perto o suficiente para eu saber que também me olhava. O que alguém tão tímida fazia em um bar cheio de gente bêbada? Pareceu um peixe fora d'água para mim.

— Era o aniversário da Suellen, uma amiga aqui do hospital. — digo afastando-me um pouco. Aproveito para alfinetá-lo. — Jogos de tabuleiro não são comuns nos bares de onde eu venho.

— Gosto de inovar.

— Oh claro! Parecia muito inovador. — cassou-o.

Rimos um do outro sem dizer nada. Quando a situação parece caminhar para um momento constrangedor, ele indica o próximo lance de escada para que eu desça até o subsolo onde deve estar o seu carro.

Seus olhos de gato vadio olham do alto, apertam formando uma linha firme tanto entre os cílios quanto entre os lábios. Seus dentes brancos aparecem sutilmente no convite tentador de estar com ele por mais alguns instantes.

Que decadente.

Ele deve pensar que estou me jogando para cima de tanto que o encaro. Pode parecer, mas não estou paquerando. Jamais faria isso. Estou enfeitiçada pelo tom inacreditável dos seus olhos e pela forma desavergonhada que me encaram.

A menina romântica, a adolescente melancólica que lia aos prantos os livros de Jojo Moyes, quer aceitar a “carona”. A mulher realista, reservada e consciente de que nada vem de graça, sabe qual a resposta dar.

— Obrigada, doutor Marco, só não posso aceitar.

— “Não posso”— ele ergue as mãos fazendo aspas no ar —, significa que quer, mas a formalidade a impede?

Engasgo.

Pergunto-me se todas as palavras saem dos seus lábios munidas de um sorriso cativante.

Deve ser fácil carregar toda beleza do mundo e usá-la a seu favor quando bem entender.

— O gato comeu a sua língua? — ele pergunta arrancando-me dos meus pensamentos.

— Apenas não posso. — ele ainda não parece convencido — Você é um completo desconhecido. Moro em Osasco e faço o mesmo caminho de olhos fechados. Provavelmente você não sabe nem como chegar ao meu bairro.

— Isso é um desafio?

Deus, que teimoso!

— Não. É uma constatação. Obrigada, mas vou sozinha.

Dando-se por vencido, ele abre a porta de ferro que nos separa da área externa do hospital e eu passo por ela.

— Vou acompanhá-la até o ponto de ônibus. — sussurra quase colado a minha orelha.

Caminhamos juntos. Meus passos são rápidos e ele não tem a menor dificuldade em me acompanhar. O ponto onde passa a minha condução fica há duas quadras do hospital e a calçada está cheia de pessoas indo e vindo, esbarrando nos ombros uns dos outros. Uma senhora com a pele enrugada e os cabelos grisalhos pela idade, vende guarda-chuvas e grita oferecendo a sua mercadoria. As chuvas de janeiro são frequentes e a qualquer momento podemos ser surpreendidos pelas gotas frias.

Quando o ônibus aponta na esquina aperto o passo e digo sem olhar para trás.

— Até qualquer dia doutor Marco.

Ele não responde.

Empurra daqui, espreme dali, pouco a pouco todos conseguimos embarcar. Passo o meu cartão pela roleta e com muita destreza consigo um lugar onde eu possa ao menos segurar as barras de metal para não cair. Olho para fora, busco entre as pessoas que ficaram na calçada, mas não vejo o Dr. Marco.

Fez tanta questão de me acompanhar e não ficou nem um segundo. Grande cavalheiro de meia tigela.

— Quantas conduções você pega para chegar em casa?

Assusto-me.

Olho por cima do ombro o suficiente para confirmar a quem pertence a voz.

— Como entrou aqui?

— Isso é o que se espera de um transporte público. Você faz sinal e ele para, então todos embarcam, pagam a passagem e seguem seus destinos. — responde com um alto nível de sarcasmo.

— Quis dizer que não o vi subir.

— Ser distraída é um charme.

Ele fala sussurrando ao pé do meu ouvido.

Evito olhar para ele porque seria incapaz de segurar o sorriso. Já não basta concordar com um completo desconhecido me acompanhando até em casa, não preciso ser amistosa com ele.

A cada parada o ambiente fica mais e mais apertado, as pessoas se espremem ao máximo e com isso o Dr. Marco parece uma carcaça fundida as minhas costas. Em alguns momentos, ele apoia o queixo no topo da minha cabeça e diz que tenho talento para apoio.

Passamos um longo e cansativo tempo na companhia um do outro e preciso admitir que aproveitei cada segundo. Os comentários inteligentes e engraçados tornaram a penosa viagem, algo divertido e leve.

— Eu vou descer no próximo ponto.

— Nós vamos. — ele corrige.

— Você não precisa fazer isso, doutor. Mais dois pontos e conseguirá pegar um seletivo de volta.

— Estou descobrindo seus traços de personalidade. Ingratidão é algo que devo acrescentar?

Claro que não. Minha bisa me educou muito bem.

— Não! Por quê?

— Eu espero ao menos um café.

Peço licença as pessoas e abro passagem. Ele vem no meu encalço.

— Não tomo café.

— Que coincidência, eu também não.

— Deve ser o único médico daquele hospital que não gosta de café. Todos parecem movidos a isso.

— Tem a ver com horas de estudo em cima dos livros e madrugadas de

plantão.

— Isso eu também faço. — movo os ombros demonstrando indiferença.

— Na faculdade de medicina aprendemos duas coisas. A primeira é que nunca deixaremos de estudar. A segunda é que café faz milagre. No meu caso não resolve. Preciso de coisa bem mais forte.

Em um gesto carinhoso, porém firme, ele levanta a alça da minha mochila que escorregava para fora do ombro. O ato sutil chama a minha atenção.

— Tenho chá de hortelã. — digo vencida pelo seu carisma e persistência.

O máximo que pode acontecer, sou eu me arrepender um pouco.

— Amo hortelã! — ele responde.

O novo pode ser bom

Damaris

Desembarcamos. Sigo caminhando fingindo costume com ele ao meu lado carregando uma bolsa cargo preta pendurada no ombro e eu com a minha mochila floral da Capricho. Pareço uma menina ao seu lado. Meus tênis e óculos passam uma imagem bastante jovial, provavelmente imprimo ter uns dezessete anos.

Percebo o olhar das pessoas, imagino o que devem estar pensando ao verem um homem tão... atraente ao lado de uma mulher normal. Não que eu tenha problemas com a autoestima, porque acho que não tenho. Mas sejamos realistas. Caras da elite: altos, bonitos e que andam com gente da elite, saem com mulheres em patamar de igualdade.

— Não passa ônibus dentro do seu bairro? — ele pergunta olhando para mim.

— Passa, mas eu prefiro economizar e fazer a caminhada. É a minha única atividade física.

E já está ótimo.

— Dez minutos de caminhada é um ótimo exercício. Só acho inseguro andar sozinha.

— Não são dez minutos. Ainda temos mais uns quinze pela frente. — zombo — E eu moro aqui desde que nasci, nunca sofri nada.

— Quantos anos tem agora?

— Vinte e alguns. Isso não importa. E você?

— Vinte e nove. — Uau! Parece bem mais — O que foi?

— Parece mais velho... Uns cinco anos mais velho.

Meu comentário o deixa sem graça por um momento. Percebo em seus olhos que parecer mais velho não é algo novo para ele.

— Todos acham que sou mais velho que o meu irmão do meio, mas sou o caçula de três.

— Vocês têm quantos anos de diferença?

— Eu tenho 29, Matteo 31 e Nina 36.

— Engraçado, nunca cruzei com nenhum de vocês no hospital.

Olho para ele a espera do que vai dizer, no entanto permanecemos nos olhando sem dizer nada.

Distraída, tropeço em um ressalto da calçada e por pouco não caio. Dr. Marco agilmente segura o meu braço e impede que eu vá de cara ao chão.

Sou tão atrapalhada que por mais que tente focar em uma ação, sempre aparece alguma coisa para me distrair. Olhar para os maliciosos olhos dele e manter minhas pernas funcionando não deu certo.

— Se machucou?

— Não. — respondo. Um pouco irritada, continuo. — Você pode me soltar agora.

Ele levanta as mãos.

— O que foi que eu fiz?

Prendo os fios de cabelo atrás das orelhas. Algo que sempre faço quando percebo um erro. Ele não fez nada de errado, foi apenas gentil e eu com as minhas barreiras levantadas.

— Desculpe. — peço envergonhada.

— Além de desastrada, a senhorita é bipolar, sabia? — sorrio e ele aproveita a deixa. — Será que aquela é uma boa padaria?

Olho para o local a que ele se refere com um sorriso discreto no rosto.

— Ali tem o melhor pão com mortadela de Osasco. Arrisco dizer que não há igual, nem mesmo em São Paulo inteira.

— Hum! Vamos conferir. — segura a minha mão e atravessamos a rua.

Estranho um pouco a intimidade, mas penso que tinha movimento de carro, então ele quis evitar que eu fosse atropelada com todo o meu desastre ambulante.

A padaria bem bairrista é tomada por um enorme balcão com salgados e pães. O cheiro de café passado na hora chega antes de qualquer coisa, fazendo meu estômago roncar de fome.

Dr. Marco explora o lugar interessado. Vejo nele um homem simples, amigável e muito divertido. Cumprimenta as pessoas, brinca com crianças e, como se não bastasse, chama a atenção de todas as mulheres em um raio de cem metros. Inacreditável.

— Chegando do hospital, filha? — minha madrinha pergunta ao notar a minha presença.

— Tô sim, dinda. Foi puxado, mas acabou. Agora só domingo à noite.

Posso dizer que tive duas mães. Minha bisa, que me criou e que estará para sempre em meu coração, e minha madrinha, Santa. Ela toca esta padaria sozinha desde que o marido morreu, a deixando com um filho pequeno, Jean. Trabalhando na padaria e fazendo bolos para encomenda, perdeu o controle sobre o filho e antes dele completar 17 anos, foi morto pelo tráfico por dívida de droga. Tínhamos a mesma idade.

Dr. Marco volta do seu tour com um pacote de sequilhos e torradas. Ele para bem atrás de mim e logo puxa conversa.

— Prazer, sou Marco, amigo da Damaris.

Minha madrinha olha para ele encantada. Não tem como alguém resistir ao sorriso de menino que ele ostenta.

— Prazer, Marco! Sou Santa, madrinha da Dama. — ela coloca uma xícara sobre o balcão e o serve. — Vocês trabalham juntos?

— Trabalhamos sim. Esta moça me trouxe para conhecer a casa onde mora. Sabe como é... Só para eu ter certeza que ela não é uma miragem de tão linda.

Olho para ele espantada e engasgo. Só pode ser brincadeira! Olho para a minha madrinha e vejo que está se divertindo com o meu espanto. Não só ela. Dr. Marco mastiga os seus sequilhos com uma cara de quem não sabe o que fez.

— Fico feliz, rapaz. Só tenha juízo, porque a minha menina não é de ouro, é de cristal.

Marco perde o brilho por um instante, mas volta ao seu espírito de menino. Foi rápido, mas eu percebi o exato momento que ele captou a mensagem.

— Madrinha, eu vou querer um pão com mortadela daqueles. Estou morta de fome. — corto o clima. — Dr. Marco, quer alguma coisa?

Ele chega bem perto da minha orelha e diz:

— Se continuar me chamando de doutor, vou passar a chamá-la de senhorita. Seja mais leve. — pisca — Estamos em um encontro, Dama.

— Não estamos.

— Café da manhã juntinhos depois de doze horas de plantão, com direito a conhecer a sua madrinha. Acho que isso é um encontro.

Oh que presunçoso!

E quem disse que eu sairia com ele para um encontro?

Meu pão chega acompanhado de um pingado. Como sem olhar para ele, mas sinto que me observa. Ficamos assim. Ele pede o mesmo que eu, se diverte com o seu poder em me deixar encabulada. É impossível não ficar, pois ele é o tipo de pessoa que encara, provoca e instiga.

Entre uma mordida e outra, Marco faz perguntas. Quer saber sobre a minha vida, meus gostos e minha família. Respondo sem dar muitos detalhes, mas ele sempre insiste e vem com novos questionamentos.

Incomodada, dou o troco na mesma moeda e atiro perguntas para todos os lados.

— Você atende em qual especialidade? — Bingo! Isso o faz recuar por algum motivo.

Depois de uma mordida bem generosa, ele finalmente responde.

— Sou residente em cirurgia geral. Estou no último ano. — olho-o surpresa. — O que foi?

— Claro que não. É que eu esperava que todos os membros da sua família fossem médicos já... conceituados. Entende? Sei lá... talvez vocês já nasçam de jaleco e estetoscópio pendurado no pescoço.

— É o que todos esperam. — diz ele balançando a cabeça.

— Isso é um problema?

— Eu ainda ser o único residente da família aos 29 anos? Não. Problema é nunca atender as expectativas, principalmente depois que as pessoas descobrem o meu nome. Imagine isso em uma festa de final de ano da família.

Uau! Alguém é mordido com a família.

— Pense pelo lado bom, você poderia nunca ter passado no vestibular... poderia ter escolhido veterinária.

— Que malvada! — brinca — Ser um residente nunca foi um problema, até porque, se sou um, mereci chegar até aqui. São poucas vagas para muitos generalistas recém-formados. Passar na prova é uma vitória.

Eu sei que é. Vejo o quanto os residentes do meu andar se matam de trabalhar e estudar, muitos vindos de outros estados, virando noite em busca de uma boa colocação.

— Então você é a ovelha negra da família.

Minha afirmação é tão sincera que me choca. Foi apenas uma constatação, mas parando para pensar, sinto que falei demais.

Ao contrário de mim, Marco não se importa.

— Na mosca. — diz com os olhos cerrados.

— O que te faz diferente dos demais?

— Nunca tive certeza do que queria. A escolha do curso foi sofrida. Acabei ficando com medicina, afinal parecia o caminho mais obvio. — ele pensa um pouco. Seus olhos se perdem — Meu irmão me inspirou muito desde sempre. Depois que ele entrou na faculdade... bem... segui o mesmo caminho.

— Pensei que o seu pai seria a inspiração.

— Todos pensam.

— Demorou a se decidir?

Ele gargalha tanto que fica sem ar.

— Demorei a passar. Entrei na universidade com vinte anos, enquanto meus irmãos conseguiram de primeira aos 17. Me formei na média, e nada mais que isso. Passei para a prova de residência depois de meses estudando com Matteo no meu encalço.

— E por que cirurgia geral? — pergunto curiosa.

— Porque pretendo fazer cirurgia cardiovascular. É um pré-requisito.

Não conheço todos pessoalmente, mas sei que o diretor da unidade do Rio, Lorenzo Malamam, é cirurgião cardíaco.

— Você tem um tio famoso que é dessa área. Li algumas coisas sobre ele.

Ele confirma com a cabeça.

Depois desta conversa íntima e reveladora, saímos caminhando lado a lado. Ele mais calado que antes e eu surpreendentemente feliz com a sua companhia.

Minha rua costuma ter um certo movimento, pessoas com suas cadeiras na calçada e crianças brincando. É uma região bastante populosa: moradores antigos, onde todos sabem da rotina e da vida uns dos outros. Comigo não seria diferente. Talvez por todos saberem da minha história, e terem me visto crescer, é ainda mais difícil manter qualquer tipo de privacidade.

Quanto mais perto chegamos da minha casa, mais rostos se viram para nós. Uma vizinha grita da janela “chegou cedo, Damaris” e outra deixa escapar aquele sorrisinho desconfiado. Obviamente um homem ao meu lado desperta a curiosidade de todos.

— Lugar caloroso. — observa Marco.

— Indiscreto, você quer dizer.

Ele abaixa a cabeça e sorri, confirmando a minha correção.

— Vamos dar mais assunto para eles. — confiante, ele segura a minha mão — Estamos chegando?

Olho para as nossas mãos unidas, a diferença é gritante entre elas. Sua palma é larga e longa, seus dedos compridos, tão grandes que me sinto uma menininha.

— Minha casa é aquela com a jabuticabeira. — aponto o dedo no ar.

Ele olha para o muro baixo precisando de reforma. A casa está bem velhinha, precisa de grandes reformas, mas com o que ganho não consigo investir em obras agora.

De longe consigo escutar os latidos desesperados de Britz. Quem escuta pensa que deve estar morrendo. Tadinha. Nos meus plantões ela fica sozinha e desconta a saudade quando chego.

— Aposto que aquele pé é mais velho do que eu e você juntos.

— Quem a plantou foi a minha bisa, há muitos e muitos anos, ainda era jovem. Isso foi logo que ela comprou o terreno. A árvore veio antes mesmo dos primeiros tijolos da casa.

Chegando ao portão verde-musgo de ferro fundido preciso brigar um pouco com a tranca para conseguir abrir. Marco vê o meu embaraço e usa a força para me ajudar e isso resolve o problema. Tenho que admitir que homem tem lá a sua utilidade.

Minha calça branca ganha várias patinhas sujas de terra. Britz não sabe se pula ou se late e na euforia acaba fazendo xixi.

— Desculpa, ela é muito carente. Caramba, sua roupa!

Ele olha para as próprias pernas vendo a bagunça feita por essa pestinha, mas nem se incomoda.

— Não esquenta. Eu amo cachorro. Quando criança eu tinha um porco.

— Um porco? Tipo porco mesmo? — pergunto rindo.

Quem tem um porco?

— Na verdade foi minha irmã que ganhou, mas era meu também. Ele veio da casa dos meus avós maternos.

Um pouco desconfortável com a presença de outra pessoa, entro e coloco as chaves no cinzeiro sobre a mesinha que fica ao lado da porta. Essa é a única utilidade que ele tem, porque nunca fumei para usá-lo.

Minha casa é normal. Não de mais ou de menos. Os móveis são praticamente os mesmos desde sempre, apenas um ou outro foi trocado, somente quando necessário. Meu sofá é daqueles com braço de madeira e estampa floral, o chão vermelho bem encerado e as janelas de vidro canelado. Tudo que estava na moda há uns... Sei lá... sessenta anos atrás.

— Pode ficar à vontade. Eu vou só lavar as mãos e já volto. — digo a ele.

No banheiro, jogo uma água no rosto e mirando fixamente o espelho, me pergunto: o que passou pela minha cabeça quando aceitei trazer esse cara aqui?

Tudo bem, pelo menos sei quem ele é. Não fui uma completa idiota, só um pouco.

Volto com um sorriso amarelo no rosto. Ele está de pé examinando tudo a sua volta. Britz surpreendentemente não deixou o seu lado. Cachorrinha traidora.

— Sua casa é muito moderna. — diz ele com as sobrancelhas erguidas.

— Achou? É a minha cara. — correspondo ao sarcasmo.

— Você manteve tudo que a sua avó deixou mesmo.

— Minha bisavó. — corrijo-o — E não mantive tudo. A geladeira precisou ser trocada porque gastava demais e agora tenho um micro-ondas.

— Uau! Não esperava por um micro-ondas. Talvez uma lamparina, mas micro-ondas jamais.

— Que exagerado!

— Tem onze santinhos sobre aquela mesa. Não sou eu o exagerado

aqui.

Olho para a onde ele aponta. Realmente tenho muitas imagens diferentes de Nossa Senhora, mas eram da minha bisa e não vejo motivo para guardá-las.

— Eram... — começo a me justificar, mas ele completa a frase por mim.

— Da sua avó.

Intrometido.

— Minha bisa.

— Isso!

Ele vai até as imagens e pergunta o nome de cada uma delas. A princípio acredito que seja para caçoar, mas quando começo a falar vejo o interesse e acabo dando os detalhes e as histórias de cada uma.

Enquanto falo, percebo a forma como ele me olha. Isso deveria me incomodar, mas não. Duelamos. Enquanto ele sustenta o olhar desafiador, eu faço o mesmo, olhando diretamente em seus olhos sem titubear.

— Você mora sozinha aqui?

— Moro.

— Não é complicado para uma mulher tão jovem? — pergunta olhando em volta.

— Umas vezes mais do que outras. Essa semana tem sido complicada.

Só de lembrar já me irrita.

— O que houve?

— Meu chuveiro queimou, uma barata entrou voando pela janela, o gás acabou, minha cachorrinha comeu um botão e precisei pedir ajuda para um vizinho que tem carro. — esfrego as mãos no rosto bufando — Acho que meu anjo da guarda tirou férias.

— Você tem a resistência para trocar? Se tiver posso fazer. Meu

chuveiro é a gás, mas acho que encontro um tutorial na internet. Não deve ser difícil.

Acho que meus olhos brilharam com a possibilidade de voltar a tomar banho quente. Corri à dispensa, peguei o que ele precisava e agradei por ser tão prestativo. Provavelmente a minha reação foi um tanto exagerada porque sua expressão foi indecifrável, mas engraçada.

— Você precisa de alguma outra coisa? — pergunto da porta do banheiro enquanto ele já está sobre uma cadeira.

— Tem certeza que desligou o disjuntor?

— Tenho.

Estou completamente sem jeito. Não sei se fico aqui de pé, se preparo alguma coisa gelada para ele beber ou se espero na sala.

Enquanto espero, observo o homem a minha frente. Ele é mais atraente do que qualquer outro, encantador de onde quer que se olhe. Não se trata apenas de beleza. Marco tem um charme diferente, seus olhos cativam, sua voz tem um timbre mágico.

— Vou esperar na sala. — digo saindo apressada.

Abro as janelas, deixo o ar entrar e tento me ocupar com as coisas que tenho para fazer, como alimentar Britz. Imagino o que as pessoas estão comentando na rua. Deixo que ele trabalhe enquanto rego as flores do quintal. A horta tem me distraído nos últimos meses. Descobri verdadeiro amor pelas minhas plantinhas. O pé de tomate carregado me enche de orgulho. Finalmente consegui.

Que coisa louca! — penso com um sorriso discreto. — Eu estava em mais um dia normal, seguindo o meu caminho e, de repente, trombei com alguém, um estranho, um desconhecido... na verdade conhecido de nome... de sobrenome.

Agora estou aqui. Marco passou de um desconhecido/conhecido para o cara que está consertando o meu chuveiro depois de tomarmos café da manhã juntos.

Abro a mangueira e deixo a água cair livremente sobre a terra seca molhando e levando tudo o que minhas plantas precisam. Gosto do cultivo, de saber que algo depende de mim e irá evoluir com a minha ajuda. O tempo que dedico ao jardim higieniza a minha mente e me relaxa.

— Você parece alheia ao mundo. — ouço a voz dele atrás de mim — Em que está pensando agora?

— No quanto é bom ter algo vivo para cuidar.

— Pela forma que olha para elas, acredito.

Desligo o registro, vou até um canto onde tenho vasos com mini rosas e pego um deles. Está florido e os tons de amarelo são intensos.

— Quero que fique com esta. — ofereço com os braços esticados — Aceite como gratidão pelo chuveiro.

Mesmo relutante, ele pega, olha e sorri para o presente.

— Bom, acho que temos algumas horas de sono para colocar em dia. — encaro-o esperando que entenda a indireta. Ele desvia o olhar para a sua nova planta.

— É plantinha, ou ela está me convidando para dormir ou para sair.

Que descarado!

— Com certeza é para sair.

— Imaginei.

Água e óleo

Marco

Matteo esfrega o rosto e procura o celular debaixo do travesseiro para olhar a hora. São 10h da manhã e ele estava dormindo quando cheguei, mas tenho a sua chave e ele a minha. O que não é estranho considerando que moramos no mesmo prédio, dividimos a mesma diarista, roupas, livros.

E como nunca tenho comida em casa, sempre assalto a sua geladeira.

— E você nunca tinha a visto antes? — ele pergunta depois de escutar tudo que contei sobre Damaris.

Nem mesmo passei em casa, vim direto falar com ele.

— Não.

— Sabe que eu estava de plantão não sabe? — boceja.

— Unhum! Eu também estava, lembra? — mordo a maçã que peguei na cozinha.

Vendo a minha expressão entusiasmada, ele desiste de dormir e resolve me dar atenção. Não sou bom em administrar sentimentos, preciso falar e colocar para fora quando a coisa é grande demais. Matteo é um bom ouvinte, e um ótimo irmão.

— Tá. Já acordei, agora fala.

Arranco os sapatos e ocupo o outro lado da cama enquanto ele liga a tv e pula de canal em canal.

— Não tenho mais o que falar, foi só isso que te contei. Arrumei o chuveiro dela e depois vim embora de taxi. Procurei o perfil nas redes sociais, mas ela mantém a conta privada e ainda não aceitou a minha solicitação de amizade.

— Perseguir pessoas pela internet parece coisa de gente desequilibrada.

— Estou pesquisando. Em que mundo você vive, Matteo? Hoje em dia, antes mesmo de pedir o telefone a gente pede o @.

— Poderia começar pelos recursos humanos do hospital. — sugere.

Jogo a maçã para o alto e aceno com a cabeça.

— Quem parece desequilibrado agora?

— E desde quando você se preocupa em fazer as coisas do jeito certo, Marco? — olho torto para ele, mas o que recebo de volta é deboche — O que é?

É... pode ser.

Uma luta de ufc começa na televisão e aproveitamos para assistir e comentar. Eu e meu irmão praticamos jiu jitsu desde criança. Ele sempre foi mais dedicado a tudo que fazia, porém, este não era o caso dos treinos.

— Está tudo bem com você? — ele pergunta.

— Tá sim.

— Nenhuma novidade que eu deva saber?

— A mais importante eu já te contei. — respondo, um pouco ríspido.

— Ok. Qualquer coisa, estou aqui para você.

— Eu sei, Matteo. Eu sei.

E realmente sei a que ele se refere.

Matteo nunca irá esquecer o que passamos; o que eu fiz todos passarem há um ano atrás.

Foi o pior momento da minha vida.

Lembro-me de quase nada, apenas o depois. Por pouco não perco a vida. Infelizmente perdi mais do que a credibilidade com os meus pais. Coisa que eu já não tinha em grande conta. Eu sei que a esperança deles foi extinta, reduzida às orações da minha mãe. Ela faz o seu melhor para encurtar o abismo que se formou entre mim e meu pai, mas quem dera fosse tão simples.

Não foi uma maconha na mochila, um acidente de trânsito ou briga de

bar. Sofri uma overdose por abuso de cocaína.

Naquela noite perdi o controle, exagerei. A sensação de poder e superioridade é viciante, e o que vem depois é o que nos torna dependentes do pó. Conforme o efeito passa, vem a depressão, o vazio e a necessidade de voltar à euforia de antes. Não foram duas ou três carreiras. Foram muitas. E no momento em que vi, estava internado no hospital onde eu deveria cuidar das pessoas. Foi um erro idiota de cálculo... não vai acontecer outra vez.

— JP e Ailton se preocupam com você, Marco. — Matteo fala depois de sentar e colocar a televisão no mudo.

Putá merda! Eu deveria ter ido direto para o meu apartamento.

— Qual é... — tento começar e me defender, mas ele me impede.

— Não. — levanta o dedo em riste — Vamos conversar. Eles são seus amigos. Estão preocupados com o seu bem-estar, com a sua vida.

— Tem gente demais preocupada com a minha vida. — bufo.

— Tem usado, não tem? Continua se entupindo dessa merda que quase te matou.

Saio da cama, andando de um lado para o outro. Este assunto me irrita. Por que todo mundo acha que pode chegar e me questionar sobre isso? Minha vida, desde o incidente, virou interesse comum de todos.

— Matteo, tenho controle do que eu faço, acredite. Pelo amor de Deus! Uso desde sempre, nunca tive problema com nada. Sei me controlar. Foi apenas aquela vez que...

— Que você quase MORREU! — ele grita. Está nervoso e eu também estou ficando.

Coço a minha cabeça na tentativa de resfriá-la. Andar não está ajudando. É impressionante como um dia pode piorar de uma hora para a outra.

— Vou para o meu apartamento. O clima aqui está um saco. — dou as costas para ele.

— Vai fugir.

— Foda-se.

Caminho a passos largos pelo corredor, mas ele não desiste. Matteo vem atrás de mim cuspidando regras a fim de me converter em um santo homem antes que eu chegue ao elevador.

— É isso que quer, Marco? — grita — Vai acabar se matando e levando a mamãe com você. Ela nunca suportaria te perder, sabe disso. Como pode ser tão egoísta com a sua família?

— Acha que gosto de ser o “problema” dos outros?

— Nenhum de nós suporta mais segurar a sua bomba relógio. Você é um VICIADO. Admita!

Viro-me para ele com os olhos em brasa. Meus músculos tensionados de raiva, o cenho franzido e o sangue latejando em meu pescoço. Sinto que posso explodir.

Admitir? Quem no inferno ele pensa que é?

— Você é um viciado em organização: toalhas brancas, cuecas brancas, quadros alinhados. — digo cada item zombando — Será que isso não é doença? Nina enlouquece a todos, precisa comandar tudo. E o nosso pai? Acho que temos um problema com controle ali, não é mesmo? — aperto o botão do elevador e volto apontando o dedo para Matteo. Estou irritado, cuspidando cada palavra. — Cada membro dessa família tem o seu próprio vício, sua droga particular onde descarrega os problemas. Cuide de você, irmãozinho.

— E nada disso mata.

— Até atravessar a rua mata, irmão. Pelo menos eu morro feliz. — ironizo.

Ele desiste. Vejo em seu rosto que cansou de discutir.

— Quer saber, Marco: faz o que quiser. Vá para casa e cheire até o reboco das paredes. Você está certo. Errado estou eu em me preocupar com quem não vale o esforço.

— Vou mesmo. Só assim para me livrar dessa merda que jogou em

mim.

Quando abro a porta para sair, ele diz:

— Espero que a tal Damaris não se importe de namorar um viciado. —
olho-o sério — Pelo que disse, ela parece ser uma mulher esperta, daqueles
que corre quando enxerga um problema sem solução.

Sem responder, bato a porta e vou embora.

Se Matteo queria acabar com o meu humor, ele conseguiu. E se
pretendia me deixar inseguro sobre Damaris, foi muito bem-sucedido.

Ela é uma menina mulher que só de olhar é possível identificar a
timidez, a força e principalmente a retidão. Damaris lembra aquelas meninas
nerds que levam frutas para a professora e sempre anotam os recados no
canto do caderno. Sempre se escondendo por trás dos óculos fundo de garrafa
e de pilhas de livros.

Foi esclarecedor entrar naquela casa e saber mais sobre a sua realidade.
A simplicidade do local, os detalhes e a organização. Tudo deixando claro a
personalidade de Damaris. Ela nitidamente valoriza as memórias, as
lembranças do passado e o controle. Não pude deixar de reparar.

Em meu apartamento, ainda sob o efeito físico da briga com Matteo,
fecho as cortinas do meu quarto e coloco a temperatura do ar condicionado
no grau mais baixo possível. Tomo um banho, faço anotações mentais e
reflexões sobre a discussão.

Eu detesto brigar com o meu irmão.

Brigo sabendo que estou errado, só para não sair por baixo. É ridículo,
eu sei, mas quem tem irmão entende o que quero dizer. E quando o seu irmão
é alguém tão reto; pior.

Quando saio do banheiro vejo doze chamadas não atendidas em meu
telefone. É Walter, provavelmente para saber se estou em casa e vir aqui. Sei
o que ele quer. Eu também quero... mas não vou.

Sem me preocupar em colocar roupa, arranco o edredom da cama e me
jogo como uma criança. As molas me fazem quicar e trazem um instante de

divertimento.

Depois de 24h de plantão, um passeio pelo transporte público de São Paulo, serviço de eletricista e o estresse familiar, tudo que eu preciso é dormir.

Giro de um lado para o outro, soco o travesseiro e ligo a televisão. Estou inquieto. Mesmo cansado meu corpo permanece elétrico, os pensamentos dão voltas e mais voltas.

— Que merda! — arremesso um travesseiro contra a parede.

Na escuridão do quarto, meu celular acende e vejo o nome de Walter aparecer.

Insistente pra porra!

— Fala. — atendo.

— Tá em casa?

Eu sabia.

— Não.

— Tudo bem, cara? Tá estranho para caramba.

— Vou ter que desligar, Walter. Depois nos falamos. — finalizo a ligação e desligo o telefone.

Não vou cheirar hoje. Não preciso cheirar. Estou bem. Eles não dizem que sou um viciado incapaz de controlar o próprio corpo? Pois bem... mas não sou.

Não vou cheirar. Vou dormir.

Sacudo as pernas por baixo da coberta, meus dedos coçam para ligar para Walter e mandar que ele venha e traga pó o suficiente para uma semana.

Não vou fazer isso. Dorme, dorme...

Tento outra vez. Fecho os olhos, me esforço para ficar quieto e ser tomado pelo sono, mas é tempo perdido. Os minutos passam, a angústia só aumenta e por fim, me dou por vencido.

Visto uma cueca e encontro o contato certo. Faço uma única ligação e não demora até que o porteiro interfona avisando que minha encomenda está subindo.

Ligar para Walter seria um erro. Acompanhado cheiro bem mais do que quando estou sozinho.

Só uma carreira, depois vou dormir.

Vantagens da vida moderna: delivery de cocaína.

Meu apartamento tem três quartos: o meu, o de visitas que foi reivindicado por Melinda, e o estúdio. Quando estou em casa passo a maior parte do tempo no terceiro, é lá onde coloco minhas ideias no lugar. Definitivamente não se trata de algo escondido ou misterioso, mas sim de um canto muito, muito particular.

A luz está perfeita, atravessa as enormes janelas de vidro e ilumina todo o ambiente. O que facilita bastante as coisas.

Posiciono o cavalete, escolho uma tela em branco e alguns pedaços de carvão vegetal. Estas são as coisas de que precisarei nas próximas horas.

Em um banquinho lateral, faço três carreiras. Eu disse que seria apenas uma, mas o cara trouxe um pouco a mais e fiquei com tudo. O pó branco se destaca sobre a madeira escura e quase brilha. Aos meus olhos ele brilha sim, parece vivo chamando por mim.

Antes do primeiro traço, colo o nariz a madeira e puxo tudo de uma vez, trazendo para dentro do meu corpo cada mísera poeirinha. O efeito não é imediato. Fico de pé fitando a tela vazia enquanto as células do corpo são pouco a pouco afetadas.

Estou mais do que familiarizado com isso.

A adrenalina aumenta milhares de vezes dando ao corpo e a mente uma agilidade que antes não tinha. A tela, antes branca, ganha os primeiros rabiscos, traços longos e marcados ainda sem uma forma definida. De repente minha cabeça é um mar de inspiração.

É tudo muito rápido. Cada vez mais rápido, logo preciso repetir e outra

vez, novamente, mais e mais. Minhas narinas começam a sangrar, minhas mãos tremem. Nada passa despercebido é como se os meus sentidos estivessem multiplicados.

Essa é a parte ruim. Uma hora tudo passa.

Ao passo que a lucidez volta, pego-me deitado sobre o chão em posição fetal.

Não sei como vim parar aqui.

Pisco os olhos, foco longe, onde a tela está caída próximo a janela. Em algum momento devo tê-la arremessado. Não me surpreende o que está retratado ali, pois é exatamente no que estou pensando agora, mesmo sem querer pensar.

O mesmo rosto dentro e fora da minha mente.

— Não fiz um bom trabalho, você é mais bonita pessoalmente. Eu jamais conseguiria reproduzir a sua beleza, Dama. — digo conversando com a tela. Já está escuro lá fora.

Procuro pelo meu telefone e o encontro junto de outros desenhos amontoados num canto. Não sei há quanto tempo estou aqui. Este é um mundo particular escondido por um eu que nem sempre partilha das suas mazelas. A droga solta um Marco que quase sempre está escondido. Entre rabiscos nas telas em branco e socos no saco de areia pendurado no teto, mantenho preso nestes doze metros quadrados o meu lado feio, torto, indesejado.

20h37min

Enrolado na toalha obrigo-me a comer mesmo sem fome. Um barulho na porta me faz sorrir. Estou de costas para a entrada, mas sei exatamente do que se trata. Continuo sentado em um dos bancos da ilha remexendo a vasilha de cereais.

Aposto que ele vai começar com “que merda você tem na cabeça”.

— Marco, que merda você tem na cabeça. Estou te ligando há horas.

Não falei?

— Eu estava dormindo. Trabalhei a noite inteira, lembra?

— O porteiro me disse que entregaram algo aqui.

— Já reparou que esse cara cuida mais da minha vida do que da portaria? Aposto que ele sabe até o tamanho do meu pau.. — digo sem olhar para meu irmão.

— Deixe de brincadeira e olhe para mim. — não faço — Olhe para mim, Marco!

Levanto o rosto, encaro-o tentando parecer normal, mas no fundo sei que é impossível. Depois de tanta droga o corpo dá seus sinais e qualquer um que conheça é capaz de identificar.

Matteo para diante de mim, segura o meu queixo como se eu fosse uma criança e sorri com raiva. Conheço-o bem para saber que está lutando contra a vontade de me socar.

Ah! Nem é para tanto.

— Eu vou embora. — diz puto — Só precisava me certificar de que estava vivo.

Quando ele sai, apoio a cabeça sobre a pedra fria. *Odeio-me por isso. Dilacera-me ferir dessa forma a pessoa que me amo, magoá-lo tão profundamente e não conseguir encontrar as razões para tal coisa.*

É obvio que eu queria ser diferente. Só não consigo.

0h08min

A noite todos os gatos são pardos. Todos os corpos são livres e os desejos flutuam.

Por isso estou aqui. Enquanto uma boca sacia o meu desejo, em uma mão equilíbrio um copo e com a outra dito o ritmo dos movimentos. Seguro firme os cabelos da mulher empenhada em me fazer gozar, empurro até o talo fazendo-a engasgar com meu pau na garganta.

— Mais forte. — gemo perto do orgasmo.

E quando finalmente termina, levanto, fecho o zíper, deixo algumas notas sobre o criado mudo e saio.

Um doce pelo seu sorriso

Damaris

Tenho uma hora de intervalo, porém, comer depois de trocar os curativos das escaras da senhora do 302, não está nos meus planos. Compro um saquinho de castanhas e sento-me na escada de incêndio para esperar o tempo passar na companhia de um bom livro.

A comum imagem da enfermeira com o dedo a frente da boca pedindo silêncio não cala o som ambiente de um hospital. A sirene das ambulâncias, as rodinhas das macas chiando em contato com o piso, solados de borracha correndo para salvar a próxima vida em risco. Tudo isso grita.

Por que estou aqui? Onde eu estava com a cabeça quando escolhi trabalhar com o ser humano em seu pior momento?

Essas são perguntas que sempre me faço. A resposta nunca muda. Lembro-me dos motivos, recupero a vontade e o desejo de fazer a diferença no pior momento dos outros.

Depois de muitas semanas com a minha vó em um corredor de hospital decidi o que faria da vida. Parecia o certo a fazer. Um anjo atravessou o nosso caminho e mesmo naquele corredor desconfortável minha bisá recebeu um ótimo tratamento por parte da equipe de enfermagem. Naquela época eu estava sem saber para que lado ir, as universidades públicas concorridas demais, as privadas caras demais. Os caminhos pareciam distantes da minha realidade. Até que vi um anúncio, recebi ajuda da minha madrinha e fiz um curso.

Aqui estou, sentada em uma escada comendo castanhas. Arrependida? Sim, por muitas vezes me arrependi. Hoje não. Amanhã talvez. É uma montanha russa de emoções que variam de acordo com os acontecimentos do dia.

Mas de uma coisa jamais irei esquecer: minha vó partiu recebendo o melhor de alguém que nem mesmo a conhecia, e eu quero ser esse alguém para os meus pacientes.

Ouçó a porta de incêndio bater e vejo uma sombra descendo até onde estou. Poderia ser qualquer pessoa...

— Sempre faz o seu horário aqui? — pergunta ele.

— Só quando estou fugindo de você.

Não, eu não estou fugindo dele, mas ninguém precisa saber.

— Uau! Isso foi brutal. — ele leva a mão ao peito como se um tiro o atingisse — Dou um doce pelo seu sorriso.

Olho para ele, que segura uma bala de café. Aceito e sorrio oferecendo em troca uma castanha. Ele a pega, me surpreende deixando um beijo rápido na minha testa e senta ao meu lado.

Que fofo!

Quando foi que me permiti encantar tão facilmente por alguém? Em que momento o deixei entrar? Isso aconteceu de uma hora para a outra, um dia não havia nada e agora olho para ele encantada com o seu humor. Seus olhos de menino cativam os meus.

— E o chuveiro, funcionando bem? — pergunta afundando o nariz meu cabelo — Pelo cheiro, acho que tomou banho.

— Claro que tomei banho.

— Talvez tenha lavado o cabelo no tanque. Hoje em dia tem uns shampoos a seco que fazem milagre. Não ponho a mão no fogo por ninguém.

— Que horror! Você é muito escroto, Marco.

Dou-lhe uma cotovelada e o olho diretamente elaborando uma frase inteligente. Estamos lado a lado. É íntimo e esquisito porque nos conhecemos no último plantão e estamos aqui como amigos.

— Sério. O que veio fazer aqui doutor Marco? — inteligente mesmo... Deus, estou muito abobalhada.

— Fui ao seu andar e me disseram que você estava jantando. Procurei no refeitório e desci por aqui para olhar na lanchonete do térreo.

— Tudo isso para me ver?

Falo com desdém, mas estou realmente feliz com o que ele diz. Passei os últimos dois dias refletindo sobre ele.

— Sim. — afirma sem tirar os olhos dos meus. — É isso que amigos fazem, não é mesmo? Quero saber se teve mais problemas domésticos e se Britz está bem.

— Britz está ótima, nem parece que quase morreu. Das minhas roseiras não posso dizer o mesmo, porque aquela filha de uma cadela cavou por tudo durante a madrugada. Ela é uma peste.

Ele levanta as sobrancelhas e arregala os olhos azuis. Parece divertido.

— Também temos uma peste na família. Só que a nossa nunca será tão bonitinha quanto Britz.

— Você tem uma cachorra? — pergunto animada.

Ele tira o celular do jaleco e me mostra a foto de uma jovem muito bonita. Por dois segundos sinto-me irritada com a imagem da garota sorridente agarrada em seu pescoço, mas quando me permito examinar melhor, percebo um carinho genuíno.

— Esta é minha peste particular, minha prima Belinda. Se duvidar até morde.

Ah, prima?

Quando finalmente desvio os olhos da tela, percebo que ele me observa atentamente com os olhos cerrados e uma curva nos lábios. Sorri sem mostrar os dentes.

— O que foi? — pergunto ajeitando-me no degrau.

— Você estava olhando para ela como se fosse sua rival.

— Não.

— Estava. — diz convicto.

— Ridículo! Meu único rival é o sono, que acha que não preciso sair da cama para pagar as contas. — espio a foto mais uma vez — Sua prima é linda.

Ele inclina a cabeça e segura o meu rosto. Isso deixa-me um tanto desconfortável, mas sou incapaz de me afastar. Seus olhos passeiam pela

minha pele como se scaneasse cada milímetro. No fundo quero saber até onde ele quer ir... e quero que vá longe, bem longe.

Sabe o que eu deveria fazer? Afastar-me. Há uma seta vermelha brilhante com a palavra “problema” apontando para a cabeça de Marco. Mais do que isso... Há um sino dentro de mim soando alto, mandando que eu corra porque sei que ele vem com alguma bagagem. Homens assim sempre tem defeitos incorrigíveis.

— Você vai me machucar? — pergunto e escorrego o polegar em seu rosto.

— Não se eu puder evitar.

Mesmo se ele tivesse dito “sim”, nada teria mudado.

Cheia de vontade e incerteza, junto nossos lábios em um beijo carinhoso, sutil e longo. Ficamos ali por muito tempo, uma eternidade sem nos movermos, apenas sentindo o toque íntimo pele a pele. Então me afasto, fico de pé derrubando todas as castanhas e saio correndo.

Só paro quando chego ao pronto socorro cheio de pessoas, sirenes e sons. Meu sorriso é teimoso, chega a doer as bochechas. Com as mãos cobrindo a boca, ainda sem acreditar, caminho pelo enorme corredor acalmando meu coração aos pulos dentro do peito.

— Onde você vai, Damaris? — olho para trás e encontro Suellen caminhando normalmente.

— Eu... Lugar nenhum. Estou terminando o meu horário e vou voltar ao trabalho.

— Subimos juntas. — diz ela segurando em meu braço — Precisei comprar o leite da minha filha e peguei fila no mercado, mas acho que estamos dentro do tempo.

— Estamos sim. — olho para o relógio — Na verdade ainda temos dez minutos.

Vamos de braços dados até o banheiro e enquanto ela escova os dentes, procuro uma forma mais discreta de contar o que aconteceu sem parecer uma

adolescente de quatorze anos.

— Está tudo bem? — pergunta Suellen.

— Tá sim.

— Uhum...

Olho em todos os boxers para ter certeza de que estamos sozinhas.

— Conheci um cara aqui no hospital. — nos olhamos através do espelho — Ele é divertido... bonito.

Cruzes! Eu não deveria estar sorrindo tanto.

— De que setor ele é? — pergunta com a escova na boca.

— Administração.

Para que estou mentindo sobre isso? Ela é uma boa amiga, não me julgaria se soubesse que a razão do meu desconcerto se chama Marco Malamam.

Será que não?

Ela termina, guarda suas coisas e se apoia na pia olhando para mim. Pela sua cara, devo parecer muito animada. Talvez abobalhada.

— Ele deve ser bem especial para você estar com os olhos brilhando dessa forma. Você merece um bom homem, Damaris, merece mesmo. Se ele pisar na bola, me avise.

— Pode deixar.

8h05min

Chego em casa depois de um longo e movimentado plantão. Estava tão cansada que mal pude esperar por um banho quente e minhas pantufas. Foi a primeira coisa que fiz ao chegar em casa.

Com uma toalha enrolada na cabeça, faço as unhas dos pés. Ao meu lado uma xicara de chocolate quente, a tv ligada em Grey's Anatomy como se viver dentro de um hospital não fosse o suficiente. Gosto de cuidar do corpo para relaxar, funciona como um ritual. Costumo limpar minhas sobrancelhas, depilar as pernas, fazer as unhas, hidratar o cabelo com a babosa do quintal e clarear os dentes com bicarbonato.

Acho que faço isso desde sempre. Aprendi com a minha bisa. Ela era uma mulher vaidosa independentemente da idade.

Espero o esmalte vermelho secar, escovo o cabelo e vou procurar receitas na internet. Enquanto entro a saio de canais de receita no youtube, alguém bate palma no meu portão e levanto para ver.

Olho rapidamente pela janela, mas me escondo por trás da cortina. Marco está lá fora. Ele veio até aqui?

Oh meu Deus! O que eu faço?

Olho novamente e ele ainda está lá. Meu coração quase sai pela boca. Obvio que só preciso sair e abrir o portão, mas não é tão simples quanto parece. Sorrindo, olho-me através da câmera do celular, passo a língua pelos dentes, belisco as bochechas e, como se tudo fosse natural, abro a porta fingindo surpresa.

Sério! Tão ridículo isso.

— Como chegou aqui? — pergunto.

— Dirigindo...

Claro! Voando que não foi.

— Quer entrar? — *Oh, outra pergunta óbvia.* Por sorte, ele apenas inclina a cabeça e pisca para mim com sua constante expressão sacana.

Atravesso o quintal com ele no meu encalço.

— Seu cabelo está brilhando. O que fez?

— Escovei.

Não olho para ele enquanto atravessamos o quintal, mas sinto seus dedos tocarem as pontas dos meus fios soltos. Aprecio o carinho. Não demonstro, mas aprecio.

Já na sala, ofereço uma xícara de chocolate quente. O tempo está frio. Prontamente ele aceita, se oferece para ajudar e sem dar espaço para negativas vai comigo até a cozinha. Marco é desprendido, proativo. Quando dou por mim estamos lado a lado conversando sobre a história do cacau. Eu remexendo a colher no fundo da panela e ele recostado junto a pia com os braços cruzados e os olhos azuis focados em mim.

Como alguém pode olhar assim para outra pessoa e não esperar que ela se constranja? É constrangedor.

Em que será que ele está pensando agora?

— Estou em desvantagem. — diz ele dando um passo em minha direção. — Preciso reequilibrar o jogo.

— O que quer dizer? — minha voz sai mais baixa que o planejado. Ele está a um sopro de distância. Olho para cima, encaro o seu rosto com expectativa.

— Você me roubou um beijo, acho justo retribuir.

Solto a colher quando seus braços me envolvem, sem calma, sem delicadeza. Há urgência. Nossas bocas se encaixam perfeitamente como se fossem feitas para o agora. Está tudo em seu lugar. Seus dedos mergulhados em meus cabelos num misto de carinho e cárcere, minhas mãos trêmulas reconhecendo o tronco firme com respiração ofegante e músculos salientes. Entrego-me ao momento de total intimidade.

O tempo fica em segundo plano enquanto nos tocamos. Apenas o instante importa. Toco o seu rosto deslizando os dedos sobre pelos ásperos, afago com carinho como o reconhecimento de um território desconhecido.

Marco tem pressa, exige entrega. Devota com os lábios, língua e mãos.

Minhas costas encontram a bancada, mais que de pressa estou sobre ela. Em tempo algum nos separamos, permanecendo grudados como um só.

É arrebatador.

Gostoso como deve ser. Faz-me ansiar por muito mais do que recebo, quando nem mesmo sei de onde vem ou quando começou. Tem sabor, calor e textura. Nossas línguas vêm e vão bailando coreograficamente.

— Ah! — assusto-me com um barulho e logo um cheiro forte. O leite ferveu e esborrou sujando o fogão e o chão. — Ó não!

— Acho que perdemos o chocolate quente. — diz ele sem parecer se importar.

— E o fogão ficou uma lambança total. — reclamo.

Começo a limpar a sujeira, constrangida com o que acabamos de fazer, mantenho os olhos baixos. Tenho certeza que estou vermelha, não preciso de um espelho para saber. Sinto o meu rosto fervendo

Marco tenta ajudar, mas fica evidente que sua experiência com afazeres domésticos é nula. Viro-me por um segundo para pegar um pano na gaveta e quando volto, ele está com a mão debaixo da torneira. E por mais que tente disfarçar, seu rosto denuncia que sente dor.

— O que você fez? — pergunto.

— Tentei tirar a grade de cima, só que esqueci que estaria pegando fogo. Queimei as pontas dos dedos. Que merda.

Por sorte o estrago foi pequeno. Pego sua mão para olhar e corro até o quarto atrás de uma pomada. Tenho alguns medicamentos de emergência em casa. Onde moro, todos sabem que trabalho em hospital e sempre que um moleque cai, alguém se corta ou um idoso precisa aferir a pressão, é aqui que eles batem.

— Obrigado. — diz ele enquanto passo a pomada — Foi bem superficial.

— Como alguém faz isso? — sorrio ao pensar nele pegando a grade — Você não usa muito a cozinha da sua casa, néh?

— Só para esquentar os congelados que pego com a minha mãe durante a semana... mesmo assim é raro.

— Isso combina.

— Não entendi.

Pela cara, ele parece ofendido, mas quando um sorriso cafajeste brota em seus lábios, percebo que apenas brinca comigo.

— Palhaço!

Depois de tudo limpo, faço outro chocolate quente. Estou um pouco sem jeito depois do beijo que trocamos. Dessa vez foi completamente diferente do hospital. Ele tomou a frente e eu me deixei levar, entreguei os pontos e aproveitei.

Ao seu lado sinto como se a adrenalina do meu corpo entrasse em modo hard: meu coração acelera, a respiração não se acalma e por muitas vezes pego-me fantasiando com mais um beijo.

Sentamos à mesa, ele com os olhos fixos em mim, e eu arranjando desculpas para desviar os meus. Não consigo olhá-lo tão diretamente, parece invasivo.

— Por que precisa ser assim? — digo desconcertada.

— O que quer dizer?

— Sabe o que eu quero dizer, Marco. Está me olhando como se eu fosse um alienígena. E o pior é esse sorrisinho irônico estampado na sua cara. Por que não fala logo o que está pensando?

Ele debruça sobre a mesa, chega bem perto e toca os lábios nos meus. É apenas um toque e então se afasta.

— Estou te admirando, apreciando a paisagem. Se... apenas si, eu dissesse a você tudo que estou pensando ou desejando, muito provavelmente eu seria colocado porta a fora.

— Tente. — atijo.

— Corajosa...

— Covarde. — Deus, de onde veio isso?

Estico o corpo para trás quando ele avança em minha direção apoiando os cotovelos na mesa. Seu rosto fica diante de mim, respiramos o mesmo ar.

— Estou aqui me perguntando se há uma leoa escondida por trás desses óculos. Será que os olhos de coruja pertencem na verdade a uma onça selvagem? — fico vermelha, mas ele não se importa — Onde estaríamos agora se nada tivesse nos interrompido?

— Provavelmente na minha cama. — respondo sem pensar.

Marco faz isso comigo. Minhas ações são puramente instintivas e nada racionais.

A resposta o agrada. Vejo no brilho de seus olhos o mesmo desejo inflamado que o rodeava a pouco.

— Dama, sou fácil de viciar.

Eu poderia desviar, impedi-lo. Se por um segundo a dúvida passasse pela minha cabeça... mas ela não passa. Eu o quero.

Ele me encara, e, o sorriso habitual, segura meu rosto com as duas mãos, encosta nossos lábios e me beija. Eu o beijo de volta, sugo a língua que ele enfia na minha boca. Tem gosto de chocolate. Quando finalmente tomo coragem e enlaço os braços em seu pescoço, sou erguida. Marco fica de pé comigo em seus braços sem nenhuma dificuldade.

— Onde é o seu quarto? — pergunta, a voz sai pesada.

Indico o caminho e ele vai certo.

O quarto é pequeno, durmo nele desde criança porque nunca tive coragem de mudar para o da minha bisá que é bem maior. A cama de casal ocupa quase todo o espaço, mal dando para abrir a porta do guarda-roupas.

Caímos juntos, ele sobre mim, o colchão amortecendo o impacto. Marco para, admira o meu rosto e retira os meus óculos quase como se eles fossem uma máscara escondendo minha verdadeira identidade. É um pouco assim. Sinto-me mais sensual com o gesto.

— A coruja virou onça. — sussurra.

Com ambas as mãos prendendo em volta da minha cabeça, mantendo-me imobilizada, ele escorrega a boca pelo meu pescoço, morde o queixo e beija todo o meu colo. Fico arrepiada. Suspiro quando finalmente chega aos mamilos, que mesmo por baixo da blusa estão ouriçados.

— Marco... — gemo.

— Xiii.

A medida que escorrega distribuindo beijos pelo meu corpo, Marco arranca nossas roupas. Pouco me importa os botões que voam ou as costuras que arrebentam. Ele sabe o que faz, agrada-me como nenhum outro já fez.

Fecho os olhos e permito-me ser apreciada. Seus dentes raspam em minha pele provocando arrepios calorosos até que estou vermelha, afoita e ofegante.

Olho-o arreganhar minhas pernas e cheirar entre elas. Sim, ele cheira de forma animalesca e percebo suas feições mudarem instantaneamente.

— Nossa... — sussurro.

— Ainda bem que não rosas, baunilha ou lavanda. O perfume é de buceta. — ele me abocanha lambendo todos os cantos — E o gosto também.

Talvez eu esteja mais vermelha do que antes. Mas do que importa a minha timidez quando um homem preenche todos os meus requisitos.

Hum, caramba! Ele realmente sabe o que está fazendo. É maravilhoso!

— Marco...

Ele não para. Não que eu desejasse isso, mas o seu nome vem a minha mente e simplesmente escapa pelos meus lábios. É mais forte. Muito forte.

Quando dou por mim, estou gemendo alto. Grito por ele, grito por mais. Esfrego-me contra o seu rosto. Deus, é devastador. Minha pele arrepiada sente intensamente o toque das suas mãos por todos os lados, os dedos firmes, hora dentro de mim, hora apertando e acariciando pontos sensíveis; pontos que eu nem sabia que tinha.

— Isso é demais. — solto melancólica quando volto ao meu corpo

depois do êxtase — Oh, Marco... Chega.

— Acabou. — como um gato ele escala o meu corpo lambendo os lábios e presunçosamente saboreando o que veio de mim — Digo... As preliminares acabaram. Vamos começar a brincadeira de verdade.

Será que tenho forças para tanto?

Ele sai da cama, encontra sua calça, vasculha nos bolsos e volta com um preservativo. A embalagem é imediatamente rasgada, e, vestida em segundos. Será que ele sabe como fica sexy despido?

— Você é lindo!

— Fala isso porque não está se vendo agora. — diz tocando o seu pênis rígido.

Meus olhos não se contentam em ficar nos dele, vacilam. Cedo ao desejo, permito-me admirar cada pedacinho do belo corpo nu exposto diante de mim. É surpreendente o que um jaleco pode esconder. Marco não tem pelos, é magro, mas tem a musculatura bem definida como a de um dançarino profissional.

Ele também me observa. Não que eu esteja muito apresentável depois do que eu chamaria de “o primeiro orgasmo real da minha vida”. Porque sem sombra de dúvidas tudo que senti antes disso foi um aperitivo da realidade.

Endireito-me, mexo um pouco no cabelo e procuro uma forma mais sensual de estar. Quero que ele me veja sexy.

— Não. — ele fala ríspido e seguro meu pulso — Sem teatro, quero você exatamente como estava: entregue.

— Descabelada e jogada sobre essa cama, você quer dizer.

— Exatamente. — enquanto fala, sobe sobre mim — A quero da forma que deixei: vermelha, satisfeita, suada, descabelada. Deliciosa.

Falta-me ar. Passo os dedos por seu peito, arranho seus braços sentindo-o. Ele sabe o que estou fazendo e aprecia ficando imóvel enquanto exploro. Quando minha mão chega ao seu membro, vejo seus olhos pesarem e um sopro forte deixar seus lábios.

Ele está sobre mim, cotovelos apoiados sustentando o peso do corpo. Abro minhas pernas mais amplas, envolvo-as em sua cintura e continuo a tocá-lo sutilmente. Estou melada, escorrendo o suco que ele habilmente extraiu de mim, e aproveito disso para brincar pincelando o pênis em minhas mãos na entrada lubrificada.

Sim, ele ama. Vejo pela expressão torturada que precisa de controle para não empurrar de uma só vez para dentro de mim.

— Onde está a moça tímida que vi no bar? — pergunta mordendo meu lábio inferior.

— Hum... talvez aquela seja a versão social de mim.

— E esta?

Finjo pensar.

— A versão privada.

— Ótimo! Que em privado eu tenha uma Dama que só meus olhos conhecem. Acho que não suportaria imaginá-la entregue assim a outra pessoa.

— Pare de falar e venha.

Oh! Era disso que eu estava falando.

Meu grito é abafado por seu beijo e minhas unhas quase perfuram a pele das suas costas à medida que sou invadida... penetrada até não poder mais suportar. É grande, largo, duro. Tento, mas é impossível engolir o grunhido esganiçado durante suas investidas brutas.

Mais forte, mais e mais forte. Intenso.

Viro uma marionete sob o seu domínio preciso. Ele faz de mim o que quer, manuseia meu corpo colocando-me de bruços, de joelhos, sentada sobre si e contra a parede.

Limito-me em apreciar a viagem. Permito-me gostar do que ele me oferece. Acho que jamais fiz isso, pois sempre estive preocupada em agradecer quem estava comigo. Mas não agora. Quanto mais prazer sinto, quanto mais vulnerável estou, mais ele parece gostar. Como se existisse uma ponte

transferindo todo o meu deleite a ele.

— Goze para mim, Dama. Goze!

Afundo o rosto contra o travesseiro e mergulho de cabeça no prazer visceral. Gozo até perder as forças e sentir lágrimas quentes deixarem meus olhos. Então ouço-o urrar alto, travar nossos corpos juntos e estremecer.

Casais normais fazem assim

Marco

7h15min

Pão, queijo, leite, bolo, sonho... o que mais?

Ando mais uma vez pela padaria para me certificar que peguei o suficiente. Não há muitas opções no estabelecimento, nem frutas, nem doces mais elaborados. Apesar de simples, tudo parece muito saboroso.

Estou chegando ao caixa quando escuto:

— Gostando de Osasco, doutor?

— Dona... — Droga, qual era mesmo o nome dela?

— Santa.

— Dona Santa. Acho que nos veremos muito por aqui.

A senhora baixinha olha-me por mais tempo do que eu gostaria. Endireito a postura tentando parecer mais apresentável aos seus olhos. Não consigo saber qual a opinião dela sobre mim, parece gostar, parece desconfiar.

— Que bom. Sinal que as coisas entre você e a minha Dama estão ficando sérias. Isso é ótimo. Ela precisa de um bom homem ao seu lado.

— É...

— Tudo isso é para vocês dois? — olha para a cesta em minha mão — Parece comida para uma semana.

— Pois é... Não sei do que ela gosta, do que não gosta. Preferi garantir.

— Ela não gosta de desperdício.

Olho para a cesta e avalio o que estou levando. Realmente tem bastante coisa, mais do que o necessário. Talvez deva deixar algo.

— A senhora pode me ajudar?

Sem cerimônia, ela coloca a cesta sobre o balcão e começa a descartar quase tudo. Sai o sonho, o bolo, o queijo... Entra uma bandeja de mortadela,

um pote de manteiga e achocolatado.

— Está aí o que ela gosta de comer pela manhã. Um pouco mais porque imagino que vá acordar faminta. — abro a boca, mas desisto de comentar. A mulher me deixou sem jeito — Agora pegue o que você gosta e está bom.

Da pilha de coisas descartadas salvo apenas o bolo de rolo. Olho para dona Santa, dou um beijo em seu rosto e me despeço.

Tomara que seja como ela diz.

Definitivamente esse portão precisa ser trocado por um que cumpra as duas funções básicas: abrir e fechar.

Enquanto venço a difícil tarefa de passar pelo portão de ferro, Britz late desesperadamente. Ela é pequena, mas tem uma voz que Deus me livre. Parece um mini dobermam com síndrome de vuguzela pronta para explodir.

— Não, Britz! Calada, menina!

Alguns vizinhos aparecem nas janelas e vejo-me obrigada a acenar para eles com um “bom dia” na esperança de que eles se lembrem do meu rosto e não chamem a polícia.

— Pelo amor de Deus, peste! Fica quieta.

Não adianta de nada. Ela só se cala quando eu entro. Ao me ver dentro do quintal, o diabinho de quatro patas, corre para a sua caminha que fica na varanda e volta feliz da vida trazendo uma bolinha.

— Depois disso tudo acha que vou brincar com você? — ela me encara sem entender com o rabinho balançando — Tá. Vai pegar.

A casa ainda está em silêncio, Damaris dorme na mesma posição que a deixei. Como esperado, consigo arrumar uma mesa de café da manhã, roubo um vaso de flores do jardim e o coloco no centro. Perco-me procurando por pratos e talheres nos armários abarrotados de utensílios, mas no final consigo.

Pronto. Ficou perfeito!

— Gatona, vamos acordar. — digo subindo na cama — Temos um dia lindo de folga.

Damaris tenta esconder o rosto, segura-me pelo pescoço puxando-me para si. Parece uma proposta incrível... Se eu estivesse em busca de sexo casual, gozar e partir. Não é o caso. Quero ficar, estou determinado a ficar. E se tem algo que aprendi com os homens da minha família, foi como tratar uma mulher quando se deseja mantê-la.

— Não, não, não. Pare de me seduzir. Vamos levantar.

— Está gostoso aqui. — resmunga.

— Tenho certeza que sim, mas podemos curtir essa cama mais tarde. Estou tentando ser um bom rapaz.

Ela vira o rosto, encarando-me até que perco a falsa compostura e saqueio sua boca dando aquilo que realmente quer; o que nós queremos.

Que se foda o café da manhã.

**

— Foi à padaria? — Damaris pergunta quando chegamos a sala e ela vê a mesa posta.

Infelizmente o café já está frio, mas talvez isso seja ótimo, assim ela não morre envenenada depois da nossa primeira noite.

— Fiz um café, mas você ficou me tentando e ele esfriou. — abraço-a por trás — Temos aqui uma onça disfarçada de coruja que me deu uma chave de coxa. Podemos chamar isso de cárcere privado.

— Sou pequena demais para conseguir lhe privar de algo.

— Os piores venenos estão nos menores frascos.

— São os perfumes. — corrige-me.

— Ou isso.

Mesmo parecendo à vontade, estou em terreno desconhecido, atento a tudo. Eu sempre ouvi dizer que saberia quando encontrasse a mulher, sentiria algo diferente ao olhar para ela. E eu soube.

É ela.

Dama vai até a cozinha e em poucos minutos volta com o novo café, me serve e se senta ao meu lado. Não lemos notícias nem verificamos as redes sociais, esquecemos do mundo e nos permitimos aproveitar a companhia um do outro. Ela conta sobre sua vida, eu conto sobre a minha. Escutamos um ao outro sem ver o tempo passar.

— Estamos de folga. Quer dar uma volta? Talvez podemos sair para caminhar.

A expressão de desânimo deixa claro que esportes ao ar livre não são a sua ideia de dia feliz.

— Sêrio? — resmunga.

— Sugira alguma coisa. Topo de cachoeira a show de rock. Sou pau para toda obra... mas disso você já sabe.

Suas bochechas ficam vermelhas.

— Nossa! Que piada infame.

— Não é piada, é constatação.

Rimos juntos. Ela fica linda quando sorri.

— Vou fingir que não entendi o duplo sentido. — brinca com os farelos caídos sobre a mesa — Eu preciso ir à feira. Parece um programa legal para você?

Olho para o relógio no meu braço.

— São quase 10h.

— Assim que é bom. Eu consigo preços melhores e congelo algumas coisas para comer por uns quinze dias.

Ir à feira com certeza não é o que eu esperaria fazer com ela no nosso dia de folga. Mas pode ser divertido.

— Ótimo! Vamos à feira.

Saímos imediatamente deixando a louça do café acumulada na pia. Damaris se apressou em vestir um short jeans e uma blusa um pouco mais decotada do que eu esperaria dela. Confesso que fiquei um pouco incomodado com a possibilidade de outros homens colocarem os olhos em seus peitos, mas preferi engolir a represália e me segurar.

Duas ruas foram suficientes para eu entender que sou incapaz de me controlar quando o assunto é Damaris. Por mais que tente ficar neutro, o sentimento de posse é dominante e quando percebo...

— Você está apertando os meus dedos, Marco. — diz ela puxando a mão da minha com um olhar assustado.

Minha atenção estava em um grupo de caras reunidos em volta de um carro desses rebaixados. Eles olhavam abertamente para ela, pareciam comentar... Cobiçavam com os olhos.

Cobiçavam a minha Dama.

Qualquer homem reconhece o olhar de desejo de outro. Eu sei perfeitamente o que eles estavam pensando. Eu pensaria o mesmo. Não tem

como olhar para ela com tanta pele a mostra e não imaginar o que falta ser desvendado.

— Desculpe. — agarro sua mão novamente — Esqueci que é tão delicada.

— Não sou, você que parece estar com raiva. Aconteceu alguma coisa, é a feira?

Para melhorar as coisas, forço um sorriso e circulo seus ombros com o meu braço para reconfortá-la; e para deixar explícito aos camaradas que percebi e não gostei da atitude deles.

— Relaxa. Estou animado com o passeio. — beijo-a — Mas a noite eu escolho o destino.

— Estou ansiosa.

Ansioso estou eu para repetir o que fizemos durante a noite, que só de lembrar já fico duro, imaginando tudo o que faremos daqui em diante.

A pele branquinha dela fica vermelha com facilidade, ganha vergões marcados com a mais sutil das palmadas. Mas ela gosta. O rosto inocente e os olhos assustados enganam quem enxerga apenas o óbvio. Damaris é quente, fogosa e sensível. Geme de prazer, pede por mais.

Acho que no fundo eu já sabia. Nossos corpos se encontraram e deram todos os sinais.

Ao chegar, andamos entre as barracas de lona desviando de algumas pessoas e seus carrinhos. Vez ou outra alguém pisa nos meus dedos, esbarra no meu braço. O lugar está cheio.

— Oh a bacia!!! Três por cinco... três por cinco. Aproveita moça bonita! — meu olhar vai imediatamente ao dono da voz — Leve um caqui docinho para amansar o maridão.

Esperto. O malandro conseguiu arrancar um sorriso de Damaris, que olha para mim vermelha, inclina a cabeça e sorri. Ela não negou.

— Tem outra coisa que adoçaria a minha boca. — digo em seu ouvido enquanto acaricio suas costas.

— É?

— É. Fico mansinho com você na minha boca. Sentada no meu rosto, rebolando, gemendo... Humm, só de lembrar já fico duro.

Ela enrijece. Rapidamente escolhe os frutos mais bonitos, entrega ao vendedor. Antes que ela tenha a chance, pago. Mesmo sob protestos, agarro-a pela cintura e seguimos para as próximas barracas.

Frutas, legumes, algumas folhas e tempero. Damaris compra bastante coisa. Sempre pechinchando. Chega a ser engraçado, mas é genuíno. Quando o preço não lhe agrada, ela levanta suas sobrancelhas que aparecem por cima da armação dos óculos e mexe os lábios como o rabinho de um coelho.

Deixamos o local depois de uma hora andando para cima e para baixo. No caminho para casa passamos por um caldo de cana e não posso perder isso.

— Quer um caldo? — pergunto.

— Não gosto. — ela faz cara de nojo — Mas aceito um pastel.

— Amigo, — chamo o feirante — dois pastéis, um caldo é um suco, por favor.

— O meu de queijo. — ela fala baixinho e no meio da bagunça o homem não escuta.

— Os dois de queijo, amigão. — grito.

— Já estive em uma feira antes?

Olho-a sem entender direito a pergunta.

— De onde acha que eu vim? Além de um médico ocupadíssimo, meu avô era um amante de feiras livres e lá em casa brigávamos para decidir quem iria com ele.

Ela sorri, mas cobre a boca com a mão. Já percebi o gesto outras vezes.

— Você deve ter sido daquelas crianças empesteadas que faz a mãe passar vergonha nos lugares.

— Sabe que não. Eu era tranquilo, na medida do possível. Comecei a

ficar mais descarado com a adolescência.

Voltamos para casa abraçados enquanto eu a escuto contar as histórias de quando brincava de pique bandeira na sua rua, as amigas que teve e a relação com sua bisa. É nítido que o laço familiar foi endossado com muito amor, mas falta a figura da mãe... do pai. Deixo a pergunta muito particular para o futuro ao notar que isso a incomoda.

**

18h32min

Movidos por um desejo incontrolável, nos beijamos deitados no tapete da sala. Na televisão, uma série. Exploro sua boca ditando um ritmo lento e profundo enquanto meus dedos afastam a tanga. Damaris mantém uma pelugem baixa de tom acobreado sobre os lábios carnudos da sua boceta. Brinco com eles.

— Gosta? — minha voz sai rouca. Aperto os lábios contra sua orelha.

— Aham...

Ofegando de tesão, afasto sua blusa e abocanho o biquinho aceso segurando-o entre os dentes e brincando com a língua. ela se derrete em gemidos, remexe o quadril contra a minha mão e se esfrega em meus dedos. Deixo-a livre para fazer como quer, apenas mantendo a mão firme e sem soltar o seio. Que seios ela tem! São cheios, macios e sensíveis. Damaris é toda natural, irretocável aos meus olhos. Cada parte do seu corpo, cada movimento é sexy e deixa-me louco para foder.

— Vou dar o que queremos, Dama. — mordo um pouco mais forte o mamilo e ela grita, mas o empurra em minha direção. Ela gosta disso — Quero aprender o que te satisfaz. Fala para mim o que quer, deliciosa.

Ela não diz nada imediatamente. Sua timidez é temporária, parece decidir se deve ou não expor o seu lado mais selvagem. Por fim, cede.

— Quero com força como antes. Faça-me gritar.

— Porra, Dama... Fica de quatro.

Ela se apoia em seus cotovelos e joelhos. Olha para trás com os olhos brilhantes e rosto rúbeo.

Posiciono-me pronto para penetrá-la pincelando meu pau em sua boceta, mas sei que ainda não está tão lubrificada quanto preciso. A pressa quase me fez forçar a passagem... ou até mesmo encurtar as coisas com um pouco de saliva. Ajudaria. Mas ela merece toda a minha atenção.

Deito com o peito para baixo e enterro o rosto na bocetinha exalando excitação. A sala cheira a sexo. Mesmo o tapete desconfortável não é capaz de diminuir um por cento do que estou sentindo. É visceral.

— Esfrega na minha cara, Dama. — mando.

Trago sua anca até o meu rosto pressionando firmemente até estarmos encaixados, minha língua alcançando sua entrada e meu nariz estimulando o clitóris. Damaris está excitada e move o corpo conforme o seu desejo buscando o prazer. Uso meus dedos brincando com todas as suas entradas e pontos mais sensíveis. É uma relação sem freios ou falsos pudores. Ela sabe o que quer e eu estou mais do que feliz em ser o escolhido para lhe dar.

— Mais. Chupa mais. — geme.

Estou fervendo. Totalmente envolvido no momento, faço movimentos contra o tapete na tentativa de conseguir um pouco do que ela sente. Seus gemidos, a forma como rebola, o liquido que brota de sua boceta: tudo imprime luxúria e meu corpo clama pelo mesmo tratamento. Quero sentir todo o prazer dela e provar o sabor que escorre entre suas pernas.

Mais do que isso: quero invadi-la. Dominá-la, de quatro como está.

Que visão do caralho!

— Vou te comer agora! — deslizo a língua do clitóris até o cuzinho que pisca quando é ameaçado. — Grita, porque eu quero ouvir.

— Eu tô pronta! Vem — diz ela espiando-me de lado com os olhos de coruja e as bochechas vermelhas de tesão. — Vem!

De joelho, visto o preservativo e sem rodeios começo a invadi-la. Puta merda, como está molhada! Gostosa, quente e cheira a sexo sujo.

Adoro sexo sujo.

Seu rabo de cavalo chama pelos meus dedos. É impossível resistir ao desejo de enrolar os fios em minha mão e puxar. Não resisto. Trago-a para mim envergando suas costas até que consigo sussurrar em sua orelha e com a outra mão encontro o broto inchado.

— Que gostosa essa bocetinha! — meto mais forte — Gulosa também. Meu pau entra inteiro, até o talo. Sente.

— Marco... assim...

— É assim que você gosta? — as palavras faltam quando meto mais

fundo, mas seu corpo responde por ela — Ótimo!

Meu corpo está em agonia. Meus joelhos doem com a potência dos movimentos, estico o braço para masturbá-la com mais precisão até sentir o aperto dos seus músculos internos. Eles me estrangulam. Levam-me ao limite, mas resisto, adio o máximo que consigo... Desesperador.

Damaris geme trazendo o ar do fundo dos seus pulmões e termina com um grito baixo e sofrido quando o orgasmo começa a recuar. Ela amolece, respira com dificuldade. É como um prêmio.

Fiz o meu trabalho direito.

Solto os cabelos, antes presos por duas voltas em meu punho, permito que ela caia exausta, mas mantenho nossos quadris unidos. Deito-me sobre ela, ainda dentro do seu corpo. No estado que estou, não preciso de muito, apenas algumas investidas na boceta gozada, pingando.

Então gozo com os olhos fechados apreciando cada instante de êxtase sublime.

— Você é o tipo de mulher que não se pode ter apenas uma dose. É um vício.

Se ele te faz sorrir...

Damaris

1ª semana

— Amiga, quase apareci com Pedrinho na sua casa só para fofocar com você. Por favor, conta!

Suellen é uma mulher esforçada. Acontece muito dela trocar os plantões e trabalhar completamente fora de rumo por causa da família e da vida agitada que leva. Às vezes ficamos dez dias sem nos vermos porque ela vai trocando plantão, trocando, até que consegue voltar para o original. Dessa vez o filho dela teve dengue e ela precisou ficar com ele.

— Por que o seu marido não ficou com o Pedrinho? Achei que estivesse tudo certo com isso.

Ela bufa. Parece irritada com alguma coisa.

— Eu também achei. Só que de uma hora para a outra ele resolveu que quer voltar a trabalhar, conseguiu uma entrevista e foi chamado. Nisso Pedrinho ficou doente e tive que cuidar dele.

— Caramba, amiga. As coisas sempre acontecem quando estamos enrolados.

— E o pior você não sabe. Mas primeiro quero saber do seu boy.

Estamos sozinhas no repouso de enfermagem. Corro até a porta e a tranco. Não quero que ninguém ouça o que tenho a dizer. Eu e Marco ainda estamos mantendo as coisas bem fechadas, só nós dois sabemos o que temos. Nunca nos esbarramos nos corredores, tudo aqui é muito grande, os setores são bem definidos e separados. Quando nos encontramos é para ir embora.

— Já faz uma semana que estamos ficando.

— Direto? Mesmo nos dias de folga? — ela pergunta animada.

— Sim. Eu desço até o estacionamento e ele já fica me esperando no carro. De lá vamos para a minha casa. Hoje será o primeiro dia que vamos para a casa dele. — mostro meus dedos tremendo — A coisa está ficando séria.

Suellen comemora segurando minhas mãos. Nossa! Estou muito feliz de conseguir compartilhar isso com alguém, parece que as coisas são mais reais agora. Ela me olha séria, parece pensar sobre o que falei e diz:

— Você disse que desce para o estacionamento. O estacionamento do subsolo?

— É.

— O estacionamento do subsolo é apenas para os médicos. — fico imediatamente vermelha. Fui pega na mentira — Ele não trabalha na administração.

Oh merda!

— Não.

— E por que mentiu para mim?

— Desculpe, amiga. Eu não queria mentir, mas também não queria contar e dois dias depois ter terminado. Poderia ser só um beijo idiota e acabar. Juro que te contaria, só que tive vergonha. Aí os dias passaram, não nos vimos, seu filho ficou doente... Me perdoa?

Ela faz uma cara bem fechada, parece seriamente aborrecida, mas logo o seu sorriso aparece.

Ufa! Quase acreditei.

— Já perdoei. Mas porque eu te entendo.

Respiro fundo e conto até três antes de falar.

— O nome dele é Marco. Ele é residente e nos conhecemos por acaso na escada de emergência.

— Marco...? — com os olhos perdidos ela tenta associar o nome a alguém.

— Marco Malamam. — completo facilitando o seu trabalho.

Mal fecho a boca e Suellen está com os olhos arregalados para mim. Sei que é esquisito estar saindo com alguém que tem nada mais que o sobrenome estampado em nossos contratos de trabalho. Penso nisso a todo

momento. Às vezes pego-me duvidando que Marco seja quem diz ser... Quer dizer... Eu não duvido. É ele, o homem é tão normal, simples e envolvente, que fica difícil acreditar.

— Damaris, isso é... Nossa! Juro que eu não esperava.

— Eu sei. — e realmente sei.

— Não combina com você. Sei lá... apenas não combina.

Dou um sorriso sem querer entregar o quão envolvida estou. Afinal, ninguém precisa saber que conto as horas para estar com ele, rir dos seus comentários, beijar aquela boca... Ahhh!

— Ele é incrível.

— Ele é um problema. — olho-a sem entender.

Como é que é?

Mesmo discreta, percebo a antipatia no seu tom de voz, como se houve algo negativo a respeito de Marco que a incomodasse muito.

— O que você quer dizer com “ele é um problema”, Suellen?

Ela tenta abrir o seu armário, mas acaba se embananando com o cadeado. O nervosismo é nítido. Quando finalmente consegue, remexe de um lado para o outro e retorna sem nada. Nos conhecemos há algum tempo, convivemos o suficiente para eu saber que aí tem coisa.

— Suellen?

Ela estende o dedo diante do próprio rosto como se precisasse se convencer do que tem a dizer, balança a cabeça e fala:

— Lembra que depois da festa de natal aquele maqueiro comentou sobre dois residentes que estavam cheirando no banheiro?

— Sim, sim. Ele pareceu muito arrependido do que falou e nunca mais tocou no assunto.

— Pois é... Um deles era o Dr. Marco Malamam.

Não. Ela com certeza está enganada. Marco não tem o perfil de um

viciado em drogas. Ele... Ele não se parece em nada com um drogado.

— Suellen eu não posso comentar algo que não sei, mas não acredito nisso. De verdade. Se você o conhecesse...

— Não o conheço, porém, — me interrompe — trabalho no MAH há muitos anos, falo pouco, mas vejo tudo.

— Já viu o que o maqueiro disse ter visto?

— Não.

De certa forma, me sinto ofendida com a sua acusação. Como se o fato dela ter dito algo de ruim sobre Marco me colocasse em posição de defesa. Não sei explicar.

— Marco passou todos os dias da semana comigo, dormiu na minha casa, só nos separamos para trabalhar. Ele conheceu a minha dinda, fez compras comigo, cozinhamos e cuidamos das plantas juntos. Em nenhum momento pareceu ou se comportou como uma pessoa que usa drogas.

— Ele pode ser apenas usuário. Nem sempre a pessoa se torna um viciado. — argumenta ela dando de ombros.

— OU foi apenas no dia da festa. — digo defendendo-o.

— Pode ser.

Claro! Ninguém é santo. Ele pode já ter usado algumas vezes, usar em festa, balada. Pode ter sido a primeira vez. Quem sabe?

— Damaris, desculpe. — ela segura as minhas mãos — Só contei porque sei que o seu primo teve problemas com isso. Você nem mesmo fica perto de quem fuma cigarro. Por isso, e só por isso achei que você deveria saber.

Ela tem razão. Perder Jean foi um golpe forte demais para superar, mas principalmente, foi a morte para a minha dinda. E agora, ela está encantada por Marco. Diz que encontrei o homem certo. Todos os dias ele vai até a padaria, conversa com ela, as vezes dá uma ajuda, brinca. Nos últimos dias ele se fez presente de todas as formas.

— Tem razão. — finjo não me abalar — Vou conversar com ele mais

tarde, com calma. Tenho certeza que, se aconteceu, foi algo isolado.

— Que bom. Estou feliz por você, amiga. Acho que será apenas um mal-entendido, e se for, quero que esqueça o que eu disse. Não falei para perder a sua amizade.

Abraço-a bem forte, abro a porta e saímos para o segundo tempo de um plantão movimentado.

Tenho um paciente que tomou o lugar de um amigo por insistência de ambos os lados. Gaspar é um senhor de 83 anos, diabético que sofre das mazelas da idade. Alguns dias está bem, outros nem tanto. Vez ou outra entra em crise acreditando piamente ser perseguido por espíritos que querem levá-lo preso. Em dias assim preciso distraí-lo com qualquer assunto.

O difícil é encontrar algo que prenda a sua atenção.

— Senhor Gaspar? — chamo abrindo apenas uma brecha da porta — É Damaris. Estou entrando.

Espio o quarto com persianas fechadas, a pouca iluminação vem apenas do televisor preso a parede onde passa o jornal do almoço. Olho nos quatro cantos e não encontro nada.

— Senhor Gaspar, vou abrir um pouco a cortina, tudo bem? Estou trazendo a sua comida. Soube que o senhor não deixou as meninas da nutrição entrarem aqui. Já conversamos sobre isso.

— Elas são do mal. — ouço sua voz baixa vindo de trás da poltrona de acompanhante. — São os espíritos disfarçados.

Contenho a risada. Parte do seu corpo está a mostra. Agora com mais luz posso vê-lo melhor.

— Tudo bem. Eu mesmo fiz o pratinho do senhor. Lembra que precisa comer para que o remédio não cause danos ao seu estômago? — aproximo-me — Venha, pegue a minha mão.

De mãos dadas caminhamos até a cama, ele se senta e eu arrumo a comida no suporte. Quando tiro a cloche, ele sorri. Canja é o seu prato favorito, e em dias como hoje, é de grande ajuda.

— Canja! — diz sorrindo — Não está envenenada, não é?

Desembrulho a colher e provo um pouco, pois sei que apenas falar não o convenceria. Quando, com os olhos fixos nos meus, percebe que estou bem, pega o talher com as mãos frágeis e começa a comer feliz da vida.

Enquanto come lentamente, pede que eu fale. Sem filhos ou família, a vida dele é muito solitária.

O pouco que sei a seu respeito é que foi contador do MAH há muitos anos atrás e que foi resgatado da rua em uma de suas crises. Levaram-no para um hospital público, onde passou meses sem identificação até que um dos médicos que trabalhava em plantões lá e aqui, o reconheceu e repassou a sua história aos colegas. Um belo dia isso caiu nos ouvidos do chefe dos chefes, Dr. Leônidas, que por acaso é pai de Marco, e ele o transferiu para cá em gratidão pelos anos de serviços prestados.

— Seus olhos estão preocupados. — ele comenta, surpreendendo-me.

— Não. — respondo sem nem respirar.

— Brigou com o namorado?

Solto o ar dos pulmões. Pensar sobre o que Suellen me disse mais cedo está consumindo os meus neurônios.

— Sabe, Gaspar, eu conheci um cara muito legal. Ele me faz sorrir. — meus ombros pesam — Infelizmente, algumas coisas ruins chegaram aos meus ouvidos e já não sei se vale a pena investir no que temos.

— Claro que vale.

Estreito os olhos para a sua certeza. Poucas vezes o vi tão enfático.

— Por que diz isso, Gaspar?

Ele limpa a boca elegantemente com um guardanapo.

— Qualquer um que nos faça sorrir vale a pena. Se o sorriso é genuíno... sorria com ele ao invés de chorar sozinha.

Uau!

Como alguém tão fora de si pode de repente dizer exatamente o que

eu preciso ouvir? A vida as vezes parece louca.

— Você tem razão, Gaspar.

— Eu sempre tenho, Glórinha.

Glórinha. Ele sempre me chama assim durante as crises. De início tentei descobrir de quem se tratava, mas hoje não importa mais. Ele me aceita como Glórinha e estou bem com isso desde que ele coma e aceite os remédios.

Depois de mais de uma hora com Gaspar, volto ao meu trabalho de rotina.

As horas passam enquanto cuido dos meus pacientes, garantindo que todos estejam medicados, limpos, confortáveis e bem. Mesmo com uma equipe grande, o dia é cheio e mal temos tempo para respirar sem que a campainha de solicitação esteja soando.

Na hora de ir, desço de elevador com Breno, um grande amigo.

— Damaris, hoje o contador quase me matou de susto antes de você voltar do almoço. Qualquer dia eu empacoto, mona. Bicha, não estou brincando. Aquele velho tem mais vida que todos nós juntos.

Duas madames entram no elevador quando Breno termina de falar. Cubro o rosto com as mãos, mas o som da minha risada escapa e elas me olham por cima dos ombros.

Se existe alguém que arranca gargalhadas de mim, este é Breno. Fizemos nosso exame admissional juntos e desde então somos bons amigos. Ele é um dos poucos amigos íntimos que tenho, daqueles que conto tudo. Finalmente suas férias terminaram.

As mulheres saem às pressas quando as portas se abrem.

— Girafas frigidadas. — ele fala com seus trejeitos excessivamente afeminados. — Morram!

— Breno, sua língua vai cair.

— Deus me livre! — quase grita — Uso muito a minha língua.

Oh meu Deus, como senti falta desse homem para alegrar meus dias de trabalho.

— Vou para outro lugar hoje.

— Sem nem me chamar? Está me traindo com a Suellen. Eu sabia. — brinca, fingindo-se de ofendido.

— Não.

Olho para ele com um sorriso descarado. Estou louca para contar a novidade, mas não faria isso no meio do plantão ou ele faria um escândalo.

Agarro seu braço e vamos até a escada de incêndio, onde teremos mais privacidade. Normalmente iríamos juntos até o ponto.

— Conta tudo, bicha. Quem é o boy?

— Quem disse que tem um cara na história?

— Seu sorriso de quem transou. — grito — Fale!

Tiro o celular do bolso e mostro uma foto que tirei hoje bem cedo quando eu e Marco ainda estávamos na cama. Não dá para ver muito: apenas nossos pés entrelaçados para fora da coberta.

— Uau! Mas isso é pelo menos um 44. Se o pé é assim, imagine a benga.

Isso é tão Breno.

— Não preciso imaginar... — abano o rosto — eu sei.

—Aaaah! Malvada.

Ele me puxa para um abraço e ficamos os dois rindo como duas amiguinhas de escola. Não é com qualquer pessoa que consigo me soltar tanto, muito menos em público, mas Breno é um irmão para mim.

— Amanhã vou te ligar e jantamos lá em casa. Tenho que te contar algumas coisas que aconteceram nas suas férias, mas tem que ser com tempo.

— Escuta aqui, sua tratante, eu não deveria, mas vou aceitar porque não posso perder meu ônibus hoje. Ainda não desfiz as malas do cruzeiro.

— Rica!

— Lógico! Ninguém precisa saber que paguei em 24x. — beija o ar
— Amanhã na sua casa.

— Combinado.

Todo estabonado, ele sai correndo pelo saguão do hospital enquanto eu espero e depois desço dois lances de escada até o estacionamento dos médicos.

Estou um pouco atrasada. Marco espera dentro do carro ligado, mas quando me vê, vem em minha direção com sorriso típico e mãos enormes, agarra-me pela cintura e gira comigo no ar.

— Sentiu a minha falta?

— Não. — sem colocar-me no chão, agarra meu pescoço e me beija contra uma pilastra — Isso é só para te conquistar mesmo.

— Terá que fazer melhor que isso. — provoco-o.

A brincadeira tem efeito instantâneo e ele volta a me beijar com mais intensidade. Entre beijos e mordidas, olhamos em volta, buscamos por ar e confessamos o desejo em voz baixa. As palavras são poucas e a entrega total. Faltam mãos para Marco, ele está em toda parte... boca e dedos scanando minha a pele.

É quente. Estou queimando.

— Alguém pode nos ver. — sussurro quando ele morde meu seio por cima da roupa.

— Eu sei. Você não chegava nunca, fiquei com mais saudade.

— Leve-me para casa. — peço impaciente.

— Vamos.

Animados, entramos no carro rumo ao apartamento dele que fica bem próximo ao hospital. O contrário da minha casa. Achei engraçado o fato dele morar no mesmo prédio que o irmão mais velho, porque normalmente quem busca independência tenta ficar a uma distância considerável da família. Em

nossas conversas percebo a admiração que ele tem pelo irmão, o carinho com a mãe e, principalmente, a mágoa que alimenta do pai.

Sempre fui afastada de grupinhos no trabalho, fofocas de corredor. Acredito que por isso sei pouco sobre a família Malamam. O que importa é que o meu salário esteja em dia, meus direitos sejam respeitados e as condições de trabalho sejam boas. Tudo está de acordo, então nunca me interessei pelas fofocas.

No pé que estamos, preciso de mais informações.

Não demora e Marco já está estacionando o carro. Em volta todos os veículos são luxuosos e brilhantes. Alguns nunca nem vi.

Estou nervosa, meu coração bate mais rápido do que de costume. Eu não quis estragar o nosso reencontro no estacionamento, mas o assunto é importante demais para colocar panos quentes. No fundo, sei que jamais conseguiria aceitar certas coisas. É algo meu, algo que afetou a vida de pessoas que amo e de maneira nenhuma seria capaz de entrar em um relacionamento com um homem sem o controle do seu próprio corpo e mente...

Espero que Marco não seja esse homem.

Para começar, meias verdades.

Marco

Que patético, eu estou nervoso. Realmente nervoso desde que passamos pelo portão da garagem. No elevador meus dedos suam como se estivesse em um calor sufocante, mas é só ansiedade. Obvio que já perdi a conta de quantas mulheres vieram aqui, mas tudo é diferente com ela. No fundo há um cara legal escondido dentro de mim e esse cara morre de medo de pisar na bola e perder a garota mais legal de todas.

Ela ainda não sabe, mas teremos visitas. Matteo e Nina virão a minha casa hoje à noite. Nina porque precisa, Matteo porque... sei lá, ele disse que vem.

Não foi proposital, mas poderia ter sido. Será divertido. Esbarrei com minha irmã nos corredores do hospital, coisa que dificilmente acontece, e ela disse que precisa esconder o presente de aniversário do marido na garagem do meu prédio. Um carro não me parece algo simples de camuflar, mas vindo de Nina tudo é possível. Acabei comentando com Matteo e sabe lá Deus como, combinamos de jantar na minha casa.

Com a cabeça que tenho, esqueci que isso seria justamente durante a primeira noite de Damaris em minha casa. Dois coelhos em um tiro só. Pelo menos mostro aos meus vigias consanguíneos que estou limpo e bem acompanhado. Além de deixar claro para Dama que o que temos é sério sem precisar colocar tudo em palavras.

Sou péssimo com palavras.

— Bom... é isso. — abro a porta e a deixo passar na frente.

É um apartamento pequeno de três quartos que vale mais pela localização do que por qualquer outra coisa. Hoje, está perfeitamente organizado. Não que eu tenha arrumado. Eu nem estive aqui por mais de dez minutos nos últimos dias, simplesmente entrei para buscar umas peças de roupa e saí.

— Estou surpresa. Está em ordem. — diz ela olhando em volta — Pela bagunça que você deixa lá em casa, esperava encontrar um pequeno caos, mas...

— A moça da faxina veio hoje. Ela está aqui uma vez por semana.

— Ah, está explicado.

— Ei! — seguro-a pela cintura — Que bagunça que deixo na sua casa?

— Nos últimos dias a ponta da minha cama ficou molhada por causa da sua toalha, a manteiga esqueceu o caminho da geladeira e precisei desvirar chinelos a cada vinte minutos.

Não! Que exagero. Manteiga nem precisa ficar na geladeira, fica dura.

— Nos últimos dias, — pressiono meu corpo contra o dela — aconteceram coisas bem mais interessantes que isso. Talvez a toalha tenha ficado lá porque minhas mãos estavam ocupadas.

— Devo concordar. — sorri.

Fazendo-a gritar, agarro suas coxas e a carrego nos ombros até o meu quarto. Só quando entramos no banheiro, a coloco no chão e sem falar nada, retiro seus sapatos de trabalho, meias e calça. Estou louco para vê-la fora dessas roupas. Ela olha divertida para o que faço, ajuda com a blusa e solta os cabelos e óculos.

— Está com pressa? — seus olhos verdes enormes brilham tão ansiosos quanto os meus.

— Estou com saudade.

Damaris se segura na borda da pia quando abocanho seus mamilos. Brinco com os dois bicos enquanto arranco minhas roupas. Ficamos pelados, nos agarrando contra a parede de azulejos e rindo do desespero louco que nos toma igualmente. E quando finalmente chegamos ao box, não nos preocupamos com o banho. Primeiro vem o prazer.

Meu pau lateja sabendo o que o aguarda.

Apressada, ela vira de costas e empina a bunda para mim. Enfio a mão entre suas pernas, metendo dois dedos dentro do corpo quente enquanto a agarro. Suas mãos escorregam no piso preto, o corpo se move por instinto

rebolando como uma gata enquanto a masturbo. Retiro os dedos e lambo.

Hummm! Gostoso, salgado.

— Você é uma safada, Dama. — mordo seu ombro e meto tudo de uma vez — Então toma!

— Ah!!! — grita, mas não se afasta.

Sem pausa, meto forte segurando em seu quadril. A mão que estava no piso, agora brinca com o clitóris. É alucinante quando ela se toca e toma as rédeas do próprio prazer. Sinto como se eu fosse só um instrumento.

Ela pode me usar o quanto quiser.

— Mais forte! — pede empinando, envergando as costas.

Dou mais. Invisto mais forte, já próximo ao orgasmo e chegamos juntos.

1 hora depois...

Damaris coloca os óculos e encara o espelho, prende e solta o cabelo sem decidir como quer ficar. Ela está nervosa desde que avisei que meus irmãos estavam chegando há dez minutos atrás.

— Você está perfeita, gatona.

— Olhe para isso. — aponta para alguns vergões vermelhos na junção do seu ombro com o pescoço. Acho que morde ali. — Vou tentar passar um pouco de base para esconder.

Enquanto ela vasculha a bolsa, a campainha toca.

— Acho que agora já era. — digo rindo. — Eles vão entender.

— Que vergonha, Marco.

Quando foi a última vez que me senti entusiasmado com alguma coisa que não fosse... cheirar? Não me lembro. Abro a porta com um sorriso de orelha a orelha que beira o ridículo.

Matteo, em seu perfil elegante, tem uma garrafa de vinho na mão. E Nina, que já deve ter sabido da novidade, me cumprimenta com os olhos focados no interior do apartamento. Obviamente ela estuda Damaris.

— E aí? — deixo que eles entrem.

Matteo me entrega a garrafa.

— Pedi massa, já deve estar chegando, meninos. — fala minha irmã.

Antes que a minha coruja saia voando pela janela, corro até ela e apresento a todos.

— Nina, Matteo, esta aqui é Damaris, minha namorada. — ela aperta meus dedos — Dama, esses são meus irmãos mais velhos, Nina e Matteo.

Quer forma mais eficiente de pedir alguém em namoro?

O negócio é não dar tempo de pensar.

Os três se cumprimentam, surpreendentemente ninguém me faz passar vergonha. Sentamos todos em volta da mesa e mergulhamos em uma

animada conversa. O mistério principal é: como não conhecemos Damaris antes?

A pesar de ser uma empresa familiar, o Malamam Apart Hospital é um complexo enorme com milhares de colaboradores. Nem se tentássemos conseguiríamos conhecer todos com seus vários turnos, setores e especialidades.

Por sorte encontrei a minha agulha no palheiro.

— Vocês estão saindo há muito tempo? — Nina pergunta à Damaris.

— Uma semana. — ela responde com sua voz baixa e olhos marcantes.

Engraçado como mesmo pequena e tímida, não parece infantil ou assustada. A mulher ao meu lado gosta de passar despercebida, mas se mantém firme quando notada.

— Isso é tão pouco. — quase mando Nina calar a boca — Demorei mais de cinco meses para apresentar meu marido à família. Marco deve gostar mesmo de você.

— Inconveniente. — jogo no ar.

— Eu?

— Quem mais seria? — uso tom de brincadeira, mas falo sério.

Matteo estende a mão para Damaris que observa tudo calada e diz:

— Pode parecer estranho, mas são adultos, médicos e até pagam seus impostos. — ele pisca para ela com cumplicidade — Quer mais vinho?

— Acho que vou precisar. — ela responde.

Há muito tempo não me sentava com meus irmãos para falar qualquer coisa que não fosse trabalho. Hoje em momento algum me senti desconfortável ou percebi olhares preocupados comigo, apenas vinho e bate papo. Nina conseguiu esquecer seus números e planilhas por algumas horas, desligou o celular e se permitiu voltar a ser alguém que não mãe ou chefe. Matteo colocou de lado o seu eterno posto de meu irmão mais velho e quase... quase teve um porre... um porrezinho. Como nada é perfeito, ele

parou de beber ao perceber que estava alto demais.

Sim, eu me diverti com vinho e massa. Foi ainda mais gostoso escutar a risada discreta, porém genuína, de Damaris.

— A. B.C.D.E.F.G.H.I.J... DEU J! Nina gritou depois de contar nossos dedos esticados sobre os pratos sujos e vazios.

Adedanha é sempre uma boa pedida depois de algumas taças de vinho.

— Tá louca? Analfabeta. — ri Matteo mostrando os dedos —Deu K.

— Mas K não conta, voltei uma letra. O que tem com K, Matteo? Tem alguma fruta com K, Marco?

— Kiwi. — respondo revirando os olhos para ela.

— Ah, pelo amor de Deus! Essa é a única coisa do planeta que começa com K.

— Também acho. Deixa o J mesmo. — Damaris concorda.

Seguimos com a letra definida pelas mulheres. Eu é que não iria discordar da minha.

Entre jaca, jaguar, Jacarepaguá, jiboia e jujuba, descobri que a minha coruja é extremamente competitiva e tem uma memória do cão. Cinco rodadas depois, meus irmãos foram embora. Quase precisei escorraçar os dois às 3h da manhã. Nina chamou um Uber, Matteo desceu para a casa dele e eu estou ajudando Damaris a organizar as coisas porque ela se recusa a deixar tudo como está para dormir.

— Hoje falei sobre nós com uma amiga. — seu tom de voz preocupado chama a minha atenção — Ela ficou muito feliz por me ver feliz.

Observo-a enquanto guarda os pratos. Percebo que há algo mais que quer me dizer, e no fundo imagino o que seja.

— Essa amiga é do hospital?

— É.

— E o que ela acha de nós dois juntos?

Damaris coloca o pano de prato sobre a pia, vira-se em minha direção e com os olhos neutros, pergunta:

— Marco, existe algo sobre você que eu deva saber?

Puta merda!

Imediatamente vem a minha cabeça a nossa conversa de duas noites atrás, quando ela contou sobre o filho de Santa, praticamente seu primo. Ali ficou clara a sua aversão por qualquer entorpecente.

Não preciso ter um adversário agora. Não quando estamos começando algo tão bom.

— Já sou um homem feito, tenho muitas coisas para contar. — tento brincar para fugir da questão — Mas garanto que sou solteiro, não tenho filhos, nem ex maluca. Nunca matei ninguém e muito menos roubei nada significativo.

— Significativo? — repete alarmada — O que isso significa?

— Halls na cantina da escola. De zoeira quando moleque. Vai me dizer que nunca fez nada parecido.

— Não!

Ah para! Todo mundo já cometeu pequenos delitos quando criança. Uns roubavam mangas, outros, balas. Sei lá...

— Você tem cara de ter sido a nerd que conta tudo para a professora.

Ela sorri e faz cara de quem vai revelar algo muito sujo.

— Saiba que já levei suspensão de três dias por jogar groselha no bebedouro da escola quando tinha onze anos. E minha vó precisou assinar um termo de responsabilidade uma vez. Sabe por quê? Eu ameacei uma professora.

— Caramba! Isso foi chocante. — chego bem perto dela, envolvendo o seu corpo — Fiquei preocupado agora. O que essa professora fez?

Antes de responder, ela sorri, parece envergonhada.

— Deu um beliscão na minha melhor amiga.

Tinha que ser.

— Defender amigos te bonifica, não é demérito.

Por um breve momento esquecemos o clima duvidoso de minutos atrás. Eu a beijo, passo a mão por suas costas até alcançar a nuca onde seguro forte travando o corpo gostoso de Damaris junto ao meu. Sinto seus seios apontarem colados a minha pele, ela se esfrega a mim como uma gatinha. Minha língua penetra sua boca e quando me suga, empurro nossos corpos contra a parede. Estamos pegando fogo, basta um toque para o tesão vir forte.

— Espera. — ela interrompe o beijo — Não me distraia, por favor. É importante para mim. Tem alguma coisa que eu deva saber?

— Não. — Sou firme. Respondo olhando em seus olhos sem pestanejar.

Pode até parecer, mas não é uma mentira; talvez meia verdade.

Os escorregões da minha vida não são algo que ela precisa saber, fatos que possam mudar o que ela sente por mim. Estou limpo. Por cinco dias estou limpo... ou quase. Só cheirei uma vez essa semana, quando precisei pegar algumas roupas em casa. A droga já estava aqui, não comprei na fissura de usar. Viciados fazem isso. Eu não.

— Eu acredito em você.

Que merda! Por que ela tem que ser assim? Esses olhos verdes brilhantes, a confiança derramando deles. Parece que encontro um lugar de descanso simplesmente estando aqui, diante desse olhar de conforto. Saber que a minha honestidade é questionável me faz sentir um merda.

Ela está aqui abrindo o coração para um começo perfeito e eu fazendo meus eternos remendos nos buracos que deixo pelo caminho. Não quero remendos com Damaris. Preciso que seja inteiro, limpo e para sempre.

— Vamos para cama? — pergunto beijando o seu pescoço.

— Vamos.

Como um noivo nas núpcias, pego-a em meus braços e faço o caminho até o quarto devorando sua boca carnuda em uma pequena

demonstração do que farei com o restante do corpo. Meu pênis está duro, meus músculos tensos e a mente trabalhando em cenas quentes.

A fonte do problema

Damaris

Retorno com o carrinho de medicações para o posto de enfermagem, pois terminei toda a rotina da manhã e finalmente poderei subir para fazer um lanche. Dificilmente consigo almoçar nos dias de plantão, parece que a comida não desce, então me viro com um sanduiche ou frutas.

Organizo tudo, confiro os prontuários e saio.

No terraço algumas pessoas comem, conversam ou apenas relaxam. É um lugar de múltiplas funções, mas para mim é o ambiente perfeito para fugir do cheiro de hospital, dos rostos preocupados e cores frias. Aqui tem plantas e as vezes sol.

Sento-me em um dos bancos com o meu sanduiche de frango com salada e uma garrafinha de água. No ouvido, fones grandes tocando um som acústico. É bom para mim.

Quem olha de longe deve pensar que sou louca. Só de olhar para o sanduiche, lembro como foi feito, penso em Marco de pé atrás de mim bem cedo, com o céu ainda escuro, fazendo cocegas com mordidas no meu pescoço só para atrapalhar.

Como pode ser assim? Ele acorda feliz, leva a vida com sorriso constante e toques carregados de picância. Uau! Só de lembrar meu corpo se aquece e minha pele se arrepia. Esfrego o pescoço e levo a mão ao rosto com medo de transparecer os calafrios que senti. Estou assim ultimamente, basta lembrar ou imaginar as coisas que Marco é capaz de fazer e pronto, fico quente; as vezes até molhada.

Nossas noites juntos tem sido movimentadas. Transformo-me sob suas mãos, deixo vir à tona uma mulher que imaginei existir apenas nos meus pensamentos. Mas ela existe e emergi por ele.

**

20h57min

Casa de Leônidas e Sarah Malamam

Tamborilo os dedos em meus lábios de nervoso.

— Tem certeza que eles me convidaram, Marco? Conhecer seus irmãos não é o mesmo que conhecer seus pais. Estou tremendo, é sério.

Ele chega bem próximo ao meu ouvido e diz baixinho:

— Não. Vamos chegar de surpresa e depois do prato principal anuncio que você está grávida. Será um show e tanto, não acha?

O sangue drena no meu rosto e olho para ele chocada.

— Diga que está brincando.

A gargalhada desaforada responde por ele. É claro que está brincando. Pelo amor de Deus, ninguém faria uma coisa dessas.

Espero que não.

Enquanto voltávamos do hospital, Marco recebeu uma ligação nos convidando para um jantar na casa dos pais dele.

Mal tive tempo de me aprontar. Por sorte tinha um vestido preto liso na mochila e decidi que estaria bom. Sem decotes, sem exageros, apenas um corte reto até o joelho que comprei no Brás há uns dois anos atrás.

Até chegarmos bem próximo a mansão dos pais de Marco, ele estava como eu conheço: normal, alegre e risonho. Às vezes acho que ele é um menino. Estranhamente seu semblante mudou, a velocidade do carro diminuiu e quando percebi que manobrava para estacionar, já não havia nenhum humor em seus olhos.

— Está tudo bem? — pergunto sem querer ser invasiva.

Ele não diz nada, confirma com a cabeça e desce do carro, dando a volta correndo para abrir a minha porta.

A primeira pessoa a nos receber é uma senhora com os olhos mais azuis que eu já vi. Mesmo mais velha, seus cabelos são bem pintados em um

tom acobreado e as unhas escuras.

— Já estava ansiosa, meu filho. — ela abraça Marco cheia de carinho. Diante de um homem tão grande, parece ainda menos do que eu havia percebido.

— Mãe, esta é Damaris, minha namorada.

— Oi! Marco fala muito da senhora, dona Sarah.

Nossa! Isso é tudo que consigo processar no meu atual estado de nervos. É a segunda vez que sou apresentada como namorada de Marco e nem mesmo falamos sobre o assunto.

— Que linda! Modéstia à parte, parece comigo quando mais jovem.

— Foi exatamente por isso que a escolhi. — diz Marco piscando para mim.

Nós rimos com a brincadeira boba, mas isso acaba quando um senhor impressionantemente parecido com Marco e Matteo surge atrás da mãe deles.

Que coisa esquisita. Tudo estava leve e de repente pesou. Os dois travam olhares por um flash de segundos, mas depois de um sutil mover de sobrancelhas do pai, Marco abaixa a cabeça e volta a segurar a minha mão com firmeza.

Ele está tenso com a presença do pai? Não entendi.

— Você deve ser Damaris. — assusto-me com a voz grave — Prazer! Sou Leônidas Malamam.

Uou! Sim, ele é. E eu estou aqui sem palavras.

Olha, ele sabe impor respeito.

— Prazer, doutor Leônidas. — minha voz sai tremida e morro de vergonha por isso. Felizmente ninguém parece perceber.

Em volta da enorme mesa redonda, estão Matteo, Nina, o seu marido, os pais de Marco e nós dois. Fui apresentada a três crianças muito animadas, mas antes que eu pudesse lembrar dos nomes, eles fugiram para o jardim. Devem estar brincando por essa propriedade gigantesca.

Marco mantém uma mão sobre a minha coxa. Ele conversa com o cunhado sobre um primo que mora fora do país, acho que na Califórnia. Rodrigo, marido de Nina, quer passar algumas semanas por lá com toda a família e pergunta se alguém tem milhas para vender. Enquanto finjo participar do assunto que não entendo, observo a forma carinhosa que dona Sarah olha para o filho. Ela está nitidamente feliz.

— Nina disse que você trabalha no hospital, Damaris.

— Sim, dona Sarah.

— Sem dona, pelo amor de Deus. O espelho já me revela a idade.

— Então se conheceram nos corredores? — pergunta o pai se intrometendo na conversa — Já vi esse filme, não é mesmo Ninfa?

Do que ele a chamou?

— Na verdade nos conhecemos em um bar. — Marco corrige.

— E depois nos reencontramos no hospital. — acrescento. — Eu o atrolei na escada.

Marco deixa seu copo sobre a mesa e conta com riqueza de detalhes o que aconteceu naquele dia. Não que seja uma história engraçada ou interessantíssima de se ouvir, a questão é o carisma, a emoção que ele coloca ao narrar uma coisa simples, cativa o ouvinte. Até mesmo eu, que estava lá, fico interessada na história pela ótica de Marco.

— Filho, não se segue uma moça dessa forma hoje em dia. — diz dona Sarah — Qualquer outra teria o acusado de assédio.

— Minha abordagem foi bem menos sutil e não fui acusado de nada. — Dr. Leônidas rebate e os dois trocam olhares um tanto particulares.

— Outros tempos, outros tempos. — ela responde apertando os olhos para ele.

Com certeza tem muita história por baixo desse relacionamento.

Tirando pelos filhos, e até mesmo por sua aparência já mais velho, imagino que o patriarca tenha sido um daqueles homens arrebatadores quando mais jovem.

— Mãe, esses olhos de coruja não me enganaram. Eu tive certeza que ela me queria.

— E como um bom Malamam, correu atrás do seu desejo. — começa Dr. Leônidas — Só é uma pena que não seja tão aplicado quando o assunto é mais sério. Deveria correr atrás do seu futuro como corre atrás de mulher. Sua mãe não estará aqui para sempre limpando as suas merdas.

Silêncio total.

A voz pesada com notas claras de desagrado sai da boca do homem como flechas focadas em Marco. Embora grosseiro, ele não pareceu arrependido das palavras, como se fosse uma simples constatação.

Discretamente olho ao redor da mesa, todos parecem segurar a respiração, movendo apenas os olhos entre si a espera da primeira reação. E ela vem da ponta.

Sem estardalhaço, dona Sarah fica de pé e pede licença a todos.

— Ninfá...

— Não fala comigo, Leônidas. — ela fala alto com o dedo em riste para ele sem nenhuma rusga de temor — Como sempre sua língua grande estraga bons momentos. Nós combinamos “sem piadinhas e cobranças. Nós combinamos “um momento de trégua”.

Não sei como agir. Olho para Marco e percebo o quanto está afetado pelas palavras do pai. Antes que eu possa abrir a boca para dizer qualquer coisa, ele fica de pé, segura minha mão e pede em voz baixa, quase inaudível:

— Vamos.

Sinceramente nem sei como reagir a isso tudo. Parece uma grande panela de emoções incoerentes.

Os pais de Marco subiram discutindo sem se importar com quem pudesse ouvir. Todos à mesa fingiram costume e nós seguimos em direção a saída de mãos dadas.

— Marco! — uma voz masculina grita atrás de nós. — Espera, cara.

— Deixa isso para lá, Matteo. Nós sabemos que ele precisa de alguém

para cristo.

— Não é isso. Você está sendo injusto com o velho. Ele tem os motivos dele para agir assim com você, por mais que exagere as vezes. Releva...

Eles seguem conversando enquanto caminhamos até o carro.

— Motivos dele? — Marco se exalta.

— E não tem?

Sem responder, ele aperta o passo e me esforço para acompanhar. Meus saltos se prendem entre as pedras do chão e preciso de apoio para não cair.

— Irmão, vá para casa e amanhã conversamos. — Matteo fica para trás e grita — Cuida dele, Damaris.

— Pode deixar. — respondo.

Foi uma resposta automática. Não sei o que está acontecendo, muito menos o que levou as coisas a chegarem neste ponto de ebulição. Tudo que posso fazer é estar presente.

Fazemos o caminho para o apartamento sem falar muito. Marco escolhe uma música agitada, abre os vidros e raramente me olha. É a primeira vez que o vejo dessa forma, nervoso e sem o habitual sorriso no rosto.

Depois de ultrapassar alguns faróis, chegamos ao apartamento. Mesmo irritado, ele dá a volta no carro para abrir a porta para mim, beija o topo da minha cabeça e subimos o elevador abraçados.

— Quer que eu prepare alguma coisa gostosa para você? — ele compreende a pergunta dúbia, mas não se anima.

— Hoje não. Pode ir deitar, logo vou também.

— Tem certeza que não quer alguma coisa? Podemos escolher um filme ou só deitar no sofá ouvindo música.

Por um segundo ele parece que vai aceitar, mas balança a cabeça negando.

Talvez seja melhor deixá-lo sozinho para se acalmar e amanhã

conversamos sobre o ocorrido.

— Qualquer coisa, estarei na cama. Boa noite.

Caminho devagar em direção ao corredor e quando estou longe, ouço-o responder.

— Boa noite, Dama.

**

02h47min

Eu tentei dormir, mas não consegui. Depois de alguns minutos rolando de um lado para o outro, escutei uma música pesada abafada vindo de dentro do apartamento. Relutei em sair da cama, afinal, Marco deixou claro que precisava de espaço.

O som metálico só fez instigar a minha curiosidade. *O que ele estaria fazendo?* Olho para o relógio e vejo que é muito mais tarde do que quando chegamos. Eu devo ter cochilado e nem percebi.

Sobre o meu corpo, uma manta. A porta está fechada e as cortinas também, deixando o cômodo na penumbra.

Ele veio aqui e saiu?

Vestindo apenas uma tanga preta, saio à procura de Marco.

A sala está vazia, assim como a cozinha e o banheiro. A porta do segundo quarto está fechada, mas ele sempre está assim. Não tive tempo de descobrir o que tem ali, mas vejo luz passar por baixo da madeira. O som vem do mesmo lugar.

— Marco? — bato algumas vezes, mas não tenho resposta. — Marco, você está aí dentro?

Espero. Sem resposta.

Posso parecer enxerida agora, e não me importo. Estou realmente preocupada com ele. Giro a maçaneta e percebo que está destrancada. Com o coração mais acelerado que o normal, entro.

O que?

Que lugar é este?

Levo a mão a boca. Meu coração pode saltar para fora a qualquer instante. De tudo que esperaria encontrar aqui, isso é o mais surpreendente.

Nas paredes, empilhados no chão e jogados estão muitos quadros de desenhos escuros. Não são pinturas, nem mesmo têm cores. São telas brancas desenhadas a carvão ou qualquer coisa semelhante.

No centro do quarto, sentado sobre os joelhos e completamente sujo está Marco. Suas mãos se movem freneticamente, seus olhos estão estatelados e a respiração intensa. É como se tivesse descontrolado.

Tento chegar perto e falar, mas não consigo. Meus olhos varrem o local e a todo momento fico mais e mais perturbada.

Dou um passo vacilante, porém, assusto-me com a voz grave e tremida de marco tão alta que sobressai a música eletrônica.

— Ele não entende nada. Nada. Ele não entende nada. Não entende. Nunca entendeu nada.

— O que está dizendo, Marco? — falo baixinho com medo de assustá-lo.

— Eu sou errado. Está tudo errado comigo. Quem erra é sempre o Marco. — ele fala rapidamente. É quase incompreensível.

A tela no chão é enorme. Tão grande que ele precisa se esticar para fazer riscos de um canto a outro. Só aí percebo que o desenho é um rosto e que esse rosto pertence ao pai dele. É o Dr. Leônidas no desenho.

Marco rabisca, apaga com o dorso da mão e funga. Para onde se olhe há uma poeira preta que se desprende dos pedaços de carvão jogados pelo chão. Uma bagunça assustadora. Tomo coragem e me aproximo dele ficando abaixada do outro lado da tela.

Tão de perto posso ver suas feições transfiguradas, as pupilas dilatadas e nariz sujo. Não de preto como o resto do corpo. Ao tomar ciência do que está acontecendo, sinto uma lágrima escorrer.

Era isso...

Era verdade.

Sobre um prato no chão, vejo os restos da droga que o deixou como está agora.

— Marco... por favor. — falo desesperada.

Ele não responde. Seu foco está no desenho, é como se eu não estivesse ali. Vou até a porta sem saber como agir, mas me falta coragem para deixá-lo

sozinho. Sento-me no corredor onde posso vê-lo. Observo seu momento de euforia por breves minutos, talvez menos de dez minutos. Então ele procura por algo que parece não encontrar, estagna com a respiração ofegante e contempla o desenho com olhos mortos.

Não há consciência por trás deles.

E de repente, com clareza, vejo sua fisionomia mudar da inquietação ao vazio, até chegar à tristeza. Seus olhos azuis ganham tons negros, deprimidos. Os braços, antes elétricos, envolvem o corpo como um grande envelope formando uma bola. Isso me dói. Quero pegá-lo em meu colo e dizer que tudo irá ficar bem, mas não consigo me aproximar vendo o ambiente de guerra que ele foi capaz de criar.

Respiro fundo.

Preciso ter mais coragem. Tenha coragem, Damaris.

— Pare de olhar para mim! — Marco grita com o retrato.

De imediato acho que é comigo e penso em me afastar, mas percebo rapidamente o foco da sua raiva.

E sem demonstrar esforço ou dúvida, ele destrói a tela recém feita. Rasga o belo desenho em mil pedaços e volta a sua posição fetal.

Preciso fazer alguma coisa. Assistir o seu espetáculo de autodestruição apenas me mata por dentro.

Corro até a sala, olho para o aparelho de telefone, mas não sei para quem ligar. Encontro o celular de Marco sobre o bar, só que está bloqueado. Preciso pensar.

O que eu posso fazer?

Pensa, Damaris.

O porteiro!

— Portaria. — atende a voz.

— Oi. — puxo o ar com força — É... eu sou namorada do Marco e sei que o irmão dele mora no mesmo prédio. Preciso dele aqui, por favor. É

urgente, senhor!

O desespero em minha voz deve ter deixado claro a urgência da situação. O homem apenas disse um “pode deixar” e desligou.

Volto para a sala e em um instante a porta de entrada se abre e vejo Matteo passar por ela. Só aí percebo que estou sem roupas. A vergonha congela o meu cérebro e só consigo esticar o braço para puxar uma manta que estava dobrada sobre o sofá.

— Onde ele está? — pergunta apressado.

— No outro quarto. Ele não está normal.

— Fique aqui.

Concordei. O que eu posso dizer? Ele sabe melhor do que eu do que o irmão precisa.

Sentada no sofá com as mãos juntas diante do rosto, começo a rezar. É a única coisa que consigo pensar em fazer agora.

Suellen estava certa sobre o que disse. Marco, assim como Jean, é um viciado, usuário dessas porcarias que levam tantas vidas e destroem tantas famílias. *Meu Deus do céu. Por que alguém como ele faria algo tão idiota? Destruir a própria vida a troco de nada.*

Enquanto penso calada, escuto algumas palavras vindo do corredor. Matteo conversa com o irmão, mas não entendo o que diz.

Junto algumas almofadas e fico ali com os olhos vidrados em meus próprios dedos, buscando respostas.

Não posso levar a diante o que não tem futuro. Isso precisa acabar.

Ao pó voltarás

Marco

Desliguei o telefone com a certeza do fim. Mas como poderia chegar ao fim o que mal tinha começado?

Quando acordei a única pessoa que vi foi Matteo, sentado ao meu lado mexendo em seu telefone, vestindo uma das minhas camisas. As olheiras de um panda me disseram que a noite foi longa para ele. Se bem o conheço, não dormiu.

Lembro bem do que aconteceu, no entanto, não como protagonista. Minhas memórias são de espectador, como se tivesse assistido de fora. Talvez nem eu mesmo compreenda alguns dos meus pensamentos, mas eles estão aqui, vivos e rodeando a minha mente.

Aperto o celular entre os dedos. Talvez se eu tentar outra vez, de repente algo mudou agora que os ânimos esfriaram. Isso é uma merda! As primeiras ligações ela não atendeu. E quando finalmente atendeu, foi apenas para deixar claro que não poderia continuar comigo depois do que viu.

Meus argumentos foram inúteis contra a decisão imediata de Damaris em me deixar. Ela não pensou, nem mesmo cogitou ficar ao meu lado depois do que viu.

Para Matteo, ela disse lamentar que as coisas tenham chegado ao ponto que chegaram. Segundo ele, mesmo visivelmente decepcionada, Damaris só foi embora depois de ter certeza que eu ficaria bem.

— Vai insistir? — meu irmão pergunta deixando uma garrafa de água sobre a mesa.

— Devo desistir?

Estamos há um longo tempo calados, ambos sentados à mesa absortos em seus telefones.

— Não sei exatamente o que te dizer sobre isso. — ele fala.

— Ótimo conselho de irmão. Fale mais, está ajudando bastante.

Trocamos um rápido olhar e ele balança a cabeça recriminando meu

humor ácido.

Ah, não fode! Eu aqui cheio de problema e ele com esse papinho.

— Marco, você é muito camicase. Se não for branco é preto, se não for oito, é oitenta. Calma, cara. Eu só nunca passei por nada parecido. Vocês têm uma relação recente, porém, parecem muito próximos e apaixonados...

Opa!

— Ela parece apaixonada por mim? — interrompo-o.

— Parece. O que eu estava dizendo...

— Em que momento acha que ela demonstrou estar apaixonada por mim.

Ele bufa.

— Marco, quer me escutar? — concordo — Você está apaixonado por ela? — abro a boca para responder, mas ele me interrompe — Pense. Esquece um pouco o sexo, o corpo, o prazer. Quero saber se ela é a mulher que realmente mexe com você.

Respiro fundo e deixo os pensamentos virem mais coerentes, as lembranças e principalmente o desejo. Não o desejo carnal, que é grande, mas sim o desejo do amanhã.

— Ela faz mais do que mexer comigo. — sorrio para a imagem do rosto tímido que povoa a minha mente — Nunca saí de casa tão animado para trabalhar. E te garanto que meus pacientes não eram o motivo principal. Ela era. O Jardins perde feio para Osasco no meu atual padrão de qualidade. Aquela cama dura é onde eu queria estar. Já quis muito ouvir a voz de alguém? Porque eu sinto como se precisasse ouvir a voz dela, olhar as sobrancelhas dela escaparem pela armação quando uma coisa a intriga. — fico de pé — Até de Britz eu sinto falta. E olha que ela destruiu a carteira que mamãe me trouxe de Milão... com tudo dentro.

— Britz?

— Uma cachorrinha empestuada.

Matteo gargalha.

— Isso em uma semana, bonitão? — Matteo pergunta sorrindo. Ele ri de mim, mas também para mim.

— Isso desde o primeiro dia.

E é verdade.

Aquele rosto deslocado no bar, os olhos assustados na escada, a ruga de aborrecimento quando insisti em acompanhá-la, o sorriso discreto com minha insistência. Tudo está gravado. Ela está gravada em mim desde o primeiro dia.

— Quer um conselho, irmão?

— Estou esperando por isso.

— Deixe as coisas esfriarem. Marco, ela te viu no seu pior momento. Dá um tempo para Damaris conseguir digerir isso.

Que merda! Isso não é tão simples assim para ela.

— Você não tem noção de como essa merda é mais profunda do que parece. — ando angustiado — Ela tinha um primo, parente, sei lá, que foi morto por dívida de tráfico.

Matteo olha-me com uma cara que diz “puta merda”.

— Nossa!

— Por que está me olhando assim, Matteo?

— O seu argumento era “uso quando quero, depois fico sem. Não me atrapalha em nada.” Sério, cara? Achei que a chegada de Damaris na sua vida fosse colocar as coisas nos eixos, mas aí você tem mais uma recaída e perde a mulher do dia para a noite.

— Que recaída? Foi uma vez e nem cheirei tanto assim.

Entramos em uma discussão acalorada sobre o estado que ele me encontrou ontem. Não concordo com seus argumentos. Simplesmente vejo de outra forma.

Pelo amor de Deus! Parece que vivo debaixo de viaduto, pedindo dinheiro para cheirar.

— Sabe quando vai perceber que está doente? Quando for tarde demais para isso.

— Vai embora, Matteo.

— Vou mesmo

Mal Matteo passa pela porta, meu interfone toca. É Walter. Por alguns minutos esqueço dos meus problemas, tamanho o seu estado de nervos. Walter mora na casa dos pais da namorada desde que precisou vir para São Paulo, pelo que ele fala, é mais um relacionamento de conveniência do que qualquer outra coisa.

Infelizmente nem tudo dura para sempre, e ele não está aceitando bem o fim. Só fico na dúvida se é pela mulher ou pelo conforto que ela proporciona a ele.

Temos muita intimidade, ele é aquele tipo de amigo que já chega abrindo a geladeira e mudando o canal da tv.

Tomo um banho, livro-me da bagunça do quarto de desenho e volto para a sala. Walter está no telefone, mas desliga rápido.

— Pedi um negocinho legal para a gente. — diz animado.

— Não vou usar nada hoje não. Tô de boa.

— Pelo menos para me acompanhar, cara. Preciso dar uma descarregada.

Eu sei que ele quer companhia agora, mas preciso muito ficar longe de tudo que me instiga a querer cheirar. Quero estar limpo quando encontrar com Damaris para ter ao menos argumento.

— Walter, na boa, vou passar essa. Já tive problemas o suficiente por um dia.

— Como assim? — pergunta ao perceber que tento me esquivar.

Sento-me ao seu lado e digo tudo. Conto sobre Damaris, nosso envolvimento, a experiência dela com o primo. É um resumo, pois não quero me estender. Por fim, comento sobre a noite anterior sem entrar em detalhes.

— E ela te deixou por causa de uma carreira de pó? Bela bosta. Que vadia!

— Olha como fala, Walter. — meu sangue ferveu ao escutar ele se referir a Damaris dessa forma. Se fosse outra pessoa, nem sei...

— Foi mal... Marco, você é um cara pintoso, com dinheiro. Parte para outra. Essa aí quer te colocar na coleira logo no começo. Imagine daqui seis meses?

Não me incomodaria.

— Deixa que eu cuido disso, Walter. — pego minhas chaves — Agora tenho que sair.

— Vai atrás dela?

— É da sua conta? — falo sem paciência.

Ele percebe minha insatisfação e levanta as mãos como em defesa.

— Entendi. Tem como me emprestar umas duzentas pratas?

Emprestar como, se ele nunca paga?

Arranco o dinheiro da carteira e entrego a ele para agilizar as coisas. Quero chegar a Osasco o mais rápido possível e resolver tudo com Damaris. Só preciso de mais uma chance.

Enquanto dirijo, reflito sobre a catástrofe de ontem. Maldito jantar. Eu sabia que meu pai encontraria uma forma de mostrar a Damaris os meus fracassos, expor o quanto sou ruim para carregar o sobrenome Malamam.

Dr. Leônidas nunca lidou bem com o fato de um dos seus filhos fugir à regra.

Talvez por isso eu tenha feito o meu pior para ele... sempre. Hoje, adulto, vejo como fui idiota peitando o meu pai e tentando ir contra tudo e todos, mas um dia já era tarde. Um abismo se abriu entre nós e simplesmente não consigo alcançar o outro lado.

Ele é muito cabeça dura. Sim, eu também sou, mas nem se compara. Das vezes que tentei, nunca fui bem recebido. Hoje vivemos assim: dois

extremos ligados pela minha mãe.

Estaciono em frente à casa, mas vejo que está tudo muito quieto. Alguns vizinhos me olham, outros cumprimentam. Chamo algumas vezes no portão, sem sucesso.

— Ela não está em casa, rapaz. — diz uma senhora sentada do outro lado da rua.

— Será que foi longe?

— Ah não sei. Mas ela num voltou desde ontem.

Ontem? Como assim? Era para ela está aqui.

Só então percebo uma coisa: não sei nada sobre Damaris. Seus amigos ou hábitos são inexistentes para mim. Se ela foi conversar com uma amiga, se aconselhar com quem quer que seja, nunca saberei.

Dirijo até a padaria e espero, mas ela não está lá. Ando um pouco pelo bairro voltando diversas vezes ao portão da sua casa. Britz late e pula quando me vê.

É uma bosta dar com a cara na porta.

Eu me conheço, sei onde toda essa angustia me levará, sei do que preciso, o que quero. Depois de algumas horas, busco por qualquer tipo de satisfação que leve o caos vazio que se estabeleceu dentro de mim.

Passando por uma rua deserta, no início da noite, um movimento chama a minha atenção. Cinco garotos de uns dezessete anos estão sentados em uma das ruínas de uma praça. Sei o que eles estão fazendo.

Quem não saberia?

Desligo o carro, desço e faço a única coisa que não deveria fazer.

Ele responde a dor

Damaris

— Hoje você está muito distraída, Damaris.

Olho para Gaspar sem vontade de negar a sua observação. Hoje é um daqueles dias em que eu deveria ter ficado na cama, mas não pude. Alguém tem que pagar as contas, não é mesmo?

— Acha? — não olho diretamente para ele.

— Eu diria que temos problemas no paraíso. — dou de ombros — É uma ilusão. Não há paraíso nem mesmo nos relacionamentos mais bonitos. Sabe por que?

Nego com a cabeça. Sinto vontade de chorar. A lembrança de Marco transtornado da forma que vi mexeu muito comigo.

— O paraíso é demasiadamente monótono.

— Isso significa que devemos nos contentar com o inferno?

— Não. Mas quem espera demais, morre sentado.

Termino de administrar seus medicamentos, dou um beijo em sua testa enrugada e saio pela porta com um nó inquieto na garganta.

Desde que deixei Marco aos cuidados do irmão sinto-me como alguém que abandonou algo seu com um completo desconhecido. Quero voltar, cuidar dele, lambar suas feridas e dizer que tudo ficará bem. Mas não ficará. O que eu vi foi a resposta que eu precisava.

Entregar o meu coração a quem não cuida de si, seria o mesmo que deixar um cristal sob os cuidados de uma criança.

— Damaris!

Ouçoo alguém chamar por mim. Quando me viro, vejo Matteo e doutor Leônidas vindo em minha direção à passos largos.

— Oi! Aconteceu alguma coisa? — falo.

— Você é quem pode nos dizer. — diz bravamente o pai de Marco.

— Desculpe, mas não entendo.

Matteo olho para o pai como se pedisse calma. Ele segura minha mão e percebo que se trata de algo bem sério.

— Meu irmão passou a noite na sua casa?

— Não!

Minha resposta sai de imediato e com ela tomo a consciência do motivo que os trouxe até mim.

Dr. Leônidas saca o celular e dispara para alguém, se afastando logo em seguida.

— O que está acontecendo, Matteo? Eu dormi na casa de um amigo. — seus olhos se estreitam — Um AMIGO.

O julgamento fica implícito em seus olhos. Mesmo incomodada, essa é a última coisa que me aflige agora.

— Marco saiu ontem durante o dia, acredito que tenha ido atrás de você. Um amigo nos disse que ele parecia determinado a te reconquistar. — Oh meu Deus! — Só que ele não voltou, não veio para o plantão e o celular está desligado.

— Ele pode estar com algum outro amigo, não pode?

— Já tentamos todos.

Oh, onde ele se enfiou?

Acompanho os dois até o andar da diretoria onde está Nina, o marido e outros três médicos. Reconheço todos, mas só sei os nomes pelos jalecos identificados: João Porpino, Ailton e Walter. O último me olha com superioridade, parece não gostar de mim sem ao menos me conhecer.

— Ele não esteve com ela. — Matteo fala olhando para todos e depois se dirige ao pai — Já pediu o rastreamento do carro dele?

— Pedi.

O tempo passa e dentro de mim uma angustia crescente. Todos parecem tão preocupados, mais do que o normal. Marco é um homem adulto

e precisaria existir um motivo real para toda essa comoção.

Ordenando cada passo às minhas pernas, vou até uma máquina de café. Se aquele sujeito continuar com seus olhos de víbora para cima de mim vou gritar.

— Você está bem? — Nina se aproxima de mim — Não conseguimos conversar depois do que aconteceu no jantar.

— Estou perdida. O que exatamente está acontecendo, Nina?

Ela não consegue disfarçar, olha para os homens distraídos, e então faz um sinal para sairmos dali.

— Vamos até a minha sala. — diz.

No corredor, as recepcionistas do andar fingem não saber o que está acontecendo. Elas têm aquele olhar discreto de quem não quer perder o emprego por saber demais. Não vamos longe. Duas portas a frente, fica a sala de Nina, um ambiente feminino e profissional com poucas fotos e muitos gráficos. Espero que ela comece a falar porque estou com a sensação de ser a última a saber.

— Olha... não sei por onde começar.

Seus cabelos muito claros estão soltos, mas parecem incomodá-la. Os olhos, iguais aos de Marco e Matteo, brilham marejados.

— Matteo disse que você sabe pouco sobre o nosso caçula, por isso acho que devo fazer um breve resumo. Notei o quão surpresa ficou quando viu como todos estão aflitos pelo sumiço de Marco.

— Ele não é uma criança. — digo baixo.

— Ele é. — enfatiza — Marco é a ovelha negra... Não por índole, mas por atitudes autodestrutivas. Desde sempre, em todas as fases da sua vida. Talvez por ser o mais novo ele precisava mostrar ao nosso pai que era bom o suficiente.

— Pelo visto não conseguiu. — surpreendo-me com a raiva que sinto ao dizer isso.

— Foi uma fase de transição, nosso avô estava passando o comando

dos hospitais de São Paulo ao nosso pai, ele vivia mais aqui do que em casa. Marco estava em uma época difícil e viu isso da forma errada. Fez coisas erradas e quando nossos pais perceberam já era tarde.

— Onde isso explica o sumiço?

— Meu irmão se droga desde a adolescência.

Desde adolescência? Mas isso é tempo demais.

Meu coração dispara. Sinto o chão se mover sob os meus pés como se eu pudesse cair, mas estou sentada e procuro me firmar a cadeira. Nina abaixa seus olhos, amarra os cabelos. Minha respiração sai mais rápida do que o normal e tento me controlar ao máximo.

Nunca um príncipe virou sapo em tamanha velocidade.

— Ele já passou por uma overdose e quase o perdemos.

Levo a mão a boca horrorizada. As palavras vêm aos montes, mas não digo nada. Atenho-me a escutar.

— Por pouco, por muito pouco ele ainda está aqui. Naquela fase, que não faz muito tempo, ele e meu pai estavam se estranhando mais do que o normal. Matteo sempre escondeu o máximo que pode, mas tudo tem um limite.

— O que seu pai tem contra o Marco?

Ela segura minhas mãos sobre a mesa.

— Por favor, não pense assim. Somos uma família normal, como qualquer outra. Não tem problemas na sua família?

Abro a boca, mas percebo que ela está certa. Se tem um assunto que entendo é de problemas com a família.

— Vocês acham que ele pode estar em perigo? — pergunto

— Achamos que... O atrito com o nosso pai e o término de vocês pode ter aberto mais uma vez a porta do inferno particular de Marco.

De repente uma ideia vem a minha cabeça e levanto em um supetão.

— Vou para casa. Ele pode estar lá. Pode estar me esperando voltar. — olho no fundo dos seus olhos — O homem que esteve comigo todos estes dias estava feliz, ele não se parecia em nada com a pessoa frustrada que você acabou de descrever.

— Eu lhe descrevi o adolescente, não o homem que ele se tornou. Mas acredite, as vezes esse moleque problemático reaparece e bagunça as coisas.

Quando retornamos à sala do Dr. Leônidas para comunicar a nossa decisão, encontramos todos em silêncio. O patriarca da família está no telefone com o rosto sério enquanto anota apressadamente em um bloco de papel.

— Sim... Entendi perfeitamente... Nós vamos resolver... Por hora não precisa envolver a polícia.

Polícia? Ele disse polícia. Eu escutei.

Eu e Nina damos as mãos e esperamos que o telefone seja desligado. Quando isso acontece todos começam a falar ao mesmo tempo, parece que estamos no mercado central.

— Calem a porra da boca de vocês. — o tom de voz de Leônidas é tão alto que não precisa gritar. Meu coração está congelado e minhas pernas já não existem — Matteo, venha comigo. Nina, dê um jeito de nada chegar a sua mãe por enquanto. Rapazes, vocês podem voltar ao trabalho.

Walter, o que não tira os olhos de mim, sai com os outros dois. Ninguém questiona a decisão.

— Eu quero ir com vocês. — digo irritada pelo fato de ser ignorada por Dr. Leônidas.

Ele, entretanto, não se opõe a minha decisão, e rapidamente saímos em direção ao estacionamento.

Dentro do carro, no banco de trás, presto o máximo de atenção possível em tudo o que eles dizem. Confesso que a imagem que eu tinha do todo poderoso do hospital era outra que nem se compara a realidade. Ele é ríspido, um tanto grosseiro e não mede as palavras antes de dizer o que pensa.

O trânsito torna tudo mais complicado em São Paulo. Perdemos mais de duas horas dentro do carro. O que escutei só serviu para me deixar ainda mais nervosa e desesperada.

— Diz a central de monitoramento que o carro está parado nessa rua desde o início da madrugada, quando o seu irmão pediu o bloqueio. Se ele fez isso é porque está vivo.

— Pai! — Matteo adverte.

— O que?

— O senhor é muito sem noção. — Matteo hesita — As possibilidades são muitas.

Alguns metros à frente, Matteo avista o carro do irmão. Ele está parado no meio da rua, uma das portas está entreaberta. Antes mesmo que Matteo possa estacionar completamente, Dr. Leônidas desce apressado e vai até o outro veículo, abre as portas e vasculha tudo. Estou logo atrás e em seguida chega Matteo.

— O que isso significa? — pergunto.

Matteo digita uma mensagem enquanto fala.

— Nossos carros são equipados com rastreadores e podemos solicitar o bloqueio da parte elétrica em caso de roubo. Se Marco ligou pedindo isso, é porque foi roubado.

— Então vamos chamar a polícia.

— Matteo, avise a sua irmã. — Dr. Leônidas sorri, parece aliviado — Agora vamos achar esse moleque.

Como assim? Ninguém vai chamar a polícia, procurar nos hospitais e necrotérios? Ninguém vai se desesperar?

— Esperem! — grito — O que vocês vão fazer sobre isso?

— Achar o meu irmão.

— E pretendem começar por onde? — pergunto com os braços cruzados sob o peito. Estou tão irritada com a forma esquisita que eles

resolvem as coisas que poderia explodir.

Matteo, com toda a sua elegância, tenta responder, mas o pai se antecipa.

— Vamos começar pelo óbvio, minha jovem: motéis, boates, puteiros... Casas de ex amantes. Marco está bem, sei que está. Talvez com medo de me encarar, mas vai aparecer.

Nossa!

Engulo todas as respostas incríveis que havia elaborado na minha mente. Os olhos frios do homem irritado a minha frente acabam com todas as minhas esperanças de encontrar Marco aguardando por mim em casa.

Está claro que essa não é a primeira vez que ele apronta, afinal a única pessoa desesperada aqui sou eu. Idiota!

Nunca me imaginei nessa situação. Dr. Leônidas fez diversas ligações, colocou várias pessoas a procura do filho, mas em nenhum momento envolveu a polícia ou contou a sua esposa sobre o que estava acontecendo. Mesmo com toda a sua grosseria, fica claro o amor e o cuidado que tem com a mulher. Matteo dirigiu por metade da cidade entrando e saindo do carro sem nenhuma novidade.

— Vamos ao apartamento. Ele acabou de chegar lá. — disse Matteo guardando o celular no bolso.

Graças a Deus! Rezei tanto por isso.

Pelo retrovisor, troco um olhar intrigante com Matteo. É como se ele desejasse que eu não estivesse aqui.

O que tem lá que eu não possa ver?

Algumas verdades

Marco

Precisei pedir para o porteiro pagar o meu Uber. Não foi a primeira vez que isso aconteceu. Ele será recompensado.

Que grande merda essa semana se tornou. Tudo que poderia dar errado, deu. E as chances de piorar são enormes, porque sei que não vai demorar para Matteo passar pela minha porta com o seu discurso de bom moço. Só falta o cavalo branco.

Tomo um banho, alguns analgésicos e levo meus travesseiros para o sofá. Os últimos acontecimentos foram uma merda. Tudo que eu quero agora é comer alguma coisa e dormir umas doze horas direto. Só depois disso serei capaz de aparecer na frente de Damaris sem assustá-la com a minha aparência decadente.

Antes que eu tenha tempo de abrir a comida que pedi no aplicativo, escuto a tranca da porta.

É, ele chegou! Eu sabia. Não seria o Matteo se não viesse atrás de mim. Puta merda, ele me ama!

— Eu espero que você tem uma boa explicação para me dar, Marco Malamam.

— Pai?

Ah, hoje não, por favor!

Ele não está sozinho. Minha sala agora parece com o corredor do hospital que eu passei a noite: lotado. Matteo, Damaris e meu pai olham para mim como se nunca tivessem visto um homem remendado antes.

Quanto drama.

Alguns hematomas e uma dezena de pontos nunca mataram ninguém. Estou até bem, perto de como poderia estar.

— Oh meu Deus! O que fizeram com você? — Damaris esquece porquê foi em bora e corre até mim. Seguro-a em meus braços bem apertado sem ligar para a dor que sinto. Tê-la aqui supera qualquer ferimento.

A surra já valeu a pena.

— Eu estou bem. Machucado, mas bem. — pisco para Matteo e ele bufa.

— Fale logo, Marco. Que merda você fez dessa vez para estar assim? Está devendo drogas para alguém. Eu tinha certeza que esse dia iria chegar.

— Pai...

— Mas que porra, Marco! — ele grita — Qual vai ser a próxima? Um necrotério?

— Você está exagerando. — digo. Não quero brigar agora. Não na frente de Damaris.

Mas pelo visto ele quer.

— EXAGERANDO? Há pouco tempo te vi sobre uma cama depois de sofrer uma overdose, filho da puta. Uma overdose! Se há trinta anos alguém me dissesse que o meu caçula seria uma bomba relógio...

— Você teria parado no Matteo. — acuso-o.

Minhas palavras saem cheias de rancor. Um sentimento tão forte que é impossível conter. Agarrada comigo, Damaris aperta os braços a minha volta e solta um “por favor” bem baixinho.

— O que VOCÊ faria? — ele joga a mim.

— Eu teria sido pai para todos os meus filhos com igualdade. Reclama das minhas drogas, mas nunca percebeu que tinha um filho drogado. Percebeu? Ah, desculpe, esqueci... você não estava lá.

— Não seja ridículo.

— Marco, por favor, chega. — Damaris pede, mas estou tão pilhado que a ignoro.

— Que argumento bom, pai. — abaixo a cabeça cansado demais para continuar — Se veio para se certificar de que não estou morto, pode ir embora.

Que merda! Não era isso que eu queria falar.

Mas agora já foi. Foda-se!

Todos ficam em silêncio. O clima está pesado, como se a qualquer momento uma bomba fosse explodir e levar tudo pelos ares. Meu pai mantém seus olhos severos fixos em mim, balança a cabeça e sem dizer nada condena, acusa e agride. Ele tem esse poder. De repente, contrariando o esperado, ele se vira e sai.

— Que isso não chegue a sua mãe. — diz ao passar por Matteo.

Que inferno!

Deixando meu irmão e Damaris sem reação, arremesso a comida contra a parede. Estou tão nervoso que meus ossos tremem dentro do corpo, meu coração parece querer rasgar o peito.

Por que as coisas precisam ser assim entre nós?

Dou dois passos em direção ao quarto de desenho, mas paro. Viro a cabeça para trás com os olhos no chão, não quero encarar ninguém. Estou irritado, mas mais do que isso: estou envergonhado.

— Matteo, você pode me levar no seu apartamento e emprestar algo para eu cozinhar? Aqui não tem nada na dispensa. — pede Damaris.

— Claro. — ele responde imediatamente.

Viro-me, sem entender. Do alto do seu um metro e quase sessenta, ela olha para mim determinada, a expressão do seu rosto é fria e superior. Eu ainda não a tinha visto desta forma. A coruja deu lugar a águia.

— Você vai limpar isso. — ordena sem pestanejar — Não vou ficar nem um minuto nessa nojeira.

Abro a boca e fecho em seguida. Parece pouco inteligente discutir neste momento. Ela sai, e meu irmão logo atrás, mas não sem antes bater a porta com força. A madeira chega a tremer.

Uau! Por essa eu não esperava.

Eu estava terminando quando ouvi a porta bater novamente. Damaris passou por mim como se eu não estivesse ali, deixou os mantimentos sobre a mesa e começou a vasculhar os armários, vez ou outra reclamando da falta de

alguns utensílios.

É divertido ter uma mulher irritada comandando as coisas.

— Quer ajuda? — pergunto.

— Quero que você tome um banho. — responde com raiva, mas nem de longe conseguindo ser grosseira. Não é dela. Por mais que tente, sempre soará mais doce.

— Eu acabei de tomar banho.

— Então vá lavar uma roupa, arrumar a cama, ajudar uma velhinha a atravessar a rua. Sei lá, Marco. Faça qualquer coisa que não seja ficar me olhando.

— Gosto de olhar para você.

Chego um pouco mais perto. Tão perto que inspiro o perfume do seu cabelo e me arrisco a puxar o elástico que o prende só para ver os fios escorregarem livres.

— Por favor... — pede com voz de choro.

Ótimo! Ela está magoada, triste. E tudo isso culpa minha.

— Está bem. — digo frustrado — Vou na rua comprar uma sobremesa. O que prefere?

— Bolo de pote.

Seus lábios mal se movem para dizer o que quer, e sou atraído até ela pela necessidade de me desculpar de alguma forma. Mais uma vez toco seus cabelos, agora com mais certeza.

— Onde encontro isso? — minha voz é divertida.

— Se vira.

Ok. Boa resposta. Ela está mesmo com raiva.

Pego minha carteira sobre a mesa e deixo o apartamento assoviando por saber que ela está novamente comigo.

**

2 horas mais tarde

— Estava maravilhoso. — sorrio.

— Que bom.

Ergo as sobrancelhas.

— Você está muito brava. Vejo isso.

Ela inclina a cabeça e apoia o queixo em uma das mãos. Parece cansada.

— Eu quero... Não. Eu preciso de explicações, Marco. E quero agora.

Merda! A noite que planejei envolvia vinho e sexo de reconciliação.

— Está bem, vamos lá... — respiro fundo e procuro um ponto de partida dentro da minha cabeça. Este é um daqueles momentos que uma palavra pode foder com tudo — O que quer saber?

— Desde quando usa essas porcarias?

— Desde a escola. — ela me olha horrorizada — Não é como está pensando. Começou como uma onda de garoto, grupo de amigos. Não era um viciado que revira lixeiras por aí.

— Porque tinha dinheiro para bancar.

— Não. Porque era uma brincadeira.

— E quando deixou de ser? — murmura sem olhar nos meus olhos.

— Nunca.

Encaro-a ao responder sem hesitar. Estamos separados pela mesa, e sei que não devo me aproximar, não agora. Tamborilo os dedos no vidro gelado e chacoalho os pés, tentando dissipar o nervosismo. Damaris está tensa, os braços cruzados sob os seios. Espio por um segundo o subir e descer em seu decote, mas logo me corrijo. É um péssimo momento para pensar em seios, mamilos... sexo de reconciliação suado e forte. Ela gemendo enquanto diz que me perdoa e eu metendo como se não houvesse amanhã.

— Marco?

— Oi! — desperto de repente. Pego no pulo — Desculpe, me distraí.

— Eu vi você naquele quarto. Vi a forma louca que se comportava, seus olhos arregalados... Não era você. Como pode gostar de ficar fora de controle?

— É... É difícil explicar. Apenas gosto. Às vezes, não é sempre, preciso extravasar, ganhar asas, entende?

— Não.

Claro que ela não entende.

Enfio as mãos no cabelo, angustiado com o rumo das coisas. Será que é impossível entender?

— Fale sobre o seu pai. — ela finalmente fala depois de uma longa pausa.

Meu pai... Está aí um assunto quase mais complexo do que o anterior.

— Minha família é um completo retrato daquelas cenas de filme italiano com pessoas gritando em volta de uma mesa. Meu pai é o irmão mais velho e meus tios hoje moram em outros estados, mas nem sempre foi assim. Quando eles foram assumir as outras unidades do hospital, meu pai ficou responsável por tudo aqui, e isso pesou muito para ele. Meu avô se aposentou e o Dr. Leônidas virou o todo poderoso.

Faço uma pausa e ela não diz nada. Seus olhos estão vidrados em mim.

— Acho que depois disso perdi muito do que eu tinha. Meu pai deixou, do dia para a noite, de ser o cara mais incrível do mundo e se tornou um daqueles homens que sai cedo e chega tarde todos os dias da semana, eu ficava semanas inteiras sem vê-lo.

— Isso acontece com metade da população do planeta. — diz sem expressar nenhuma emoção.

— Sim, acontece. Infelizmente como adulto entendo tudo. Há vinte anos atrás não foi tão simples.

E realmente não foi. Eu era um menino de dez anos, agarrado com o pai, admirador do seu herói. Tudo que eu queria era encontrá-lo na saída, vê-

lo na arquibancada durante os jogos do colégio, dizer que naquele final de semana o MEU pai buscaria todo mundo na matinê.

— Passei um longo tempo remoendo isso. Quando minha mãe não podia, o motorista fazia o papel que estava vago. Aí veio o ciúme, a raiva, as primeiras brigas na escola.

— Ninguém notou a sua mudança?

— Digamos que sempre fui bom em esconder sentimentos ruins. Além do mais, todos pensavam que era uma fase.

— Aí você começou a usar drogas?

Concordo com a cabeça.

— Fumei maconha pela primeira vez nas férias quando fui passar quinze dias no Canadá com um grupo de amigos. Eu já era um adolescente. No ano seguinte eu me achava o descolado. Então, um pouco mais velho, veio a primeira carreira de pó e... fim.

Minha voz perde a força. Lembro-me exatamente dos acontecimentos que me trouxeram até aqui, quase como um filme.

— Quando vi vocês dois discutindo pareceu algo muito pior. Não está faltando nada?

Está, está faltando muita coisa.

Damaris me olha timidamente, inquieta e ansiosa. Ela quer de mim o que nunca dei a ninguém e sinceramente estou pronto para falar. Basta olhar para ela e a verdade vem.

— Ele não soube lidar com a minha mudança, assim como eu não soube lidar com a ausência dele. A forma que meu pai encontrou de me fazer enxergar os erros, foi me comparando com Matteo.

E ele fazia isso muito bem.

— Isso machucou você. — não é uma pergunta.

— Isso nos afastou ainda mais. — lamento — Aos dezessete mal nos falávamos. Minha mãe passou a ser uma ponte entre nós dois. Quando

finalmente atingi a maioria foi como se ganhasse poderes sobrenaturais, como se estivesse acima do bem e do mal.

— Acho que isso acontece muito com os meninos, principalmente. Costuma ser uma fase.

— É.

— Mas a sua fase não passou.

— Na verdade ela passou. Só que as sequelas estão aí para quem quiser ver. — sorrio, mas não por felicidade — Entrei para a faculdade, saí de casa.

— Seu pai te ama, Marco.

— E eu não duvido.

— Então por que não diz isso a ele?

Dizer isso a ele.... Parece simples, mas não é. São tantos anos de atrito, discussões e decepção. As coisas nunca são fáceis olhando de dentro.

— É complicado.

Pego-a pela mão e a puxo para o meu colo. Trocamos um beijo intenso. Seguro o seu corpo junto a mim, agarro seus cabelos embolando-me nos fios sem qualquer delicadeza. A saudade fala tão alto, parece que estamos separados há meses. Ela não resiste, retribui o carinho entregando os pontos e se deixando levar no ritmo do desejo.

Afasto nossas bocas, mas a mantenho em meus braços.

— Só te peço um pouco de paciência.

Por favor, não desista.

— Não posso lidar com o que eu vi ontem.

— Isso nunca mais vai acontecer. — prometo.

Ela sorri, mas nega com a cabeça. Vejo a dúvida em seu rosto, no entanto, vejo vontade.

— Quero acreditar em você.

— E eu quero merecer o crédito, Damaris.

Com os olhos marejados, ela nega, enfia os cabelos por trás da orelha e desvia o olhar. Vejo o quanto me quer, sei como nos gostamos, mas o medo estampado em seus olhos abre um buraco em meu peito. Em todos estes dias que passamos juntos, nos conhecendo e nos curtindo, um sentimento vivo brotou dentro de mim e ele grita agora.

Dói saber que eu provoquei este temor.

— Como um médico pode fazer algo assim, Marco? Você sabe melhor do que ninguém que isso pode te levar embora para sempre. Sua irmã me contou que isso quase aconteceu.

— Dama...

— Pensa em você. Pensa na sua mãe que você tanto ama. Eles vão sofrer demais. Eu estou sofrendo. Por favor, pensa em você e abandona essa porcaria que só te faz mal. Você não é mais um adolescente idiota, não precisa mais afrontar o seu pai. Chega!

— Eu prometo, Damaris. — beijo-a — Acabou, eu prometo.

O beijo nos transporta para outro mundo. Sou incapaz de parar, devoro seus lábios até que estão vermelhos e inchados. Carrego-a nos braços até o quarto e deito sobre ela na cama. Estou em brasa, excitado.

— Ofereça os seios para mim. — digo com voz rouca depois de tirar nossas roupas.

Circulo o seu mamilo com a ponta do dedo até vê-lo saltar e a pele branquinha ficar arrepiada. Ela observa tudo. Abaixo a cabeça e abocanho os bicos sensíveis com gana sem tirar os olhos dela. Sugo, chupo dando total atenção aos dois, primeiro um depois o outro até que ela não sustenta mais o olhar. Suas pálpebras pesam. Os gemidos começam discretos, mas logo viram uma melodia.

— Geme, geme mais.

Ela grita e meu pau recebe a mensagem de imediato, pulsando entre as minhas pernas. Mordo a pele branca deixando um caminho de suaves marcas

rosadas, primeiro até o seu umbigo e depois nas coxas.

— Não! Volta... — protesta.

— Onde quer a minha boca, gatona?

— Aqui! — puxa meu cabelo, levando-me a boceta quente. — Bem aqui!

Estou faminto, sedento. Concentro-me e faço dela a minha fruta favorita, aberta e disponível para o meu prazer. Do cuzinho ao broto, lambo sem pausa, espalhando a saliva para deslizar de pressa. Damaris se contorce sob o meu corpo, puxa meu cabelo e pede por mais. Ela gosta forte. Minha Dama quer ser fodida.

— Pede.

— Me come, Marco!

— Pede mais.

Ela mal consegue falar. Rebola o quadril esfregando-se contra o meu rosto e eu adoro. Meu pau está duro como aço, com a cabeça latejando de vontade de foder.

— Se eu te pegar de quatro... Nem sei. — Puxo-a para o meu colo, encosto na cabeceira. — Cavalga. Monta gostoso, vai.

Não sei o que eu fiz para merecer uma mulher dessas, mas vou continuar fazendo. Damaris é linda, encantadora. Parece uma ostra, quando está em público fica fechada de tal forma que se camufla, esconde a real beleza. Mas ao meu lado, quando estamos juntos, ela se abre, entrega o ouro e permite que eu veja quão linda pode ser.

Como agora, nua. É mais do que estar ou não vestida, ela está entregue. A timidez ficou lá fora e aqui vejo uma mulher tão intensa e voraz como qualquer outra pode ser.

— Você é linda. — digo babando.

— Não vale dizer isso enquanto está dentro de mim. Opinião influenciada.

Agarro sua cintura e eu um movimento preciso, inverte nossas posições.

— Não seja por isso. — puxo o meu pau para fora — Você é a mulher mais linda que eu já vi.

Ela ameaça rebater, mas suas palavras são substituídas por um grito de surpresa e satisfação quando me enterro novamente em sua boceta melada.

— Oh, Marco...

— Você é o meu maior vício, delícia.

Deslizo para dentro e para fora lentamente, movimentos precisos atingindo onde mais a afeta. Seus olhos denunciam o meu sucesso, seu corpo entrega a satisfação em poros arrepiados e tremores incontrolláveis. Ela vai gozar, está há um passo do ápice.

Seguro uma de suas pernas e a levo até o meu ombro, mordo a panturrilha e afago com um beijo. A posição permite que o meu pau vá mais fundo.

— Marco!!!

— Isso... grita...

— Mais. Mais forte, mais forte.

Put a que pariu!

Quero rasgá-la ao meio, entrar inteiro em seu corpo e encontrar os pontos mais lascivos dele. Retiro o meu pau e esfrego em seu clitóris para depois meter de uma vez, só para ouvi-la gritar com o sorriso perverso a mostra. Como eu amo suas reações.

Assisto ao seu orgasmo maravilhado com a cena. Meu peito arde porque suas unhas arranham a pele de cima para baixo deixando vergões vermelho vivo, quatro. A dor é gostosa. Damaris joga a cabeça para trás, seus lábios se abrem secos e os dentes aparecem. Em um mar de cabelos, vejo uma fêmea mergulhada em luxúria, satisfação e suor.

— Orh...

Só tenho tempo de fechar os olhos e me deixar levar. Meu corpo é abalroado por uma energia única, um caos de sensações que passa por todos os lugares antes de derramar dentro dela.

Meus termos

Damaris

Lá no fundo eu sei que deveria ter ido embora depois de saber que ele estava bem. Deveria, mas não fui.

Quando acordei, Marco estava tentando colocar fogo na casa. Não exatamente, mas estava. Tadinho... Ele tentou de todas as formas preparar um café da manhã para mim, mas o máximo que conseguiu foi defumar as cortinas e o sofá. Só uma pessoa muito aérea para ir à padaria e esquecer ovos cozinhando no fogo.

Passado o susto, tomamos um banho juntos e fomos comer na cafeteria da esquina.

— Porque estava encarando aquele homem? — pergunto a ele enquanto me sento com nossas bebidas.

— Eu? Não, não encarei ninguém não.

— Marco?

Levanto as sobrancelhas.

— Ok. Ele... te admirou um pouco demais enquanto você estava debruçada sobre o balcão.

Não aguento a cara de poucos amigos que ele faz, e caio na risada.

— Credo, Marco! Ele poderia me conhecer.

— No caso conheceria a sua bunda. — diz aborrecido. — Porque foi o único lugar para onde olhou.

— Poderia... — atijo.

Meu Deus... que cara feia. Como pode ser tão bipolar? Estava rindo ainda agora.

— Corro o risco de esbarrar com algum ex no hospital, na sua rua?... Alguém que eu já conheça talvez?

— Você percebeu que eu não era uma virgem, não é mesmo?

Ele fica um tanto desconfortável. Quem diria, Marco desconfortável falando de sexo.

— Nunca procurei por uma virgem, Damaris, mas quero saber se estiver no mesmo ambiente que um cara... um ex seu.

Bebo o meu achocolatado e não dou espaço para o seu ciúme. Ignorar as vezes é a melhor forma de combater certas coisas, porque quanto mais importância damos, pior fica.

Depois do café, saímos para uma caminhada no parque. Marco é um homem grande e chama a atenção das pessoas sem muito esforço, principalmente quando resolve tirar a camisa para pegar um sol na grama. Ficamos ali deitados como duas lagartixas curtindo o momento de paz. Coisa que não tivemos nos últimos dois dias.

Ontem, enquanto eu descansava em seu peito, ele pediu um tempo para contar o que realmente havia acontecido e como conseguiu os hematomas pelo corpo.

— Marco?

— Oi.

Estamos deitados lado a lado curtindo o dia de sol.

— Ontem você disse...

— Eu sei o que eu disse. — sua voz passa cansaço.

— Então me diga de uma vez o que aconteceu, toda a verdade, e só assim serei capaz de permanecer ao seu lado. Se quer que eu te aceite, não me esconda nada, nunca.

Sua mão procura pela minha e nossos dedos se entrelaçam. Ele não diz nada por um tempo, somente acaricia minha palma com seu polegar.

— Fui atrás de você, mas você não estava, fui à padaria da sua madrinha, rodei pelas ruas do bairro. Não te encontrei.

— Eu precisava conversar com alguém. Ficar em casa sozinha depois do que vi seria bem pior.

Ouço sua respiração ficar pesada.

— Vi um grupo de rapazes em uma rua duvidosa, eles estavam vendendo. Era uma boca. — *oh não, por favor, não!* — Ninguém precisaria ser nenhum gênio para saber porque eles estavam reunidos ali. Eu tive certeza que algum deles teria o que eu queria, fui lá e comprei. Eles devem ter passado a informação para alguém, porque enquanto eu estava no carro... É... Você sabe, cheirando. Nesse momento apareceram mais alguns caras, eles me renderam e quando reagi deu nisso.

Os machucados em seu rosto vão deixar marcas permanentes. No supercílio tem pelo menos cinco pontos e mais uns três no queixo. Fora os hematomas espalhados por todos os lados.

— Você é louco? Como pode reagir a uma coisa dessas, Marco? Poderia estar morto.

Que horror! Ele poderia realmente estar morto agora.

— Eu sei. Desculpe-me.

Olho-o indignada.

— Por que está pedindo desculpas a mim? Isso é sobre você, Marco. Sobre a sua vida.

— Não era isso que eu planejava.

— Planejava se drogar em um lugar perigoso e sair dali como se nada tivesse acontecido. Pelo amor de Deus! — sento-me. Estou irritada demais para ficar deitada — Eu não sei o que pensar.

— Pense que acabou. Não vai mais acontecer.

— Será mesmo?

Meu coração dispara quando ele senta diante de mim, segura minhas mãos a frente do rosto e as beija com tanto carinho, tanta sinceridade que me falta ar.

— Eu prometi a você, não prometi? — concordo com a cabeça — Isso nunca mais vai voltar a acontecer.

Por mais inocente que pareça, eu quero acreditar. Vou acreditar e dar essa chance a ele, porque dessa forma estou dando uma chance a mim também.

Marco chegou de tal maneira ao meu coração, simplesmente não sei mensurar. Quando o vi machucado, quando percebi o seu sofrimento, não pude ficar longe. Quero estar ao seu lado, viver a experiência de gostar tanto de alguém como gosto dele.

Como dizia a minha bisavó: a vida é cinza demais para não aproveitar os momentos coloridos.

Marco é o meu momento colorido.

Saímos do parque, mas antes de ir para casa, paramos em uma barraquinha de cachorro quente. Sim, este foi o nosso almoço. Em minha defesa, digo que quem come cachorro quente em São Paulo não precisa almoçar.

Em muitos momentos me peguei sorrindo para ele só pelo prazer de vê-lo sorrir de volta. É lindo.

**

20h36min

No centro cirúrgico, Marco domina coisas que a maioria das pessoas não conseguiria, mas quando o assunto é pôr uma mesa... Jesus.

— Ainda não acredito que aceitei fazer isso tão cedo. — diz ele se embananando com a posição dos talheres.

— Achei que eu já tivesse sido apresentada aos seus pais. — arremesso um guardanapo nele — Isso tudo é medo de dar mais um passo?

Ele se inclina para mim e nos beijamos.

— Sim, você foi apresentada. E não acredito que outro casal tenha dado tantos passos quanto nós no mesmo intervalo de tempo. Batemos record. Mas receber o meu pai aqui depois de ontem? Acho que vai dar merda.

Quanto pensamento negativo. Deus me livre.

— Discordo.

— Porque procura o melhor das pessoas. — diz contrariado.

— Porque vi nos olhos dele o quanto te ama e vejo nos seus, agora, o quanto o ama e quer que isso dê certo.

Ele me olha, esfrega o rosto com as mãos.

— Espero que esteja certa.

— Pode apostar que sim.

Vou até a cozinha para verificar o forno. Escolhi cozinhar ao invés de pedir comida pronta, parecia muito impessoal para a ocasião. Peixe assado, batatas e salada. Perfeito!

A comida cheira a casa inteira, talvez até mesmo o corredor. Estou orgulhosa de mim mesma. Depois de assistir muitos vídeos e ler algumas receitas, tenho certeza que funcionou.

O porteiro interfona e avisa que os pais de Marco estão subindo. Olho para ele com um sorriso no rosto para animá-lo, cruzo os dedos no ar ele faz o mesmo antes de abrir a porta.

Vai dar tudo certo! Vai dar tudo certo!... Por favor, Deus. Eles têm que se entender.

Dona Sarah e Dr. Leônidas trazem com eles uma garrafa de vinho. A mulher elegante se derrete de amores pelo filho, os dois se abraçam e escuto quando ela o repreende pelo ocorrido. Marco, ainda sem olhar para o pai, diz que nunca mais irá acontecer. Por um flash de segundo vejo os olhos intensos do meu sogro mudarem. Não sei se posso chamá-lo assim. Mas eu vi, vi quando seu olhar mudou diante da afirmação decisiva do filho.

— Oi, pai. — Marco cumprimenta o pai esticando a mão.

Ele está sem jeito. Coisa muito incoerente com a sua personalidade expansiva.

— Como vai, Marco?

— Bem melhor agora.

A sala fica em silêncio. Dona Sarah encara o marido, ambos parecem dialogar via wifi. Quero um dia chegar nesse nível de relacionamento.

— Vejo que está. — Dr. Leônidas puxa o filho para um abraço. — Fico feliz para caralho, filho. Quero te ver bem.

O tom de voz é firme, quase frio. Não é o esperado entre pai e filho, mas de onde estou vejo uma cena tocante: Dois homens enormes, cada um no seu lado da moeda, tentando. Marco, mesmo tenso, tenta receber bem o seu pai, que por sua vez, quer ser bem recebido pelo filho.

É emocionante.

Olho para o lado e vejo Dona Sarah discretamente se livrando de uma lágrima e vindo em minha direção. Meu coração acelera, não sei como agir, mas fui eu que inventei esse jantar e preciso segurar e fingir que está tudo bem.

— Como vai, Damaris?

— Muito bem. Obrigada!

Babei tanto assistindo Marco interagir com o pai que esqueci que estava nervosa.

Jesus, os pais dele estão aqui e vão comer a minha comida.

Está tudo bem, não errei em nada e eles irão amar. Coloquei sal? Sim, eu coloquei. Desliguei o forno? Não... Sim, desliguei. Oh, o sal da salada! Putz!!! Espera. Salada cada um tempera a sua.

Relaxa, está tudo bem.

Dr. Leônidas me cumprimenta e brinca com o fato de nos vermos novamente em pouco tempo. Fico sem jeito. Ele é intimidador. De repente, enquanto desvio os olhos para o chão na tentativa de não ficar vesga, vejo uma alça de renda escapando de baixo do sofá.

Oh não! Minha calcinha.

— Damaris fez uma comida maravilhosa para vocês. — diz Marco me puxando pela cintura. — De fome sei que não morro mais. Escolhi a mulher perfeita.

— Estou sentindo o cheiro. — fala Dr. Leônidas. — Tinha comida nessa casa?

— Fomos ao mercado, pai.

— Graças a Deus arranjou alguém normal.

— Leônidas Malamam... — a repreensão vem imediatamente.

— O que foi, Ninfa? Era uma brincadeira.

Ninfa?

Sorrio e afasto-me um pouco indo em direção a cozinha como se fosse olhar a comida. Olho para Marco e aceno, mas ele não repara. *Que porcaria!*

Tento outra vez: aceno com o braço, finjo tossir e até mesmo um “lá, lá, lá”. Ele simplesmente não olha em minha direção. *Que ódio!*

O que eu faço? O que eu faço?

Olho em volta e não encontro nada que possa me ajudar.

— Quer ajuda com alguma coisa, Damaris? — Dona Sarah pergunta do sofá.

— É... Na verdade... Marco, pega uma coisa aqui no armário para mim?

— Já vou.

Ando pela cozinha batucando os dedos na frente dos lábios até que ele aparece sorridente.

— O que foi?

— Fala baixo. — sussurro.

Ele chega bem perto e segura meus ombros, olhando-me questionador.

— O que está acontecendo, Dama. Você está pálida.

— Em baixo do sofá onde o seu pai está sentado tem uma calcinha minha. Pelo amor de Deus, você não disse que arrumaria a sala enquanto eu me trocava?

— Eu arrumei. — diz divertido. — Posso ter chutado algumas coisas para debaixo do sofá.

— Isso não é engraçado, Marco. Pega a minha calcinha de lá. O que seus pais vão pensar?

— Que nós transamos no sofá uma hora antes deles chegarem e que você me chupou gostoso de joelhos naquele tapete.

Abro a boca chocada com o seu descaramento e ele pisca para mim. Seu sorriso é enorme. Como pode ser lindo dessa forma?

— Vai. Pegar. A minha. Calcinha.

Ele dá meia volta e sai. Quando reaparece está com a minha calcinha no bolso, mostra-me apenas uma parte e retorna para a sala. Fico mais tranquila. Pelo menos isso já deu certo.

Depois de Marco esclarecer todo o ocorrido da noite anterior, sem muitos detalhes, coloco a mesa e nos sentamos para jantar. Ficou mais bonito do que eu esperava. Comemos e conversamos evitando assuntos pesados e desagradáveis. Suponho que a mesma conversa que tive com Marco sobre ser amistoso, Dona Sarah também teve com o seu marido, porque nenhum dos dois homens ousou sair do trivial.

Entre planos para o futuro e fofices de Marco bebê, falamos de tudo. Inclusive sobre a minha família.

— Sinto muito pela sua Bisa, Damaris.

— Tudo bem Dona Sarah. Minha Bisa foi uma grande mulher e fez a sua passagem. Ela mora no meu coração.

— Por favor, me chame de Sarah.

Não contenho o sorriso. Sinto que ela gosta de mim.

Internamente estou comemorando. Meu peixe ficou perfeito, assim como o restante da comida, tudo no ponto, bem temperado e sem exageros. Marco e o pai conversam como se nada tivesse acontecido e não posso deixar de notar a felicidade estampada no rosto da Sarah. É visível como se agrada da interação dos dois.

Vendo o casal mais velho sentado lado a lado, vez ou outra se tocando com gestos carinhosos, pergunto-me qual o segredo para uma relação durar tanto. O amor é indiscutível entre os dois.

— Estou muito feliz que meu filho tenha encontrado alguém como você. — diz Sarah deixando os homens de lado.

— Como eu?

O que ela quer dizer com isso?

— Vejo que gosta dele, olha para ele da mesma forma que olhei para Leônidas quando o conheci. Está apaixonada e sei que ele sente o mesmo.

— Oh...

— Sabe quantas mulheres chegaram onde você está dentro do coração dele? — nego com a cabeça — Nenhuma. Marco é como o pai — fala baixinho — Pode envergá-lo, ele não irá quebrar. Eu sei que você vai conseguir.

Tomara que ela esteja certa.

— Ele é um homem incrível, mas temos diferenças consideráveis. — respiro fundo — Só preciso que ele cumpra o que me prometeu, ou terei que

partir.

— Conhecendo-o como conheço, diria que partir já deixou de ser uma opção. Ele não te deixará partir, minha querida. Seja o prumo dele, a luz. Meu casamento não durou tantos anos por sorte, você saberá o que fazer com o tempo. Meus filhos são feras como o pai, mas precisam de uma domadora para encontrar o equilíbrio.

O que será que ela quis dizer com isso?

Não respondo, dou um sorriso amarelo e finjo entender.

Quando seus pais vão embora e finalmente estamos sozinhos, Marco respira aliviado e apoia as costas contra a porta depois de fechá-la. Nossos olhos se encontram e ele sorri. Visivelmente seus ombros relaxam.

Meu coração parece querer saltar para fora de tanta felicidade, e tudo isso porque o vejo feliz. Parece bobo, mas é a verdade.

— Deu certo. — oferecendo-lhe uma taça de vinho.

— Deu certo, — me beija — Graças a minha namorada reconciliadora familiar. Onde você estava nos últimos anos, gatona?

— Hum... acho que em Osasco.

— Antes tarde do que nunca. — chego bem perto e apoio as mãos em seu peito. Ele me quer. Eu vejo suas intenções saltarem dos olhos azuis como o céu — E agora que encontrei, quero aproveitar cada segundo... seja no socializando no parque... seja gozando dentro de você.

— Marco...

— Damaris.

Sua voz baixa e rouca mexe com o meu corpo. Ergo o queixo para olhar diretamente em seus olhos, ele é alto demais para mim. Ficamos grudados, sentindo a respiração um do outro.

Brincando comigo, instigando meus sentidos cheirando a pele do meu pescoço, ele enfia a mão por baixo do vestido e acaricia lá. Suspiro. Ele ama a reação e continua, penetra um dedo, depois outro.

Mais um dedo por favor... Isso é ótimo!

— Pede que eu faço. — sussurra ao meu ouvido.

Fecho os olhos e afundo o rosto em sua camisa.

— Mais um dedo. — ele faz — Me come com os dedos, Marco.

Abro minhas pernas para ele, dou total acesso ao meu corpo e se pudesse, daria ainda mais. O tesão só aumenta. Seguro firme em sua camisa para não cair quando ele nos conduz até a mesa. Meu Deus, nós jantamos com os pais dele aí ainda agora.

Não tenho tempo nem mesmo de protestar porque quando dou por mim, estou sentada com as pernas arreganhadas sobre o vidro, Marco ajoelhado entre elas. Ele me lambe, morde e chupa, sua língua brinca habilidosa.

— Pede. — ordena com meu clitóris entre os dentes.

— Chupa.

Que maravilha de língua. Hum... como ele sabe usá-la bem.

Um prato cai no chão virando um monte de pedaços. Não é prioridade. Só penso no prazer que ele me dá.

— Chega!!! Eu quero você. Chega!

Ele fica de pé e se livra da calça, puxa minha roupa pela cabeça e ficamos nus. Apoio os pés em seu peito e grito com a investida certa.

É maravilhoso. Meu corpo se esforça para acomodá-lo. Gememos juntos cada vez que ele penetra segurando meus seios e beliscando os mamilos. A visão dele feroz com os olhos cerrados e o rosto tensionado enquanto se move, é hipnotizante. Perco-me admirando cada investida precisa.

Os movimentos constantes e intensos fazem aquela sensação explosiva crescer dentro de mim, cada vez mais. Falta-me ar, meus seios endurecem e os olhos pesam toneladas. Tudo é fogo... tudo é explosão.

— Goza, Dama. Goza para eu sentir.

Eu gozo. Gozo para ele e gozo com ele porque somos incapazes de

segurar tanto prazer.

Tudo que sei é que cheguei até a cama e Marco está ao meu lado. Nada mais importa.

Dias de calma

Marco

Finalmente a vida resolveu sorrir para mim depois de tanta tempestade. Tenho feito um esforço enorme para me manter limpo e Damaris tem sido a minha força em todos os momentos. Ela sorri e como num passe de mágica tudo fica melhor, mais simples e calmo.

Como Matteo diz: eu sou caos e ela serenidade.

Nunca estive com uma mulher que em tão pouco tempo se tornasse parte de tudo, ela é parte do meu dia, da minha família, conquistou todos que importam para mim. Até Belinda, que é uma peste, caiu de amores por ela.

No último final de semana meus primos estiveram na cidade. Milena, Luca e Belinda chegaram na sexta e aproveitamos dois dias na Casa Di Tutti como fazíamos quando crianças. Só faltou Antony para a família está completa.

Damaris chegou com seu jeito tímido e olhos observadores, voz baixa e poucos comentários no primeiro dia, mas no domingo já estava íntima de todos, rindo e interagindo como se aquilo fosse uma rotina. Isso me encanta nela. Mesmo conservando o estilo nerd, se esforça para estar junto. Ela é muito parceira.

Os caras têm cobrado a minha presença. JP e Ailton são mais de boa, mas Walter pega pesado quando cisma com alguma coisa, e ele reprova o meu namoro.

Claro que isso pouco me importa. Mas é uma merda porque somos amigos e não gostaria de desfazer a amizade pelos motivos errados.

Hoje ganhei um vale nigh. Às vezes isso acontece. Acho que Damaris está me testando para ver até onde eu chego com a minha promessa de largar tudo por ela. Até agora estou bem... ou melhor... estou tentando ficar bem.

São trinta e cinco dias limpo. Trinta e cinco dias vivendo a minha melhor fase e quero continuar assim.

Enquanto estou esperando os caras para uma partida de War aqui em

casa, Damaris está ajudando um amigo. Resisti um pouco a aceitar essa amizade dos dois, mas relacionamentos são feitos de concessões e confiança. Breno é bacana, trabalha no hospital e chama mais atenção do que qualquer outra pessoa que eu conheça. Ele terminou com o namorado e está passando dias muito difíceis porque o cara o abandonou para não assumir que era gay.

Minha coruja é uma boa amiga.

— Demoraram. — digo para os três que acabaram de chegar.

— JP que parece uma moça no banheiro. — Ailton zoa.

— Eu tenho culpa se higiene é algo importante para mim? Vocês são muito toscos. Ailton leva três minutos para tomar banho, e Walter nem isso faz.

— Qual é? Eu tomo banho sim, mocinha. Só não tomo tantos quanto você. Isso é falta de mulher, deve bater uma de manhã, outra no almoço e umazinha antes de dormir.

— Quem dera fosse possível, né? — JP coloca o tabuleiro na mesa e ergue as mãos — Com três para dividir um banheiro fica difícil.

Putá merda! Desde que Walter saiu da casa da namorada, está passando uma temporada no apartamento que Ailton e JP dividem. Eu diria que não tem sido uma boa experiência.

— Se Marcão me aceitasse aqui por uma temporada... — ele joga a piada para ver se cola.

— Sem chance. — falo de uma vez.

Ele balança a cabeça como se dissesse “tá vendo”.

— É aí que descobrimos os amigos. — solta — Eu aqui precisando de uma mão e você me nega na tora. Tá certo.

Olho sério para a cara dele sem precisar falar nada e já vejo que se arrepende. Em todo esse tempo que trabalhamos juntos sempre o socorri quando estive com problemas. Eu faria novamente, mas me prejudicaria muito. Walter tem se afundado cada vez mais nos últimos dias, não está sabendo lidar com o término do seu namoro e para mim, que estou tentando

ficar limpo, ter alguém assim ao meu lado seria bem pior.

— Vamos começar essa porra? — Ailton começa a organizar a mesa.

Vou até a cozinha para pegar as cervejas e JP pede uma pizza pelo aplicativo. Quando tudo está esquematizado, começamos.

Fazia tempo que não jogávamos e eu já estava sentindo falta. Diz o Matteo que desde que conheci a Dama não saio de perto dela. E ele está certo.

A partida é longa, varamos a madrugada na tentativa de conquistar territórios. As garrafas de long neck se acumulam nos cantos, três caixas de pizza sobre o balcão e muitos guardanapos amassados. Não espere nada diferente de um grupo de homens.

Minha concentração está bem comprometida. Entre uma jogada e outra, troco mensagens com Dama para saber como estão as coisas por lá. Ela diz que amanhã Breno estará bem e que só precisa de uma noite de colo, séries e sorvete.

E pensar que há poucas semanas tivemos uma briga feia quando descobri que ela havia dormido na casa de um amigo na noite que levaram o meu carro. Graças a Deus logo descobri quem era o amigo e vi que não representava perigo direto.

Confesso que me senti muito idiota depois de conhecer e conversar com Breno. O cara é gente boa, gosta demais da minha menina e chegou bem antes de mim. Tenho bom senso as vezes. Sei que não posso me intrometer na relação deles, assim como ela tenta respeitar meus amigos, mesmo torcendo o nariz.

Lavo algumas coisas que ficaram na pia enquanto JP amarra o saco de lixo.

— As coisas mudaram mesmo por aqui. — diz ele com aquela cara de “tô gostando de ver”.

— Do que você tá falando, JP?

Ele olha em volta, passa o dedo sobre o fogão limpo.

— Marco, há pouco tempo atrás isso aqui só ficava assim em dia de faxineira. A Bichinho do Mato colocou você na linha mesmo.

O apelido me irrita. Estou cansando de pedir para eles esquecerem esse apelido.

— O nome dela é Damaris. E estou feliz para caralho que ela tenha me colocado na linha.

— Falando sério, também estou. É bom te ver bem.

Terminamos de organizar as coisas na cozinha enquanto Walter e Ailton estão na sala. Já é alta madrugada e cada um vai seguir o seu rumo. Amanhã estamos de folga, mas depois todos estão de plantão e ninguém quer chegar destruído. Tenho um livro importante para terminar, e se eu quiser passar um tempo bom com Damaris, preciso terminá-lo de pressa.

JP me rodeia por todos os lados, solta piadinhas e comenta sobre coisas irrelevantes. Conheço-o bem e sei que quer falar sobre alguma coisa mais séria.

— João, fale de uma vez o que quer ou pare de rodar igual a uma codorna.

— É sobre o Walter, Marcão. — eu sabia — Eu sei que ele e a sua mina não se suportam.

— Da parte dele. — corrijo-o severamente.

— Sim, da parte dele, mas ainda assim eles não se dão muito bem. Você está certo em ficar do lado da sua mulher. Só que o nosso amigo está precisando de um apoio, um lugar que ele fique bem.

— E vocês não aguentam mais ele. — mato a charada.

— Bingo! — ele finge um tiro com os dedos — Brincadeira. Walter é gente fina, mas o apartamento é pequeno, ele é estourado e... Você mora sozinho, cara. Não dá para aliviar isso aí por uns dias?

Daria, se fossem uns dias. Mas sei que se ele entrar, não sairá nunca mais. O foda é negar a ajuda para um amigo. Um só, não. Para três amigos, porque Ailton e JP estão pirando com o novo inquilino.

Fico de pensar no assunto e eles vão embora. Antes de deitar, ligo para Damaris e conversamos. Só a mudança sutil em seu timbre me diz que desaprova a ideia de Walter morar um tempo no meu apartamento. Ela sabe que cheirávamos juntos e tem medo de possíveis recaídas.

— Você ainda está aí? — pergunto quando ela passa um tempo calada.

— Estou. — respira profundamente — Seu amigo está precisando de você. Ajude-o. Quem sabe dessa forma ele não se endireita também e fica livre das porcarias que usa?

— Não irei te decepcionar, Dama. — prometo.

— Eu confio em você. Faça por você, queira ser a melhor versão de si mesmo, gatão.

— Serei, gatona.

**

Manhã de domingo.

Uma folga no domingo. Puta merda, quando foi que imaginei passar o domingo inteiro de folga? Do caralho!

Acordo cedo e depois de uma corridinha suada no parque, passo por uma floricultura com a seguinte placa: elas querem amor, flores e chocolate. Já mandou as flores?

Não. Eu não mandei nada, nem flores e muito menos chocolate. Mas o amor tenho de tonelada por aquela nerdizinha safada.

Entro como quem não quer nada, vejo algumas coisas bonitas, outras esquisitas. Muita cor e muito cheiro em um lugar só, mas aposto que mulher gosta.

— Precisa de ajuda? — pergunta uma moça que deve ter brotado de um buquê desses, porque não a vi chegar.

— Estou tendo uma ideia. — olho em volta com o plano se formando na minha cabeça — Você tem umas vinte dúzias de rosas colombianas para pronta entrega?

A mulher arregala os olhos e abre um sorriso animado. Provavelmente estou salvando o seu domingo de vendas.

— Posso arranjar.

Fecho a compra e passo o meu endereço.

Combinei de buscar Damaris antes do almoço. Ela vai dormir no meu apartamento e amanhã saímos para trabalhar juntos. Enquanto isso, começo a organizar a surpresa que planejei, providencio a comida, música e logística da coisa.

Começamos a sair uma semana depois do dia dos namorados, estamos na metade de julho e ainda não fizemos nenhuma comemoração. Nada mais justo do que um momento especial para brindar a fase incrível que ela trouxe para a minha vida e os dias que estamos vivendo.

Os caras da floricultura deixam as flores e perguntam se preciso de

ajuda, mas digo que não. Quero ser o único a cuidar de tudo e criar um clima romântico. Não faz muito o meu estilo, parece cafona olhando de fora, mas por ela vale. Imagino a cara de felicidade que ela vai fazer e isso já basta.

**

40 minutos depois

Putá merda que troço demorado esse!

Pensei que seria mais simples, só que não foi. Tirei várias fotos e mandei para Nina e Belinda pedindo opiniões. O que foi uma péssima ideia porque o meu telefone não parou de tocar. As duas ficaram enlouquecidas quando viram o que fiz e resolveram de me apelidar de Caprichoso.

Eu devo ter sido cupim da arca de Noé no passado para merecer essas duas pestes.

Finalizo tudo, apago as luzes, verifico se falta algo e saio para buscar a minha namorada.

Não me acostume tão bem

Damaris

— Estou ficando assustada.

Passo os dedos pelas mãos de Marco que cobre os meus olhos. A surpresa que ele diz ter para mim deve ter dado trabalho, porque ele chegou quase meia hora atrasado para me buscar. E aprendi no tempo que estamos juntos que quando o assunto sou eu, ele nunca se atrasa.

— Calma, miss ansiedade. Tudo ao seu tempo.

— Falou o mister calmaria. — brinco sorrindo.

Ele me posiciona encostada na porta de entrada e não permite que eu abra os olhos. Quero dar uma espiadinha, mas não seria justo com o seu esforço em ser romântico.

— Espere até eu falar que pode abrir. — concordo — Não vale roubar.

Ouçó um som familiar, talvez de um isqueiro sendo acionado.

— Anda logo, Marco! Vou fazer xixi de nervoso.

— Hum! Isso pode ser sexy.

Engasgo com a sua revelação esquisita. E ele cai na gargalhada com a minha reação.

— Está aí um fetiche que eu jamais realizaria, gatão.

— E me deixaria na vontade? — ele fala bem perto do meu rosto, sinto seu hálito quente contra a minha pele e um arrepio ouriça meus pelos.

— Para com isso, seu pervertido. Posso abrir?

— Pode.

Que lindo!

A minha frente, um caminho de pétalas de rosas vermelhas segue até o corredor e contornando, uma fileira de velas de cada lado. As cortinas estão fechadas e a única iluminação vem das chamas brilhantes.

Com o coração na boca, olho para Marco e percebo que ele está apreensivo para saber o que eu achei. Ele levanta as sobrancelhas indicando que eu siga o caminho das rosas. Engulo o nó formado em minha garganta e com as pernas tremendo dou o primeiro passo.

Meu Deus, não termina nunca...

Retiro os meus sapatos e caminho por cima das pétalas macias. Elas fazem cocegas entre os meus dedos, arrancando sorrisos dos meus lábios. Mas na verdade, não sei se sorrio por isso ou se é a felicidade que transborda. Ninguém jamais fez qualquer coisa semelhante, nem um décimo disse pensando em mim.

O caminho termina na porta do quarto dele, mas ela está fechada. Estou tão nervosa que não sei exatamente como reagir. Olho para trás, buscando novas instruções. Marco, que está parado no início do corredor, indica que eu entre.

Lógico que era para abrir a porta.

Mas mereço o desconto. Meus dedos estão tremendo mais do que vara verde.

— Não vai abrir? — ele pergunta, mais ansioso que eu.

— Quero guardar o momento. — bato palminhas no ar — Eu adorei!

— Então abra a porta para ver o resto.

Tem mais?

Desajeitada, abro a porta de uma vez. Meu coração não estava preparado. Lágrimas grossas escorrem livremente pelo meu rosto, junto com elas, um sorriso enorme de canto a canto que tem vontade própria.

— É lindo! Lindo demais!

— Feliz? — Marco me agarra por trás — Quis te deixar feliz.

Não sei o que me deixa mais feliz. Se é ter um homem como ele ao meu lado ou sentir a sinceridade no seu gesto de carinho. Faço casa no seu abraço. Pareço um cisco aconchegada em seu peito, e amo isso. Amo estar aqui. Eu o amo.

Olho mais uma vez para ter certeza que é real. A penumbra trazida pelas cortinas fechadas é quebrada pelas velas que dão um tom amarelado ao quarto. Sobre a cama, pétalas criam uma manta vermelha, e no tapete há rosas inteiras espalhadas. São tantas que mal posso ver o chão. Impressiono-me com o tamanho delas, algumas maiores que a palma da minha mão. E no teto, por todo o teto, balões vermelhos.

— Você me faz a mulher mais feliz do mundo. — digo emocionada.

Ele retira os meus óculos e os deixa sobre a poltrona de leitura.

— Espero que tenha apreciado a decoração e guardado na memória.
— diz ao pé do meu ouvido — Já que iremos destruí-la.

Ah eu aposto que sim.

— Eu não espero nada diferente disso. — viro-me para ele e envolvo meus braços em seu pescoço.

Nossos lábios não se desgrudam, mas o sorriso teima em aparecer entre beijos e mordidas salientes. Eu estou feliz. Nós estamos muito felizes e a sensação é extasiante.

Marco eleva o meu corpo, tranço as pernas em seu quadril e sou carregada até a cama. Imagino que serei arremessada na cama, mas isso não aconteceu. Ao contrário do esperado para o seu apetite voraz, ele deita comigo calmamente sem interromper os beijos, com um dos braços empurra os travesseiros para o chão e segura o meu rosto nos mantendo conectados.

O ar me falta. O calor só aumenta.

Quanto mais intenso e fogo é o contato, mais apressadas minhas mãos reagem aos estímulos de Marco. Arranco sua camisa, empurro contra o seu membro, mordo suas orelhas. O corpo másculo dá sinais de sofreguidão, no entanto, ele resiste.

— Quer apressar as coisas? Você é uma falsa tímida, sabia? — diz trabalhando em meu pescoço — Quem não conhece que te compre, Dama. Mas eu sei a fera que se solta em cima dessa cama.

— Então precisa agir porque estou pegando fogo.

— Primeiro vamos brincar.

Meu Deus! Ele não estava mentindo.

Marco usou de todos os seus artifícios para me manter ocupada durante a madrugada. Cada centímetro do meu corpo recebeu a sua atenção, cada gota de suor valeu a pena. Caramba! Que dia! Os dedos dele fazem magia dentro de mim, e quando se juntam com a língua? Uau! Mas nada supera a boca.

Houve uma época na minha vida que concordei com algumas amigas. Lembro-me do dia que conversando com Breno, concordei que homens não sabem chupar uma vagina porque não tem uma. Eu estava completamente errada. O meu homem sabe nos mínimos detalhes como chupar, onde morder, quando penetrar e quando parar. Ele simplesmente sabe.

O céu já estava escuro quando entrei debaixo do chuveiro. Meus cabelos bagunçados de tal maneira que acreditei ser impossível recuperar.

E quem liga para cabelo quando precisa telefonar para a farmácia e pedir uma pomada de assaduras de bebê? Os fios embaraçados foram o de menos. A melhor parte veio quando a encomenda chegou.

— Gatona, se você não abrir as pernas fica difícil. — diz Marco.

Não consigo. Enquanto travo as pernas cruzadas, quase faço xixi na cama de tanto que gargalho. E ele também.

Eu quis entrar no banheiro discretamente e passar a pomada para conseguir trabalhar amanhã 24h de calça jeans sem sofrer, mas, quando se tem alguém como Marco do lado, isso é impossível. Ele decidiu que deveria ser o responsável por espalhar o creme onde fosse preciso.

— Marco, sério... — tento não rir — isso é ridículo.

— Por quê? — pergunta com o tubo na mão.

— Eu não vou abrir as pernas para você espalhar isso em mim. Estou vermelha, inchada. Minha perereca está feia.

Seus olhos se estreitam.

— Primeiro: você abre as pernas para eu enfiar a língua aí. Segundo:

sua boceta já é vermelha por natureza, toda vermelhinha e cheia. Terceiro: feia? Não fode, Damaris. Se eu pudesse andaria com uma foto dessa boceta na carteira só para ficar admirando.

— Marco!

— Abra as pernas, Dama. — nego com a cabeça — Vou te fazer abrir de outra forma.

— Até parece...

Não consegui concluir a frase. Uma avalanche de cócegas que começaram na minha barriga e se espalharam por todos os lados me pegou desprevenida. Aí sim quase fiz xixi.

— Tá bom! Chega, chega!!! Eu aceito.

Ele parou. Nós ficamos ofegantes olhando um para o outro naquele momento hilário.

— Então diga: vou abrir minhas pernas para você cuidar da minha bocetinha assada.

— Não! — grito. Ele levanta as mãos ameaçando recomeçar as cocegas — Tá. Tá bom!

— Estou esperando, gatona.

Ah que filho da mãe!

— Vou abrir as minhas pernas para um pervertido cuidar da minha... — fecho os olhos — bocetinha assada.

Ele me agarra, me beija e repete várias vezes que sou uma tímida de araque, então começa a passar a pomada. É engraçado como fica atento ao que faz e cuida nos mínimos detalhes.

Marco é uma caixinha de surpresas.

Segunda...

Terça...

Quarta...

Quinta...

Sexta-feira às 11h37min

Que semana movimentada foi essa? A terça foi dada como perdida porque eu estava esgotada do plantão e precisei ficar entocada na minha casa me recuperando. Quarta e quinta passei com Marco no apartamento dele, mas isso será um pouco mais complicado daqui para frente.

Infelizmente ele aceitou abrigar o Walter por um mês, até que ele encontre um lugar e se instale. Posso soar ruim, mas acredito que essa foi a pior decisão. Algo me diz que nada de bom pode vir a partir disso.

— Bicha, você não acha que deveria ter dito essas coisas a ele e não a mim?

Olho para Breno. Ele tem razão.

Sentamos aqui para almoçar em uma área afastada do terraço e despejei toda a minha indignação quanto ao fato de Walter morar com Marco, falei o que penso, dos meus medos e das minhas desconfianças. Ele ouviu como um bom amigo e agora sei que vai falar.

— Não posso me meter na amizade dele.

— Como não pode? É o seu boy, Damaris. Vocês já estão juntos para quem quiser ver, ele te assumiu, te respeita. Coloca essa boca no trombone e fala: Marco Gostosão Chupador de Boceta Malamam, não quero esse empata foda morando aqui, ou será greve de pepeka.

Não pode ser real.

Olho para Breno e sem precisar de espelho sei que estou vermelha. Alguém traz um buraco para me enterrar. Discretamente, reparo o rosto de cada pessoa por mais distante que elas estejam. Preciso ter certeza que ninguém escutou o que ele disse.

— Não acredito que falou isso?

— Ninguém ouviu, amiga. Sou louca, mas não sou burra.

Que vergonha. Por que eu ainda conto essas coisas para ele?

Abaixo a cabeça e acabo soltando um sorriso de nervoso. Breno é um pouco espalhafatoso e gritão, mas é um amor de pessoa e ótimo amigo. Um

dos poucos que tenho e sei que posso contar.

— Quando for o momento certo, eu falo. Vou esperar para ver. De repente pode ser implicância da minha parte.

Mas não era.

Os dias foram passando e a situação só piorou. Sinto uma energia ruim quando Walter está por perto, ele me olha de forma esquisita, parece torcer para que tudo dê errado. Marco já percebeu que não gosto da presença dele e por isso temos ficado mais na minha casa. O apartamento com dois homens desleixados está inabitável. Tudo que Marco havia deixado de fazer, Walter faz.

Hoje é um dia daqueles que cruzo os dedos e peço a Deus que coloque juízo na cabeça do meu namorado. Como combinado, eles têm uma noite de jogo e isso tem acontecido no apartamento.

Eu disse que poderia ir de ônibus, mas Marco fez questão de me trazer em casa e passar algumas horinhas comigo. Britz fica mais animada com ele do que comigo. É só escutar o barulho do carro que vem toda dengosa esperando um carinho na barriga.

Traidora.

— Amanhã venho te buscar depois do almoço. — ele diz pronto para ir embora.

— Estarei pronta.

— Leve roupa de banho. Temos uma piscina coberta e quero te mostrar como é gostosa. — pisca — Água quente, clima frio... namorada safadinha.

— Seus pais estarão lá.

— E daí? — pergunta como se não fosse nada.

— Não vamos transar na piscina da casa de férias dos seus pais com eles lá. Você é um tarado.

— Vamos ver. — me beija — Agora tenho que ir, daqui a pouco os caras chegam lá em casa.

— Tá. Cuidado no caminho, por favor. — olho-o incerta do que vou dizer, mas digo assim mesmo — E cuidado com as suas escolhas, Marco. Cuidado.

Ele sabe do que estou falando. Não preciso entrar em detalhes para ele entender o que deve ser evitado.

— Confia em mim?

— Confio.

Ele vai embora e leva o meu coração junto.

Eu poderia sair, aproveitar para me divertir, mas não quero. Preciso curtir um pouco a minha casa, aproveitar esse momento sozinha. Gosto de passar um tempo comigo mesma e desde que conheci Marco tenho tido poucas oportunidades de fazer isso.

Entro com Britz, coloco uma música e começo o meu dia de beleza. Tomo um longo banho, escovo o cabelo, tiro alguns pelos da sobrancelha, depilo as pernas e a virilha, faço as unhas. Cada coisa sem pressa. Adentro a madrugada relaxando a mente com cuidados comigo mesma. Esse é o meu momento.

Acho que perdi algumas gramas de cutícula. Estava precisando desse tempo ou minhas unhas iriam virar cascos.

Olho para o relógio e ele marca 4h da manhã. Acho que exagerei.

Escovo os dentes, escolho um livro e vou para a cama esperar o sono chegar.

Se ela não sabe, não sofre

Marco

Acordo mal e fico muito pior quando abro a porta do quarto e sinto o cheiro que vem da sala.

Que merda!

Parece que uma festa aconteceu aqui. O sofá está sujo, tem garrafas pelo chão e resto de pizza sobre a mesa. Nada está no lugar, principalmente os copos. Abro as janelas, borriço aqueles perfumes de ambientes, mas nada adianta.

Meu apartamento está cheirando suor, bebida e sexo.

Sexo?

Nesse momento Walter aparece no corredor de cueca e atrás dele uma loira vestindo uma saia de couro e dois pedacinhos de pano nos peitos que mal cobrem os mamilos.

— Você tem o meu telefone. Precisando, é só chamar.

— Com certeza.

Os dois passam por mim como se eu não existisse. O filho da puta se despede da loira e volta para se jogar no sofá com cara de fodiam da porra.

Ele só pode estar de sacanagem.

— Que porra foi essa, Walter? — pergunto com o sangue fervendo.

— A Kênia. Uma delícia né? — ele cheira os dedos — Uma gostosa. Se quiser te passo o contato dela. Só que cobra caro, meu amigo.

— Trouxe uma puta para a minha casa?

— Tinha problema, Marcão? — ele levanta as mãos — Isso é novidade, cara. Quantas putas já comi nesse sofá? Comi não. Comemos.

— Eu não estou brincando, Walter. As coisas mudaram, essa casa mudou.

— Por causa da nerd?

Porra! Que filho da puta.

— Walter, faz o seguinte: Vou sair agora e fingir que essa merda não aconteceu. Fingir que você não é um sem noção filho da puta e tentar esquecer essa cena. Volto em dois dias e a minha NAMORADA vem comigo. Se quiser ficar, é bom que o meu apartamento esteja um brinco. — viro as costas, mas antes de chegar ao corredor, volto — E nunca mais traga ninguém aqui sem a minha autorização.

— Vai fingir que parou de cheirar também?

Paro o meu passo no ar. Suas palavras esfriam a minha espinha e tenho certeza que senti um tom de ameaça no que disse.

Vou do corredor ao sofá em dois passos, faço como uma águia e chego certo pegando seu rosto com as duas mãos. Meu sangue está fervendo e por pouco não me descontrolo.

— Você tem até o final do mês para sair daqui. Nem um dia a mais.

O suor mina em sua testa e ele tenta falar, mas se embola com as palavras, até que consegue.

— Marcão, para com isso, eu estava brincando. Que isso, cara.

— Até o final do mês.

Não sei como consegui sair de casa e dirigir sem antes arrebentar a cara de Walter. As coisas estão saindo de controle não sei de que lado devo segurar para evitar um desastre.

Eu quebrei a minha promessa. E não foi uma vez só.

Desde a chegada de Walter, escorreguei e cheirei algumas vezes. Não foram muitas. O problema é que eu deixei acontecer da primeira vez, da segunda fui atrás e ontem chutei o balde. Depois que JP e Ailton foram embora, eu e Walter cheiramos a madrugada inteira sem parar. Era a cerveja não deixando desidratar e o pó não deixando a gente ficar bêbado. E no final... nem sei.

Acordei no estúdio sem roupa e com dois novos quadros. Nos dois o rosto de Damaris com expressão triste chorava.

Chego em Osasco olhando no retrovisor pela milionésima vez para ter certeza de que ela não irá perceber nada de errado. Estou normal. Acho que estou normal.

— Bom dia, gatão! — diz ela entrando no carro.

— Bom dia, gatona!

Não resisto e agarro seu rosto fino e branquinho, arranco os óculos e jogo no painel. Quero beijá-la, sentir o gosto e o calor da sua boca. Provar para mim mesmo que estamos juntos e nada mudou.

Ela não se surpreende, está acostumada com o meu jeito e apenas retribui o carinho e as carícias.

— Chega, Marco. Meus vizinhos vão ter muito assunto já.

— Eles já devem te achar muito escandalosa, não irão se importar com uns beijos no carro.

— Eu não sou escandalosa. — diz aborrecida e envergonhada ao mesmo tempo.

Levanto as mãos.

— Se está dizendo.

Algumas horas dentro do carro e finalmente chegamos à Casa Di Tutti.

Minha mãe desenvolveu uma espécie de sentimentos de gratidão por Damaris e não a condeno. Até pouco tempo atrás eu e meu pai não estaríamos juntos na mesma casa por muito tempo sem que houvesse alguma discussão ou ofensa séria.

Quem diria.

Estou na varanda quando vejo meu pai chegar e se sentar ao meu lado. Não falamos nada. Minha mãe e Damaris caminham pelo jardim enquanto conversam algo que não sei o que é, mas aposto que seja bem interessante, porque tem mais de uma hora.

— É ela? — meu pai pergunta.

— É — respondo sem erro.

Estranho o fato dele não retrucar. Ele não diz nada, e eu também não, ficamos os dois calados admirando nossas mulheres por mais um longo tempo.

— Espero que não desista na primeira dificuldade. Se eu tivesse desistido, hoje seria um homem vazio e infeliz.

— Mas o senhor é Leônidas Malamam. — não era para sair debochada. — Eu quero dizer que...

— Sei o que quer dizer, moleque. — ele me olha com o rosto fechado, mas a carranca vira um sorriso pensativo — Não me coloque num pedestal. Eu errei muito com a sua mãe, ainda erro.

— Vocês já terminaram?

— Ela já me deixou. Foi logo no começo, pouco depois da morte da mãe de Nina. Não queira passar por isso. É um inferno.

— O que você fez para mamãe te deixar? — pergunto surpreso porque meus pais são o tipo de casal que não daria certo com mais ninguém a não ser com eles mesmo.

— Não te interessa.

Claro! Típica resposta do meu pai.

— Ok. O senhor tem algum conselho útil?

Ele coça a cabeça, estala os dedos.

— Conhecendo você e sabendo que puxou a mim, só posso dizer: Peça desculpas. Não importa a merda que der, você errou.

— De joelhos? — sacaneio.

— Se for preciso.

Ele me dá um tapinha no ombro e sai.

Em minha cabeça muitas dúvidas e uma única certeza: nunca a deixarei partir sem lutar.

Cansado de esperar, desço as escadas da varanda e vou ao encontro das mulheres da minha vida. Chego de mansinho, discretamente por trás das árvores como quem não quer nada, mas a única coisa que consigo escutar é:

— Cuide dele, Damaris, mas não esqueça dos seus valores. Se o meu filho não enxergar o quanto você vale, é porque ele não te merece.

Qual é? Ela está contra mim ou ao meu favor? Isso lá é conselho que se dê a namorada do filho...

Estou bem de família mesmo.

— Vou ter que interromper o tricô das minhas mulheres. — envolvo as duas em um abraço — Gatona, quer tomar um sorvete na cidade?

Ela olha para a minha mãe um pouco na dúvida.

— Vá, querida. Vocês são jovens e tem que aproveitar. Vou lá em cima ver o que o meu marido está aprontando.

No caminho decido investigar.

— O que vocês tanto conversaram no jardim?

— Sobre a vida. — responde evasiva.

— A vida é um assunto muito abrangente.

— Por isso falamos bastante. — ela coloca a mão sobre a minha coxa — Com o que está preocupado? Achei que fosse do seu interesse que eu e sua mãe nos déssemos bem.

— Não precisa ser bem demais.

Obvio que eu quero que elas se deem bem e conversem bastante, mas não precisa me excluir do assunto. Principalmente quando vejo que sou o assunto.

Chegamos ao centro da cidade. Duas ruas depois da praça, discretamente escondido atrás de uma portinha de vidro verde, está a gelateria mais incrível que eu já estive. Venho aqui desde moleque, quando meu avô me trazia.

Damaris escolhe os seus sabores, ouve as histórias do velho senhor

dono da gelateria com toda a atenção, vez ou outra olhando para mim por cima dos óculos. O homem conta a ela sobre o meu gosto por pistache e acaba com a minha moral revelando as birras de infância. Ela apenas sorri, sempre cobrindo os lábios.

Como pode ser tão linda? Cada detalhe, os traços finos, os cabelos longos, mas além disso, por trás das lentes grossas e armação pouco feminina, estão seus olhos. E que olhos ela tem. São doces, verdadeiros, intrigantes e estudiosos. Quando focam sobre mim, sinto que não posso esconder nada.

Como eu gostaria de estar enganado.

— Marco.

— Oi.

— Estava em que planeta? — ela pergunta — Te chamei umas três vezes.

— Desculpe, só me perdi admirando você.

Ela vem manhosa, me beija e depois olha em volta para ter certeza que ninguém está olhando.

— Está me acostumando muito mal. Minhas referências irão lá para cima.

— Acho que teremos problemas... — ela parece confusa — Nunca terá chance de usar essas “referências” com outro.

Saímos sem destino, andando pelas ruas de Campos do Jordão, admirando as construções. Faço piada com o nosso perfil clichê namoro recente em fim de semana com direito e pipoca e sorte. Damaris nos defende dizendo ser clássico.

Ela sempre encontra o lado positivo para tudo. Não é à toa que está comigo.

A noite cai e encontramos um bom restaurante para comer. Vinho, espaguete à carbonara, tiramissu. Um cardápio perfeito, obviamente sugestão de chefe, já que eu não saberia o que pedir. Confesso, no fundo lamentei por

não ser pizza, mas depois... O engomadinho tinha razão.

— Vamos para casa? — diz ela depois de muitas taças de vinho.

— Está satisfeita?

— Ainda não.

Conheço este olhar.

— Quer pedir mais alguma coisa? — faço-me de desentendido.

— Quero... quero pedir mui... muitas coisas, gostosão.

Ela estica o braço por cima da mesa e passa os dedos sobre os meus e bem desajeitada, tira os óculos com a mão livre. Chego mais perto.

— Pede.

— Huuummm... Quero que me faça gritar.

Do outro lado do salão um garçom passa carregando uma bandeja. Aceno pedindo a conta e ele não demora a voltar com a maquineta.

Não sei o que é mais engraçado, assistir Damaris guiada pelo álcool ou ouvir as coisas que ela diz. Coisas estas que irei gravar para não esquecer porque merecem ser reprisadas. Puta merda, por que não tenho uma daquelas câmeras escondidas no carro?

— Acha que precisa vomitar? — pergunto.

Estamos no meio do caminho de casa. Enquanto dirijo, ela fala algumas besteiras e gargalha sozinha.

— Não. Definitivamente não preciso vomitar. Estou bem. Estou ótima na verdade, nunca estive bem como hoje.

— Bem bêbada.

Entre gargalhadas, ela responde:

— Bem livre! — e joga os braços para cima.

Bem louca, isso sim.

Entro na chácara e paro no estacionamento base que temos e fica um

pouco longe da casa grande e mais longe ainda dos chalés.

Foi uma ideia maravilhosa construir um chalé para cada um dos primos, já que somos em sete. Nossos pais têm seus quartos na casa grande desde sempre e isso nunca precisou ser alterado, no entanto, com a fase adulta, as namoradas e vida social, foi impossível manter a todos no casarão.

— Chegamos. — abro a porta do carona e a ajudo a descer.

Quando ela dá o primeiro passo, faço que não e puxo-a de volta até a frente do carro.

Damaris vem manhosa, cheia de sensualidade. Seus óculos ficaram no carro, os sapatos também e o juízo? Este provavelmente se afogou na quarta taça de vinho.

— O que vai fazer comigo? Me comer, lobo mau? — sussurra.

— Te devorar.

Com um movimento bruto, faço-a virar de frente para o carro e deitar com os seios sobre o capô deixando as pernas abertas apoiadas no chão. Enfio a mão por baixo do vestido e subo o pano até a cintura e arranco a calcinha com um puxão. Ela grita.

Agora é tarde para gritar. Minha mente já trabalhou demais nos planos de comer essa boceta.

Seguro seu cabelo pela base da nuca e encosto minha boca em seu ouvido ao passo que roço o pau entre suas pernas e ela geme toda manhosinha.

— Deixa eu te preparar.

Abaixo na escuridão do gramado, apoio os joelhos no chão e enfio a língua inteira dentro dela. Retiro e volto a enfiá-la simulando o sexo com a minha boca. Separo sua bunda e lambo gostoso o cozinho, porque é hoje que gozarei ali dentro.

— Rebola na minha cara, vai. Bem safada.

Continuo o meu trabalho empolgado. Meu pau latejando de duro, as veias saltando de tanto tesão deixando a cabeça roxa. Tô muito excitado.

— Cansou, gatona? — ela não diz nada — Acho que terei que comer uma mocinha preguiçosa hoje. — subo beijando suas costas até chegar a bochecha — Vem aqui... UÉ?

Não acredito!

Ela dormiu, é isso mesmo?

Inacreditável. Caralho, eu estava dando o meu melhor e ela dormiu. Será que estou enferrujado nisso?

— Chega por hoje, Dama. — pego-a nos braços e beijo o seu rosto. — Vou te colocar na cama.

Seu rosto adormecido é como uma pintura fresca. Os cabelos escorrem para o meu braço e ela diz algo que não entendo, mas poderia ser um “eu te amo”. Espero que seja, porque sei que sinto o mesmo.

Atravesso a chácara com ela no colo, coloco-a na cama e vou tomar um banho e resolver o problema do cabeça dura aqui em baixo.

Sim, era mentira.

Damaris

— Como foi a folga com o bonitão e com os sogros lá na tal mansão de férias dos Malamam?

Mastigo rápido a garfada de comida que coloquei na boca e levanto um dedo para Breno esperar um pouco.

— Eu dormi. — digo rindo.

— Jura? Não me diga — caçou ele — Isso a gente imagina, amiga. Agora conta os detalhes sórdidos.

Estamos na escada de incêndio.

— Nós fomos jantar. Na verdade, passamos o dia fora e acabamos jantando na rua também. Tinha massa, vinho e mais vinho. Você sabe que não sou acostumada a beber. Imagina como fiquei alegrinha depois de diversas taças.

— Uau! Eu bêbado dou show, amor. Perco a vergonha que nunca tive.

— E eu perdi... mas foi por pouco tempo. — escondo o rosto — Começamos uma brincadeira no estacionamento da chácara, ele foi lá... lá em baixo e você sabe. E eu? Acordei no dia seguinte depois de um sono dos deuses na cama do chalé dele.

— Mentira!!!!

— Verdade.

— Você capotou com o boi de cara na sua xana? — concordo com a cabeça — Beyonce nas alturas! Esse merece o Oscar dos momentos mais marcantes da sua vida, amiga.

— E o pior você não sabe.

— Conta.

— Marco passou a manhã inteira me gozando pelo que aconteceu. Disse que ele tem uma língua mágica que faz até dormir.

— Coitado. Tinha que gozar de alguma forma.

Caímos na gargalhada.

À noite, pego uma carona com Matteo e vou para o apartamento de Marco sem ele. Apareceu uma emergência importante e ele deve demorar algumas horas para terminar.

Abro a porta com a chave que Matteo me emprestou no hospital, entro e deixo a minha bolsa sobre o sofá. Está tudo escuro. Graças a Deus! É sinal que Walter não está aqui, assim escapo de olhar naquela cara esquisita.

Tomo um banho, vasculho os armários a procura de mantimentos, mas não encontro nada. Sei que Marco deixa dinheiro solto na sua gaveta de meias, ele mesmo já me disse para usar quando precisasse. Faço uma lista e começo a procurar pelas notas para ir ao mercado e preparar um jantar gostoso para ele. Sei que chegará esgotado.

Nada melhor do que comida de casa para reconfortar.

Procuro em todos os cantos e não encontro nada, nem uma moeda. Abro as gavetas de uma em uma, vejo as caixinhas de pequenos objetos e nada.

Por fim, lembro-me do porta-relógio. É muito provável que esteja lá.

Vou até a cômoda e pego a caixa de madeira, levando-a comigo para a cama. É pesado. Marco tem uma grande coleção de relógios caros.

Encontrei!

A primeira coisa que apareceu quando abri a tampo foi um maço de dinheiro. Arranquei duas notas de cinquenta reais e deixei o restante no mesmo lugar.

Fecho a caixa, mas a curiosidade me vence e reabro. Olhar não é crime.

Tiro uma por uma as caixinhas e admiro o que tem dentro. Uns prateados, outros dourados, outros ultramodernos, mas nenhum feio. Marco tem um gosto excelente. A última caixinha chama a minha atenção, mas essa é leve demais para ter um relógio dentro.

E ela não tem. Ao invés do acessório, um saquinho com um pó branco cai. Não entendo quase nada sobre isso, mas com certeza é uma quantidade expressiva.

— Por que está mexendo nas minhas coisas?

Assustada com a voz alta vindo da porta, deixo tudo cair.

Marco está branco feito vela, imóvel na entrada do quarto. Ele não sabe se olha para mim ou para o chão.

— Damaris...

— Você mentiu. — acuso-o — Estava se drogando pelas minhas costas esse tempo todo.

— Não. Eu parei.

— Mentiroso!

Ele levanta as mãos e pede calma, vem em minha direção e eu pulo para o outro lado da cama. Não quero que ele me toque.

— Dama, deixa eu explicar.

— Não sou sua Dama! — grito — Mentiu para mim. Fez de mim uma idiota, me enganou. Quantas vezes seu disse que era importante que não estivesse usando essas merdas? Milhares de vezes, Marco. Você sabia que eu não suportaria te ver novamente daquela forma.

— Escuta... Não foi assim. Isso é recente.

— É de hoje? — falo com o dedo em riste, mas ele nega com a cabeça — Quantas vezes já usou depois daquele dia? Quantas?

— Algumas... muitas.

— Eu não vi. — constato desolada. Meus olhos se perdem no não. — Como eu não percebi?

— Dama, as coisas não são assim. Foi rápido, você nem estava aqui. Mas eu prometo...

— Não me prometa nada. — grito — Sua palavra vale o mesmo que o

pó que você cheira. O que nós tivemos não tem valor para você.

— Está louca?

— Eu estava louca quando achei que poderia mudar um viciado. Você não tem jeito.

— Damaris...

— Acabou!

Ele tenta se aproximar de mim, falar alguma coisa em sua defesa, mas antes que tenha chance, a campainha começa a tocar desesperadamente e somos obrigados a interromper a discussão.

Fico no quarto arrumando as minhas coisas enquanto Marco vai atender a porta. Mesmo do outro lado do apartamento posso escutar a voz dos dois irmãos discutindo sobre algo que não sei o que é, mas ouço perfeitamente quando Matteo diz “ele já chegou sem vida ao MAH”.

Quem morreu?

Coloco a mochila nas costas e chego calada, os dois olham para mim. Marco está visivelmente abalado, seus olhos vermelhos como se segurasse o choro.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Foi o Walter. — Matteo responde — Ele teve uma overdose.

— Oh meu Deus! Mas ele... ele morreu?

— Parece que isso aconteceu dentro de um taxi, ele estava cheirando no banco de trás e começou a passar mal. Quando o motorista chegou com ele ao hospital já era tarde. Ele morreu.

Olho para Marco sem saber o que dizer. Ele não fala nada, está em choque.

— A família dele? — pergunto a Matteo.

— Já foi avisada pelo hospital. Eles são de fora de São Paulo e estão a caminho.

O celular de Marco toca e ele atende JP. Os dois conversam por um longo tempo oscilando entre diálogos curtos e extensos silêncios. Eu e Matteo esperamos calados.

Minha cabeça está a mil. Penso no que acabei de descobrir, na discussão que tivemos e principalmente em Walter. Lembro-me dos seus olhos em mim e no que sentia quando ele deixava claro a sua desaprovação. Não posso deixar de lamentar, mesmo sendo ele quem era. Uma vida é sempre valiosa. Dói pensar na dor da família, dos amigos... Marco.

Saímos todos juntos no carro de Matteo. Não falo nada até que chegamos ao hospital, minha garganta está fechada de forma que chega a doer. O choro preso, o lamento engasgado não só pela minha perda pessoal, mas também pela tragédia que acaba de acontecer.

Um repórter pede informações na recepção. Ele quer saber sobre o caso do médico que sofreu uma overdose saindo do plantão. Pela acidez de suas perguntas, imagino que o assunto repercutirá muito negativamente amanhã.

Não sei de onde, mas Nina aparece vestindo uma expressão absolutamente profissional. Ela conversa, envolve o jornalista e o leva para cima. Não sei o que fará sobre isso, porém, imagino que ela saiba o que faz.

— Amiga, — Suellen me chama em um canto — Você está sabendo?

— Estou sim. Infelizmente. Você estava aqui quando ele deu entrada?

— Sim. Troquei o meu plantão para assistir ao jogo do meu filho.

Suellen conta tudo que aconteceu nos mínimos detalhes, e eu fico ainda mais horrorizada.

— Já levaram o corpo dele?

— Ainda não. Você precisava ver como ele estava quando chegou, um horror. Como a pessoa destrói a própria vida dessa maneira? Ele era médico, residente no melhor hospital do país. Diz o taxista que ele já entrou perturbado pedindo que ligasse o ar bem frio, arrancando um saquinho dos bolsos.

— Acham que ele saiu drogado do plantão?

— Não sei. Mas a Morgana no centro cirúrgico disse que ele deveria ter ido embora há mais de duas horas.

Enquanto nos falamos, observo Marco conversar com Ailton que acabou de chegar. JP está no telefone um a frente.

Preciso sair e respirar um pouco, não posso simplesmente assistir.

No terraço tenho a privacidade de que preciso. O hospital segue a sua rotina, pacientes e profissionais cumprindo os seus papéis enquanto mais uma vida foi embora. A vida humana é completamente dispensável.

Penso muito sobre isso. Todos os dias homes, mulheres e crianças morrer e nada muda realmente na vida de quem quer que seja. O motivo pode ser natural, violento, trágico ou suspeito. E no dia seguinte a vida segue. É muito triste olhar por essa ótica. Começo a pensar que quando eu for embora ninguém sentirá a minha falta.

— Atrapalho?

Antes de olhar para trás já sei de quem se trata.

— Não.

— Dama... — abro a boca, mas ele mesmo se corrige — Damaris, o que aconteceu hoje. Por favor, eu preciso de você.

Não, não faça isso. É insuportável vê-lo sofrendo assim.

— Vamos enterrar o seu amigo. — estico a mão para ele — Amanhã é outro dia.

Foi uma noite difícil.

Todos nós viramos a madrugada esperando a solução de toda a parte burocrática até que a família de Walter chegou. Pela manhã um longo e cansativo velório. Meus olhos não saíram da mãe dele, uma senhora já idosa, simples com aparência de quem trabalhou muito na vida. Lembrou-me minha bisa.

O corpo chega e todos tentam ficar mais próximos ao caixão, enquanto Marco evita olhar para o amigo sem vida. Estamos lado a lado desde que chegamos aqui e ele se não soltou a minha mão desde então como se eu fosse

a sua sanidade.

— Não quer ir até lá?

— Não.

— Tudo bem. Quer ir para casa?

Ele nega com a cabeça.

Fica difícil explicar o que senti quando vi o caixão descer na sepultura. Não era uma dor de amigo ou familiar, mas sim um lamento pelo desperdício gratuito. O homem naquela caixa, o sofrimento de todos que gostavam dele, o futuro perdido. E tudo pelo quê? Tudo por nada, por um pó que destrói não só quem usa, mas principalmente quem está em volta.

Dentro do carro ensaiei mentalmente pedir para Matteo me deixar em um ponto de ônibus para eu ir para casa, mas olhando para Marco, desisti. Ele precisa de mim.

— Eu posso dormir no outro quarto, se for melhor para você. — diz Marco quando saí do banheiro depois de tomar um banho.

— Não precisa.

— Vai dormir assim?

Olho para mim mesma. Estou vestindo uma camisa dele que chega até os meus joelhos.

— Vou.

— Acha que posso tentar te atacar durante a noite.

Não foi uma pergunta.

— Vamos dormir, Marco. Amanhã é outro dia.

Deito-me virada para a parede e isso é mais complexo do que eu imaginava. Marco respeita o meu espaço ficando do seu lado da cama. Eu deveria estar feliz por isso, mas de certa forma me ofende. Sinto falta do peso do seu braço sobre o meu corpo, da sua respiração quente em meu pescoço. É angustiante saber que ele está tão perto e mesmo assim distante.

Minutos passam, talvez meia hora. Duas horas.

— Marco? — chamo-o sem olhar para trás. — Está acordado ainda, não está?

— Não preguei o olho.

— Quer me abraçar?

— Quer que eu te abrace?

Respiro fundo.

— Não consigo dormir.

Eu sabia que ele não me negaria isso, por mim e por ele. Estamos arrasados, emocionalmente exaustos de tal forma que precisamos de uma pausa, mínimos instantes neutros a tudo.

Marco me abraça, envolve-me com os braços pesados e se encaixa ao meu corpo como costumávamos fazer nas noites que passamos juntos. É como um calmante instantâneo ministrado direto na veia. Logo ele pesa um pouco mais sobre mim e sua respiração muda, e não demora para eu ceder também.

**

06h26min

“Marco, eu espero que tudo isso sirva de lição para você. Não consigo aceitar que um homem inteligente e dono de si seja escravo de algo tão pequeno e nocivo. Simplesmente não posso conviver com isso.

Perdi alguém que eu amava e você um amigo. Por favor, enxergue a verdade a sua frente e pare enquanto há tempo.

Faça por você.”

Termino o meu bilhete, dou uma última olhada e saio.

O inferno é aqui

Marco

Uma semana depois...

Que ridículo, não precisei de cinco minutos para gozar. Se é que posso chamar o ato de esporrar mecanicamente dentro de um preservativo. Cinco minutos.

O que é pior? Ter trazido Jeani para o meu apartamento, ter transado com ela na minha cama. Droga! Há sete dias não trocava os lençóis porque estavam com o cheiro dela e agora, isso.

Sou um idiota.

— Acho que acabamos por aqui, Jeani.

Levanto da cama pior do que deitei. Jeani me olha com aquela cara de espanto por dois segundos, mas depois volta a ser a maluca que sempre conheci. Essa japonesa tem menos juízo e mais parafusos a menos do que eu.

— Doc, a gente precisa disso mesmo? Não, não precisamos. Pare de agir como se eu fosse cobrar pela ligação ou pelo cinema que nunca virá. Sou eu... não ela, seja lá quem é a mulher que te deixou assim.

— Eu não deveria ter ido ao Porta Amarela.

— Mas foi, e foi atrás de mim. O que se faz lá, pode ser feito até mesmo aqui, só que lá está em livre demanda. Acho que foi em busca de uma certa japonesa aqui.

— Esse é o problema. — brado ficando de pé — Eu cheiro aqui, lá, no hospital, em festas, bares... Na puta que pariu. Eu não fui ao bar atrás de você, fui atrás de pó. Pó, entende? É isso o que eu faço. Eu cheiro sempre que alguma merda me aperta, sempre que a porra da minha vida dá errado.

Parecendo muito feliz com a minha explosão, ela se ajoelha sobre a cama com os peitos de fora e diz:

— Fale-me mais sobre isso, doutor. Nunca ouviu dizer que as putas são as melhores psicólogas? Conta que faz bem

— Senta aí. Vou contar do início.

Não acredito que estou fazendo isso, mas que se foda! Tudo que poderia dar errado, já deu.

— Faz uma semana que enterrei um amigo que perdeu o controle. Ainda não tive coragem de entrar naquele quarto depois que os pais dele vieram aqui buscar o que ficou. Mas eu entrei antes, nos dois minutos de intervalo entre o porteiro interfonar e eles baterem naquela porta.

— Não entendi...

— Eu sabia que ele tinha pó. Não queria que os pais dele vissem. Parecia demais depois de tudo.

— Então guardou?

— Essa parte não foi por bom coração. Nem adianta me olhar com essa cara de “on”.

— Nunca disse que guardou a droga por bom coração, mas uma coisa é fato: es um bom amigo, doc.

Ela não sabe do que está falando. Em nenhum momento fiz isso por ser legal; foi culpa.

— Ainda me corroo de remorso por estar tão focado na minha própria vida que não vi o quanto Walter se afundava.

Jeani balança a cabeça confusa.

— E quem está afundando agora?

— É diferente.

— Por quê?

— Porque ele nunca sabia o momento de parar.

— E você sabe?

Quando nos encontramos no Porta Amarela você disse que a tal mulher te largou, foi embora e não atende mais as suas malditas ligações. Olha que interessante: o problema girava em torno do seu nariz cheirador e você ainda está cheirando, doc. Estou errada?

Não. Ela está certa.

Há uma semana tudo que tenho feito é cheirar e encurralar Damaris em sua casa, no hospital, pelo telefone. Digo que mudei, que entendi e aprendi, mas ela vê a verdade.

Aquela coruja me enxerga melhor do que qualquer pessoa.

Eu sou tão imbecil.

— Você está certa, Jeani.

Sem se importar com os seios sacodindo, ela salta da cama, me dá um beijo no rosto e corre até o banheiro.

— Agora que já te fiz gozar e resolvi a sua vida, pode me dar um dinheiro para o taxi? — grita do banheiro.

— Eu te levo em casa.

Sentada no vaso, ela coloca a cabeça para fora do banheiro.

— De jeito nenhum. Meu lar é sagrado.

— Às vezes fico na dúvida se você tem mesmo uma casa.

Depois da conversa, dou a ela muito mais do que o suficiente para pagar o taxi e todo o pó que havia no meu apartamento. Preciso tentar mais uma vez. E se eu escorregar, vou tentar novamente até conseguir a minha mulher de volta.

Foi muito difícil acordar na manhã seguinte. E na outra, e na outra. Todos os dias passaram a ser um inferno de complicados depois que Damaris pediu férias. Agora ela não está no hospital, mas também não está em casa.

Sim, eu fui até Osasco para tentar mais uma vez dizer que estou bem e limpo. Mas dessa vez de verdade. Só que ela não estava. Conversei um pouco com Santa e percebi que está alheia ao motivo do nosso término. A senhora acredita que brigas são fases de adaptação e logo estaremos juntos novamente.

Eu prefiro acreditar nela.

Eu tentei, mas foi inevitável procurar por Breno para, pelo menos, ter

notícias, mas ele resolveu ser vingativo no lugar da amiga e se vingar de mim com frases do tipo “ela está muito bem sem você”.

Isso não se faz.

Terceira semana

Cruzo com meu irmão no hospital

— Está tudo bem, Marco?

— Dentro do possível, sim. Dentro do esperado, não.

— Deixe-me tentar adivinhar: Ela ainda não te atende, mas você tem fé que tudo irá dar certo.

— Quase isso. — coço a cabeça — Eu traduziria como: sei que mereço sofrer, mas está doendo para um caralho.

— Parece bom para mim.

— Vou dizer o mesmo quando for a sua vez. Será engraçado ver um pouco de emoção e sentimentos misturados nessa carinha perfeita. Assistirei de camarote.

— Talvez não. Estarei longe demais para isso.

— Tomou coragem?

Ele apenas acena com as sobrancelhas, mas não confirma realmente.

Meu irmão está em uma fase incerta da sua vida. Tudo anda bem, mas isso não o agrada, mas também não reclama. Vejo em seus olhos que está acomodado e incomodado. Uns meses atrás, ele disse que Antony, nosso primo que mora na Califórnia, o chamou para passar um período por lá, mas o assunto morreu e agora está voltando.

— Matteo, se acha que lá será melhor do que aqui, vá. O que te impede. — ele me olha sério e não responde. — Eu? Acha que eu sou o que te segura aqui.

— Claro que não.

— Pareceu que sim. — digo um pouco aborrecido.

Tudo bem que ele se preocupe, afinal é o meu irmão, mas deixar de viver para cuidar de mim? Pelo amor de Deus. Estou velho para isso.

— Eu já desisti de você, Marco. Talvez, há uns meses, eu ainda colocasse a sua condição de garoto problema sobre algumas decisões minhas. — ele balança a cabeça — Hoje não.

Era para isso me deixar aliviado ou desesperado?

— E posso saber o que te fez mudar?

Ele pensa. Não parece buscar o que falar, mas sim se deve ou não falar. Vejo no seu rosto o quanto reflete, mas por fim, diz:

— Se ter uma mulher incrível como Damaris não te fez mudar, duvido que eu consiga alguma coisa. Infelizmente só posso lamentar, te aceitar quando vier chorar, quando for tarde demais. Mas viver? Quem vive os seus problemas é você. Ela foi esperta o suficiente para virar as costas e partir. Quem sabe seja exatamente disso que você precise?

Depois de explodir com a minha cabeça, ele vira as costas e sai. Eu fico parado no corredor como parte da decoração. As pessoas passam por mim, mas é como se eu não estivesse ali. As palavras de Matteo ecoam na minha cabeça, giram freneticamente e voltam o tempo todo.

Sem coragem de assimilar a verdade, junto os meus cacos, visto uma máscara profissional e vou. E cada passo falsamente confiante que dou, repito um mantra mentalmente:

Hoje é o primeiro dia do resto da minha vida.

Ela é a Dama de pedra

Marco

Véspera de Natal – Quatro meses depois...

— Querem uma carona para casa, caras? — pergunta Ailton já no corredor.

JP aceita sem piscar. Estamos mais decadentes que a própria morte.

Embolo meu jaleco sujo depois de 48h de plantão na emergência. Roupas, sapatos, barbeador e qualquer outra coisa que eu tenha usado nestes dois dias. Finalmente, depois de três meses sugados, terei três dias de folga consecutivos. Para alguém que está correndo atrás do prejuízo e virando plantão em cima de plantão, isso é férias.

— Não. Tenho uma coisa para fazer antes.

— A gente espera, Marco.

— Não precisa. Acho que vou demorar um pouco por aqui ainda.

JP percebe a minha inquietação e não perde a oportunidade.

— Véspera de natal, todo mundo desesperado para ir para casa. A Malamanzada toda indo curtir uns dias em Campos do Jordão, que todo mundo sabe... E Marco? Marco está despistando os amigos para ir atrás da “bichinho do mato” do terceiro andar.

— Claro que não, idiota. — desconverso.

Ailton cai na gargalhada e completa:

— Marco, todo mundo sabe que você levou toco da menina. Ela não quer nada com ninguém. Vai querer com você? O playboy, herdeiro do hospital, cheio de problemas nas costas? Deixa a garota ser feliz, brother. São sete da manhã, ela deve estar começando o plantão dela.

— Isso são horas de receber cantada? — brinca JP.

Nervoso, joga minha mochila nas costas e passo por eles sem paciência. Sei exatamente o quanto me custa todos os rótulos que tenho. Não

preciso que me digam.

Subo de escada, estalando os dedos e dando tempo o suficiente da equipe ser mudada. Enrolo um pouco na cafeteria, deixo o tempo passar e só quando percebo o movimento da rotina da manhã ser reduzido, sigo o meu caminho.

O corredor está tranquilo, poucas pessoas trafegam por aqui, apenas os funcionários do setor e parentes de pacientes internados. É uma ala de recuperação, nada grave. No exato momento que viro o corredor, vejo Damaris deixar um dos quartos com uma bandeja de medicação, ela olha para mim e finge não me notar. Como um bichinho assustado esconde-se na primeira entrada que encontra.

A rouparia não vai ajudá-la a fugir de mim.

Paro diante da porta fechada com placa de “acesso restrito”, respiro fundo lembrando todas as coisas que ensaiei e pretendo dizer. Coisas que deveria ter dito há muito tempo, mas por motivos idiotas guardei para mim.

— Damaris. — chamo depois de tentar abrir a maçaneta sem sucesso.
— Você sabe que sou eu.

— Vá embora, Marco!

— Por favor.... Abre. Comprei o seu presente de natal. Só quero entregar. — ela não responde. — Que merda, Damaris! Abre essa porta.

— Vá embora, Marco.

— Vou deixar o seu presente aqui no chão. Boas festas então.

Dou alguns passos pesados para longe, mas retorno sem emitir nenhum som. Espero longos segundos até que ela cai e abre uma pequena fresta. O suficiente para eu bloqueá-la e rapidamente invadir o cubículo, nos trancando juntos e longe de olhares curiosos.

— Seu mentiroso! — consigo desviar de um tapa direcionado ao meu rosto. Seguro seus punhos e não contenho a risada. Ela acredita mesmo que me machucaria?

— Eu sou o mentiroso ou você quis ser enganada?

— Quero que saia. Não há nada para você aqui, Marco.

— Há sim. Você.

Estamos sozinhos em um cômodo de dois metros quadrados, talvez menos. Prateleiras cheias de lençóis vão do chão ao teto e uma única lâmpada amarelada nos permite enxergar nossos rostos há poucos palmos de distância. Seus olhos verdes embriagados são subestimados pelas grotescas lentes, que funcionam como máscara para esconder a sua verdade. Damaris é quente.

Olho para sua boca, então para suas bochechas vermelhas. Ela é uma mistura de raiva e nervosismo, vontade e aversão. Sou o que deseja e o que detesta.

Com seus pulsos presos em minhas mãos, lanço-nos contra a parede e permito-me explorar o seu corpo com o meu. Peitos unidos, quadris encaixados e bocas em luta. Amo quando nos digladiamos à exaustão.

Aproveito seu segundo de surpresa para agir, e quando o tímido gemido escapa, minha língua a invade e não há mais volta. Nos beijamos com tesão. Aprecio o calor e o sabor singular que descobri ser um dos meus muitos vícios... Mas deste não pretendo me livrar. Em instantes nossas bocas dançam no mesmo ritmo, seus braços não têm mais forças para lutar contra e agarram-se a mim, lançando para longe os botões da camisa de linho branco. Esfrego meu pau duro contra o calor crescente entre as pernas bambas de Damaris. Ela está completamente entregue ao momento.

— Por que faz isso? — murmura sem ar.

Não digo nada. Não tenho resposta para isso. A volúpia transborda tornando qualquer pensamento incoerente. Retiro seus óculos e sou presenteado com o brilho carnal que eles emanam como se gritassem em coro “sim”. Ela é minha. Ela me deseja.

Arranco peça por peça, deixando-a nua diante dos meus olhos sem a timidez que a acompanha na vida. Nos tornamos animais quando estamos juntos, carne e vontade. O sangue corre veloz elevando a temperatura ao limite quando ajoelho-me lambendo todo o caminho até seu ventre cheirando a fêmea. Segurando meus cabelos, Damaris guia-me até a fenda úmida, abre amplamente as pernas, força o quadril contra o meu queixo e suspira com os

olhos fechados e as bochechas rosadas.

Minha tímida garota gosta de ser chupada. Gosta quando sugo o nervo sensível com sutileza e determinação até que ele esteja inchado e pronto para explodir uma carga tão intensa de prazer que a faça esquecer o sim e o não.

Os gemidos são baixos, mas capazes de atravessar paredes finas.

— Morda as bochechas ou seremos ouvidos, minha Dama.

Preciso abrir o zíper do jeans e libertar a minha ereção para conseguir permanecer abaixado. Estou seguro do que faço, conheço suas necessidades. Minha boca explora intimamente as dobras e entradas entre suas pernas tremulas. Mordo o fecho de nervos, sugo e repito diversos movimentos precisos nos locais exatos até que ela toma minha mão, separa dois dedos e empurra para dentro de si. O suspiro de contentamento é sacana. Somos sacanas. Uma dupla perfeita.

— Alguém vai aparecer. Podem dar pela minha falta. — reclama olhando-me cheia de vontade.

— E o que eu devo fazer? — mordo o interior da sua coxa. Distribuo beijos molhados provocando arrepios em sua barriga até ficar de pé, meu queixo na altura da sua testa. Seus olhos pidões olhando-me através dos cílios curvados. Parece tão submissa ao desejo, refém do prazer que sabe de onde vem, sabe quem proporciona.

— Eu sei o que está fazendo, Marco.

Acaricio seu lábio inferior com a ponta do polegar. São macios, estão secos e inchados depois dos beijos desesperados que trocamos.

— Sabe mesmo, Dama? Às vezes penso que não, penso que apenas me ignora e ignora o que sente por mim. Não é possível que toda essa paixão seja unilateral. Isso. — penetro dois dedos facilmente escorregando pelo mel da sua boceta. — Isso é meu. Você é minha desde a primeira vez. Nada do que estou fazendo a convenceu disso?

— Eu.... Nós não podemos. Você é uma carga muito pesada. — ofega.

Vagarosamente movo os dedos procurando pelo ponto mágico enquanto estimulo seu clitóris com o polegar. Ela está molhada. Por dentro o por fora e mel escorre espesso e quente.

— Vou dar o que queremos. — retiro os dedos, pego-a no colo e com um único movimento estou dentro. *Oh que glória!* — Puta merda.... Que perfeição!

— Seja rápido. Forte e duro. — sussurra as palavras com a boca colada ao meu ouvido. — Oh, isso!

Aumento o ritmo, vou fundo saindo quase completamente para entrar ainda mais forte e mais intenso. Ela arranha as minhas costas e morde a curva do meu pescoço tentando conter os gemidos de prazer. Ouço passos no corredor, mas isso não me impede. As investidas ficam cada vez mais alucinadas, socando compassadamente até receber o prêmio.

Damaris joga a cabeça para trás, seus olhos estão fechados e a boca aberta. Em minha pele sinto o afiado de seus dentes e em meu pênis o tremor da sua boceta gozando, ordenhando meu pau como um bezerro faminto. Nenhuma mulher goza como ela. Ninguém tem tanto poder sobre o meu prazer.

Quando sua libertação chega ao fim não demoro meio segundo e derramo até o último de meus soldados dentro dela.

Vestimos nossas roupas em silêncio, a mente fervilhando de questões. Não faço ideia de quanto tempo ficamos trancados aqui dentro. Fecho os botões que restaram da minha camisa, subo o zíper e espero com os olhos atentos a ela. Damaris faz o que pode para parecer discreta, simples e perfeitamente alinhada. Talvez não seja o momento de dizer que suas bochechas vermelhas e lábios inchados denunciam o que acabou de acontecer.

Finalmente tenho a sua atenção. Ela olha para mim e depois para o chão, repete o movimento várias vezes até que diz:

— Eu preciso voltar ao trabalho.

— Se você me der um único sinal, qualquer coisa, posso ficar. Não

preciso ir para a chácara com a família. Passamos o natal aqui, amanhã podemos sair para fazer o que tiver vontade.

Um sinal de esperança vem até a superfície, mas ela recua.

— Não.

— Mas que droga, Dama. Sabe a quanto tempo estou limpo? Sabe como tenho me empenhado para conseguir mostrar a você que eu consigo? Não tem mais nada que nos separe. Estou limpo, não cedi uma única vez.

— É por mim que não usa mais aquelas porcarias? — pergunta.

— É.

Ela vira os olhos, esfrega as mãos juntas. É nítido que a resposta não a agradou.

— Você não entendeu nada, Marco.

Fico sozinho olhando para a porta fechada, embriagado com o cheiro de sexo que toma o ambiente. É frustrante perder sempre, porque ela nunca cede. Antes havia um motivo, eu estava fora de controle e não poderia julgá-la por não me querer, mas agora?

Que merda! É como se as únicas coisas que me alimentam fossem arrancadas de mim. Nem a cruz e nem a espada .

O trem da vida nunca para

Damaris

Graças a Deus ninguém viu quando saí daquela rouparia. Foi muita sorte, poderia estar passando gente pelo corredor. Qualquer pessoa que colocasse os olhos em mim perceberia o que havia acabado de acontecer.

Corro até o repouso de enfermagem, arranco minhas roupas e tomo um banho quente. A água cai e tento retomar a minha respiração que está mais que ofegante. Meu corpo inteiro treme.

Sinto tantas coisas ao mesmo tempo.

Raiva... por ter cedido.

Arrependimento... por ter aberto a porta, quando na verdade torcia para ele ainda estar ali.

Dor... meu coração dói de saudade. A distância camufla um pouco a melancolia e torna mais fácil ou menos difícil.

Enquanto penso, sinto uma outra coisa que não um sentimento.

— Que porcaria! Ah Marco, por que a gente não pensou?

Levo a mão a boca em desespero e não consigo fazer nada que não seja chorar. As lágrimas escorrem se confundindo com a água e me permito desligar por alguns instantes. Preciso disso para não enlouquecer.

11h23min

Natal é uma época esquisita e gostosa ao mesmo tempo. As pessoas ficam mais afetuosas, a cidade mais bonita, os filmes da tv são sempre de superação e revigoramos as energias. Por outro lado, é o tempo ideal para rever o que passou, fazer um balanço e resolver todas as pendências antes que o ano termine. Essa parte terei que pular.

Minhas pendências são insolúveis.

Mas, não tenho tempo para pensar no lado negativo de nada. Meu andar está mais complexo que de costume. Depois de um grave acidente na porta do MAH, recebemos uma das vítimas e além de machucada, ela perdeu a memória.

Mesmo com meu coração em frangalhos, tento dar a ela e a todos que estão internados em uma época como essa, a atenção que eu gostaria de receber. Sei que todo o corpo de enfermagem, médicos e demais profissionais lamenta trabalhar em pleno 24 de dezembro, mas sempre procuro lembrar que estou aqui ajudando e que seria muito pior estar precisando de ajuda.

Minhas principais preocupações são Pérola, a jovem sem memória, e Gaspar. Eles já são meus amigos e quero que se sintam confortáveis neste natal.

— Por favor, Gaspar, se não aceitar o remédio o Dr. Sardenberg irá me proibir de levá-lo para o terraço mais tarde. Como posso jantar sozinha? — digo fazendo manha para convencê-lo.

— Ele quer me drogar. Vejo nos olhos dele. Estão todos mancomunados para me levar embora. Eu não vou. Sem remédio.

Oh minha virgem santa. Logo hoje.

— Gaspar, — agora estou brava — o senhor tem dois segundos para tomar este remédio ou eu mesma irei drogá-lo.

Ele arregala os olhos e se afasta assustado.

— Não acredito que faria isso comigo.

— Quer apostar?

Duelamos com olhares desafiadores. Durante um tempo ficamos assim, calados e introspectivos... até que ele começou a rir. Ele é um homem que sabe sorrir, dono da gargalhada mais verdadeira que conheço.

— Você quase me pegou, Glorinha.

Ah claro! Voltei a ser Glorinha.

— Estou esperando. — aponto para os remédios no copinho de café — E vou verificar se tomou mesmo. Breno disse que na minha folga o senhor cuspiu o remédio para o estômago na privada e depois sofreu com dores a noite inteira.

— Aquele frutinha não gosta de mim.

— Olha...

— O que? E ele num é uma bichinha saltitante? Esse tempo está cada dia mais esquisito, na minha época a gente levava era correiada se não se portasse como homem descente.

— Os tempos são outros, Gaspar.

Ele toma os remédios e abre a boca para eu conferir. Faço um joinha e sorrio em comemoração. É sempre uma batalha e ainda pior em dias como hoje.

— Amanhã terei que aguentar tudo novamente. Ele me irrita.

Como é rabugento as vezes.

— Eu estarei de folga, mas pense pelo lado bom, passaremos o Natal juntos. Isso parece bom para mim.

De repente seus olhos mudam e percebo que estamos de volta a realidade. Ele segura a minha mão, seus lábios se curvam em um sorriso discreto e retribuo.

— E a sua família? Sei que só tem a sua madrinha, mas não passará com ela?

— Minha madrinha detesta natais. Desde que ela perdeu o filho, não comemora mais as datas religiosas.

— É uma pena. Chega um momento na vida que só nos sobra a fé.

— Eu respeito. Cada um tem uma forma de lidar com a dor.

— Sim. Não se pode forçar.

Começo a recolher a bandeja.

— Damaris, posso fazer uma pergunta? — murmura baixinho.

— Claro que sim. Somos amigos.

— O rapaz, aquele que te fazia sorrir. O que aconteceu com vocês dois?
Esse assunto não.

— Eu já te contei.

O que eu contei não foi exatamente a verdade, mas foi a primeira coisa que me veio na cabeça quando a mãe de Marco me procurou para entender o porquê do filho está destruído, segundo ela. No final das contas foi o que ficou como verdade. Para todos os efeitos nós brigamos em uma festa e decidimos terminar.

— Tem certeza que algo que parecia ser sólido acabou por uma bobagem?

Houve um silêncio longo.

— Algumas coisas simplesmente não têm conserto, Gaspar.

— E a principal delas é a morte. — ele pensa — Acho que é a única.

— Discordo.

— Estou com tempo, quer me convencer?

Ele cruza os braços.

Ah, por favor! Muitas coisas são apenas o que são e realmente não tem conserto. É fácil falar quando se está de fora.

— Quando um homem quebra o nosso coração, dificilmente há como remendar.

— Dificilmente não é jamais.

Algo no meu olhar, talvez a mágoa que ainda sinto, deve ter emergido porque ele não diz mais nada. Recolho a bandeja, abro as cortinas e ligo a televisão.

— Eu volto a noite para subirmos.

— Vou estar bem aqui. — diz bem-humorado.

Atravesso a porta quando escuto sua última cartada.

— Quando duas pessoas se amam de verdade e pelo menos um está lutando, o destino ajuda.

— Eu já deixei de lutar.

— Ele deixou?

Paro com a mão sobre a maçaneta, puxo o máximo de ar que consigo e saio.

Ele não deixou de lutar, mas isso só torna tudo muito mais complicado.

O dia se arrasta e não há um único minuto que eu não pense nas consequências que o erro de hoje pode ter. Fomos imprudentes, irresponsáveis ao extremo e nada justifica agir assim. Por maior que seja a saudade e o desejo, deveríamos ter pensado no futuro.

O sol vai de leste a oeste, o dia vira noite e minha cabeça não para. Tenho mais algumas horas para tomar a decisão mais difícil da minha vida. Uma daquelas coisas que a gente é irremediavelmente contra, mas quando acontece conosco; aí é diferente.

Entrei e saí da farmácia do hospital, conversei comigo mesma montando possíveis desfechos para o meu caso. Ocupei a mente com isso o dia inteiro, mas ainda não cheguei a uma decisão. Decisão que depende exclusivamente de mim.

Eu não posso. Preciso, mas não consigo.

— Damaris, se essa pequena chance for real... Meu Deus! — digo baixinho olhando-me no espelho dentro do elevador. — Não estamos prontos.

Por que estou morrendo de véspera? Preciso esquecer, apenas esquecer. Quais são as chances, uma em cem mil? Teria que ter muito azar.

Bato na boca por usar uma palavra tão pesada em um dia sagrado. Minha bisa teria me dado uns sopapos.

Minha bisa...

Ela com todos os seus santinhos me daria uma surra de vara de goiaba se soubesse que ao menos cogito interferir no que já foi feito. Se eu fechar os olhos posso escutá-la dizer “Deus vai cobrar. Ele dá, mas ele cobra.”

Pouco antes das onze horas vou até o quarto de Gaspar e vamos juntos para o terraço. Pérola viria conosco, mas surpreendentemente ela escolheu ir com Matteo para a chácara da família Malamam.

Tenho certeza que ela irá amar. É um lugar delicioso e Pérola merece ver o mundo.

O hospital montou uma mesa de Natal com bastante comida para quem quisesse subir e ceiar. É uma iniciativa louvável. Muitos acompanhantes passam as festas com seus familiares sem poder celebrar como de costume. Aqui conseguimos amenizar esse momento com um gesto simples. E além dos pacientes, os funcionários escalados podem e devem dar uma passadinha para comer e aproveitar.

Chego com Gaspar e montamos nossos pratos. Não é como se eu pudesse sentar e bater papo durante a noite, mas só o fato dele comer e apreciar a paisagem aqui de cima já faz vale a pena.

— Obrigado por me convidar e pela companhia, Damaris.

— Eu que agradeço. Seria muito triste ceiar sozinha.

— Um brinde?

Ele levanta a taça com suco de goiaba e faço o mesmo.

— A que vamos brindar? — pergunto.

— A vida, que só pode ser interrompida quando Deus quer.

A frase me acerta em cheio. Parece que foi escolhida para mim,

enviada para este momento de decisão.

— Eu já disse que você sempre diz o que eu preciso ouvir?

— Digo?

— Sim. Obrigada!

Dois ouvidos e uma boca

Marco

Na piscina, todos se divertem aproveitando o sol e a companhia dos amigos. Meus tios e primos estão todos na Casa Di Tutti para o encontro de final de ano que é uma tradição. Às vezes chata, as vezes cansativo e exagerado, mas ai daquele que não aparecer.

Se bem que Antony está desafiando bonito as leis Malamam. Meu primo além de não aparecer para o Natal, também não virá para a virada de ano. Já até mandei mensagem parabenizando pela coragem, ou pela loucura. Se fossem os meus pais ou o tio Lorenzo e a tia Dora, estariam em um voo para a Califórnia amanhã mesmo. Sorte dele que tio Bento e tia Safira são um pouco mais relaxados com essas tradições familiares.

— Por que eu meu menino mais animado está sentado debaixo de um guarda-sol?

Minha mãe chega de mansinho e senta ao meu lado. Estamos em uma mesa um pouco afastada da bagunça.

— É divertido olhar.

— Mas é incomum. Você costuma ser o centro das atenções, meu filho. Seus olhos nunca estão baixos ou apagados como agora. Quer me contar o que aconteceu entre vocês?

Como ela sabe?

— Não foi nada. — tento escapar.

— Marco... as vezes eu acho que vocês esquecem que TUDO o que sabem, seus gostos e manias foram minuciosamente observados por mim durante anos sem piscar.

Abaixo a cabeça rindo de mim mesmo. É obvio que ela sabe. Mesmo sem saber, ela sabe e não deixará passar.

— Nós nos vimos mais cedo. — limpo a garganta. — Ficamos.

— Transaram?

— Mãe!

Ou, para! Não vou falar de sexo com a minha mãe.

— Qual o problema? Vocês transaram ou não transaram, meu filho?
— confirmo com a cabeça — E foi como antes?

— Depois do primeiro beijo tudo se apagou em volta, éramos apenas nós dois como sempre foi. Perfeito.

Ela sorri e segura a minha mão.

— Isso é um ótimo sinal.

— Um sinal falso. — a frustração me corrói — Meu peito quase explodiu de esperança, mas ela, depois que vestiu a roupa, parece que vestiu a máscara de ferro junto. Fiquei olhando para o teto, chupando dedo sozinho.

Ou cheirando os dedos que ainda tinham o perfume dela.

— Meu filho, isso é um sinal claro de esperança sim. Damaris jamais te aceitaria dessa maneira se não existisse um sentimento gritando dentro dela. Essa moça está confusa, magoada, triste. E você não pode tirar a razão dela nisso. Acha mesmo que engoli a história para boi dormir de briga em boate?

— Eu não quero falar sobre isso.

— Tudo bem, eu respeito.

— Mãe, você acha que ela vai me aceitar de volta depois de tudo que já fiz? Você aceitaria?

Apesar da idade, minha mãe é uma mulher muito bonita e bem cuidada. Suas rugas só tornam mais expressivo o seu rosto e através dos belos olhos, vejo as lembranças brotarem.

— Há quase quarenta anos sou casada com o seu pai. E te garanto que quis me separar pelo menos uma vez em cada um destes anos, sumir e ficar o mais longe possível do meu marido. Perdi a conta de quantas noites dormi desejando partir, mas eu estou aqui. E proíbo qualquer um de dizer que estamos juntos porque fomos feitos um para o outro. Estamos juntos porque aprendemos a lidar um com o outro e desejamos isso. Houve um esforço de

ambos os lados... as vezes mais de um do que do outro.

— Mas vocês são casados, é diferente.

— De certa forma. Mas nossa maior briga foi enquanto solteiros e passamos por ela fortalecidos.

Eu espero que ela esteja certa.

— O que eu devo fazer para tê-la de volta?

— Esperar.

O que? Estou esperando há quatro meses e não adiantou de porra nenhuma.

— Filho, não me olhe assim. Ela baixou a guarda. Se ainda me lembro bem, ela deve estar se sentindo um lixo, mas vai cair em si e entender que alguns sentimentos são fortes demais para segurar.

— Enquanto isso eu fico de braços cruzados? — pergunto incrédulo.

— Equilíbrio, Marco, equilíbrio é a chave. — pisca — Mande uma mensagem, tente ligar. Sutilmente mostre que está esperando por ela.

— Sutilmente não é comigo.

— Prefere ser um troglodita sem a mulher que escolheu?

— Não.

— Então ouça a sua mãe, porque as vezes ela sabe o que diz. — seu tom muda para o mais doce que já ouvi — E aqui vai mais um conselho, no entanto este facultativo. Naquele dia que fomos ao seu apartamento, percebi que é importante para Damaris que você tenha um bom relacionamento com a sua família.

— É.

— A ponte entre você e seu pai já foi reconstruída. Está frágil e faltando uns pedaços, mas existe e só precisa de ajuste. Não espere um velho teimoso de setenta anos dar o primeiro passo. Seria um trunfo ter uma mudança tão positiva a seu favor quando se encontrarem novamente.

Pensando por este lado. Quem sou eu para discordar.

Belinda vem correndo em minha direção e sacode os cabelos molhados me deixando ensopado. Como eu sempre digo, ela é uma peste. Depois disso ela sai correndo, mas vou atrás. A filha da puta é rápida, passa entre as árvores do jardim e quase consegue escapar, só que eu a pego.

— Ahhh, não!

— Correu, não é. Vamos ver quem vai ficar molhado agora.

Jogo-a sobre os meus ombros e sem esforço volto correndo em direção a piscina e pulo dentro da água. Caímos os dois, feito uma bala de canhão.

— Seu grosso. Eu poderia ter morrido — ela grita ao emergir.

— Sobreviveu. Estou sem sorte essa semana.

Ela fica vermelha e sai cuspidando marimbondo, e todos em volta caem na gargalhada.

O restante do feriado é um pouco mais do mesmo. Comida boa, família reunida, muitas risadas e histórias desenterradas não tão engraçadas assim. Pelo menos não para os protagonistas.

Alguns de nós vão continuar na Casa Di Tutti até a virada do ano, mas eu sou um pobre residente e preciso me formar em pouco tempo. Despeço-me de todos, coloco minhas coisas mala e pego estrada de volta a São Paulo.

Na primeira semana mandei um buquê de flores brancas com um cartão simples escrito a próprio punho, mas não houve resposta.

Procurei pelos seus amigos, fui até a padaria de Santa e fiz o meu melhor para deixar ainda mais claro que eu estou por perto. Infelizmente não parece estar adiantando, mas a esperança é a última que morre.

Na segunda semana a chamei para almoçar, mas ela nem mesmo aceitou falar comigo. Sem outra opção continuei com as mensagens e mesmo que ela não responda, sei que lê e gosta. Se não gostasse já teria me bloqueado.

Isso é um bom sinal.

Na terceira semana resolvi pegar um pouco mais pesado. Puta *merda*, minha paciência está no limite e não suporta toda essa indiferença. O que ela quer que eu faça?

Comprei uma esteira e coloquei na sala de frente para a televisão. Todos os dias quando chego em casa, corro feito um rato de laboratório para gastar toda a energia acumulada. O vizinho de baixo registrou uma reclamação no condomínio por causa do barulho. Até nisso sempre tem um infeliz para perturbar.

A verdade é que, quanto mais correto tento agir, mais defeitos as pessoas procuram em mim. Por muito tempo me refugiei nas drogas, mas isso mudou. Está mudando. Cada dia é um dia a mais, nunca se repete ou fica mais fácil. Muito pelo contrário, as vezes parece piorar, piorar para caralho.

O final da residência tem me ajudado. É como um parquinho no inferno. Passo quarenta por cento do meu dia enterrado no hospital e os outros vinte dormindo ou correndo. Não vacilo por falta de tempo. Só pode.

**

24 de janeiro

Minha manhã foi do caralho. Correria e frustrações soterram a minha cabeça desde que coloquei o pé para fora da cama, é uma avalanche de problemas sem solução. Detesto não ter respostas, detesto ser impotente em meu trabalho.

Acordei com a pior das notícias: um dos pacientes que acompanho há cinco meses, um garotinho de nove anos com um aneurisma inoperável, faleceu. Ficar de pé, colocar jaleco e entrar no hospital foi um desafio, mas com a profissão que escolhi, preciso aprender a superar perdas com facilidade.

Nunca entendi o que isso significa. Quem supera uma perda? Se você perde alguém, o buraco fica lá e dependendo do sentimento envolvido, ele só aumenta. Pelo menos é como me sinto quando vou a Casa Di Tutti, vejo um filme onde meus avós caminham e tomam o sol da manhã com os olhos cheios de amor. Mamãe sempre disse que sou péssimo com perdas. Ela tem razão.

Recostado na fria parede do elevador, repenso cada segundo das últimas oito horas. Meu estômago reclama, mas não tenho vontade de comer. Sinto-me enjaulado, preso em meu próprio corpo como se o ar não pudesse entrar, como se meus ossos tivessem crescido. Conheço a sensação, são horas de angústia, seguidas de vazio e então a abstinência severa. Não é a primeira, nem a segunda vez que passo por isso. Já vi este filme de terror mais vezes do que posso contar nos últimos anos.

— Ei, cara! — ouço a voz de JP, mas não me dou ao trabalho de olhar para ele. Nem mesmo vi o elevador parar. Ele seleciona o terraço. — Está tudo bem?

Não respondo e ele insiste.

— Eu estou indo fumar no terraço. É o único lugar que consigo desestressar um pouco sem ninguém vir me dizer o quão errado estou.

— Você está muito errado, Dr. José Porpino Neto. Médicos não deveriam fumar. — digo sem nenhum entusiasmo.

— Vá à merda, Marco!

Sorrio com ele, mas o meu humor não é legítimo. O elevador apita e chegamos ao terraço. Eu não deveria estar aqui, apenas passeava de cima para baixo sem rumo certo. Um momento pessoal de distração.

JP encontra um banco afastado de todos, por trás de uma árvore e uma lixeira. Ficamos ali dividindo um cigarro longe dos olhos dos outros. A fumaça passa pela minha garganta e chega aos meus pulmões, não a libero, aproveito o máximo até expelir pouco a pouco pelo nariz. Para o meu cérebro esta foi a entrada, um aperitivo que abre o apetite real para o prato principal.

— Tem algo de errado acontecendo, Marco?

— Perdi um paciente que gostava muito. — vejo em seus olhos que não está convencido. — E outras tantas paradas.

— Conta aí. Sou todo ouvidos.

Mais um trago. Colocar para fora deve ser um bom caminho.

— Tenho perdido muitas coisas. Damaris não me quer, Matteo está aproveitando o momento dele. Uma porra vê-lo tão feliz. Não que eu não queira isso. Quero. Quero muito. A merda é saber que já tive o que ele tem agora... Só que perdi.

— Ela gosta de você. — diz pegando o cigarro do meu dedo.

— Se gostasse estaria comigo, ao meu lado e não desdenhando o que sentimos um pelo outro.

— Marco, não sei exatamente porque terminaram, mas imagino. Hoje você é outra pessoa, no entanto, isso é agora. Levou tempo demais para cair na real.

— Tudo que fiz foi por ela. — confesso derrotado.

— Então faça por você.

Ele não entende. Ninguém entende. Sou um merda, não tenho forças o suficiente para lutar pelo reflexo que vejo no espelho todos os dias de manhã. Sou uma casca vazia. Quando Damaris está comigo o espaço é preenchido e finalmente posso sentir, saborear e sorrir. Sem ela preciso de

ajuda... Preciso de pó.

JP fala qualquer coisa, não presto atenção. Um som. Uma risada suave e gostosa chama a minha atenção, ela vem da área coberta, o hall dos elevadores. Aperto os olhos para enxergar. Conheço as notas, mas preciso ver para crer.

Do outro lado do terraço, longe o suficiente para estar alheia a minha presença, Damaris conversa com um homem. Não o reconheço, mas está vestido de cinza. Os funcionários da administração usam essa cor. Ela aperta o botão do elevador, volta o rosto para ele e sorri novamente, seus olhos estão baixos, seu corpo denuncia o desconforto com alguma coisa, mas ela continua ali. Examino minuciosamente a cena pronto para intervir... louco para intervir. O elevador chega, o cara segura seu braço e diz algo ao pé do ouvido com intimidade demais para um simples colega de trabalho.

Meus músculos se contraem com a cólera engasgada fervendo, meus olhos vermelhos de ódio. Não raiva, ódio. E então... Com uma mão segurando a porta do elevador e a outra carinhosamente apoiada no peito do filho da puta, ela planta um beijo rápido em sua boca. Na boca! Ela beijou a merda da boca dele?

Arranco na direção dos dois. JP segura o meu braço. Eu paro. Não por ser contido por ele, mas por ser notado por ela. Damaris olha por cima do ombro do infeliz, percebe a minha presença e some. As portas se fecham e eu fico imóvel. Por fora uma pedra, por dentro lava derretida borbulhante pronta para entrar em erupção.

Alguns metros à frente, o filho da puta sai feliz. Ele comemora a conquista, mas não percebe o perigo. Em três segundos elaboro os mais variados planos de arremesso de filho da puta. Uma modalidade que deveria entrar para as olimpíadas. Será que seu corpo atravessaria a avenida?

— Preciso cheirar. — falo de uma vez, cheio de vontade. Meu sangue corre veloz. Consigo sentir o tum, tum, tum em meus tímpanos e a boca seca.

A necessidade em minha voz deixa JP alarmado. Sua primeira reação é segurar em meu braço e cuspir conselhos, frases prontas que escuto desde a primeira vez que meu pai precisou me buscar na coordenação do colégio por

portar buchas de maconha. Tudo que ele disse naquela época virou um longo “bla bla bla”.

Saio apressado sem olhar para trás. Caminho entre pessoas, não faço questão de olhá-las nos olhos ou cumprimentá-las. Escolho as escadas de emergência, desço dois degraus de cada vez ouvindo o barulho surdo da minha sola de madeira se chocando com o granito do chão.

Angustiado, preciso de espaço. Deixo o hospital sem dar qualquer satisfação. Somente quando estou na rua, com pessoas esbarrando em meus ombros e buzinas gritando aos meus ouvidos, dou-me conta do que fiz. Olho para trás, sem ver o prédio do MAH, tento ler as placas das esquinas, os nomes das lojas conhecidas. Por quanto tempo andei? Meu plantão, meu carro, pasta e até mesmo as chaves de casa, celular... Tudo ficou. Bato a palma sobre o bolso da calça sentindo minha carteira. Tenho documentos, dois cartões de crédito e poucas notas que juntas não somam cem reais.

Desde que passei pela primeira reabilitação, não costumo andar com dinheiro. E também não fumava. Uma coisa chama a outra e qualquer atitude que distancie um dependente do seu vício é bem-vinda.

— Olha por onde anda, maluco! — grita o motorista de um dos carros.

Talvez eu tenha atravessado o farol sem olhar. Não sei.

Estou em uma praça, vejo pombos circulando tranquilamente entre pessoas apressadas. Eles não se incomodam com ninguém, ninguém se incomoda com eles. Sentado em um canteiro, sou tão invisível quanto as aves barulhentas. O tempo que andei é subjetivo, assim como onde estou. Sinto apenas a necessidade de preencher o vazio, o desejo pela reação química momentânea. Curta e maravilhosa sensação de poder, de prazer. Talvez um pouco de bebida, uma bebida forte e bocetas sejam o suficiente.

Sei exatamente onde encontrar essa combinação.

Dentro de um taxi duas imagens vão e vêm como um carrossel em minha cabeça. Os lábios de Damaris encostam e encostam, depois novamente e de novo em outro homem. São vários homens, muitos deles de todas as formas, cores e estilos. Fecho os olhos percebendo um tornado de

alucinações, então a vejo nua deitada sobre uma mesa cercada por caras gordos, sujos e excitados. Ela parece gostar.

— CHEGA! CHEGA! — grito nervoso.

— E aí, camarada? Precisa de ajuda, mano? — o motorista do taxi pergunta olhando-me pelo retrovisor. Está desconfiado. Claro que está. Devo parecer maluco.

Preciso me controlar. Preciso ficar no prumo.

Se acalma, Marco. — penso comigo mesmo e repito como um mantra.

Desembarco no bairro *Santa Efigênia*, um destino muito frequentado por mim há um tempo atrás. Até ontem era um passado, superado e deveria ter permanecido assim para sempre, só que todos temos um ponto fraco. A diferença é que o meu não é um ponto, mas sim um buraco sem fundo.

Pago a corrida com as notas que tinha na carteira, deixando uma boa gorjeta para o taxista. Assustado com o meu estado, que não deve ser bom, ele pergunta diversas vezes se não quero ir para outro lugar e se oferece para me levar para casa sem custo. Um homem experiente. Estou bem vestido, meu relógio provavelmente vale mais do que o seu veículo de trabalho, sou branco... Alguém que merece ser salvo. Duvido que faria o mesmo sem toda essa casca refinada que cobre a podridão dentro de mim.

Ando duas quadras até chegar ao “Porta Amarela”, um bar clandestino que fica no subsolo de um prédio antigo. Como o nome já diz, ele é identificado por uma porta amarela e para entrar é preciso se identificar por um interfone.

Entro, escolho uma mesa e peço dose dupla de vodca. Quero algo forte com efeito imediato.

— Olha quem está de volta. Fazia tempo hein, doutor?!

Olho por cima do ombro e encontro Jeanine. Ela fica por aí, troca prazer por carreiras de pó e as vezes por um prato de comida. Uma mulher bonita. Tem traços orientais, cabelos curtos e zero frescuras. Acho que por isso não passa fome.

— Senta aí, Jeani. Hoje é por minha conta. O que quer beber?

— Outra recaída, Doc?

— Vocês mulheres têm o dom da tragédia. Tudo de ruim que já aconteceu na história da humanidade tem o dedo de uma mulher. Comigo não seria diferente.

Ela gargalha exagerada. O vício lhe tirou a vergonha e a classe. Ficaram apenas o corpo, ou o que sobrou dele, e o humor.

— Doc, não seja cruel. — beberica no meu copo — Ainda é a mesma mulher que te atormenta? — confirmo — Uau! Já faz quanto tempo? Seis meses desde que ela te deixou?

— Quatro meses, duas semanas e seis dias. — conto nos dedos. — Eu estava limpo todo esse tempo. Jeani, você não faz ideia do homem que me tornei para ela me aceitar de volta. Sabe o que adiantou? Porra nenhuma.

Viro o copo e peço outro. Conversamos, desabafo todas as minhas mazelas e aos poucos lotamos a mesa. Jeanine chama uma amiga, uma morena alta com voz grossa e pernas de jogador. Tenho dúvidas se é realmente uma mulher, mas não ligo. Bebemos todos juntos.

A tal amiga sai, mas logo retorna com o ouro branco em vários pinos. Minha boca enche de água quando vejo. Quero... só mais uma vez.

Vou cheirar e tudo ficara bem. Uma única vez e chega.

Chegamos ao meu prédio sem condições de andar. Todas as doses de vodca, algumas cervejas e dois ou três baseados me derrubaram. Acho que estou fraco para essas coisas. As meninas fizeram uma algazarra dentro do taxi, Jeani vomitou todo o banco do carona, deixando o motorista irado de raiva.

Que merda!

Tudo que pensei foi arrancar o relógio e entregar para ele. O homem olhou, olhou, mordeu a pulseira e por fim aceitou. Entrou no carro e saiu cantando pneu.

Subimos as escadas do hall tropeçando em nossas próprias pernas. Em

algum momento eu caí e veio um gosto forte de sangue na minha boca. Nilton, o porteiro, me ajudou e com grande esforço entramos os três no elevador. Minha cabeça explodindo com os gritos e risadas de Jeanine e sua amiga.

Odeio mulheres exageradamente escandalosas.

Quando chegamos ao meu apartamento, deixo as duas jogadas sobre o sofá e corro para o banheiro. Fazia tempo que não bebia tanto, tempo que não saía da linha e meu corpo está reclamando o suficiente para que eu precise ficar tempo demais com a cabeça enterrada na porra do vaso.

As horas passam...

Vozes. Gritos. Pancadas muito altas. Alguém está esmurrando a porta do banheiro, ou a minha cabeça. Sinto as batidas e isso me faz levantar a cabeça para entender o caos a minha volta. Vejo as paredes, a porta fechada e a chave sacudindo cada vez que alguém bate contra a madeira.

— MARCO!!! — a voz grita.

Matteo? Essa voz é do meu irmão.

— O que é, cacete? — tropeço nas palavras.

— Abre essa porta, seu filho da mãe, desgraçado. Juro que eu mesmo mato você se estiver vivo aí dentro.

— Então acho que ficarei aqui mesmo. — dou risada. — Prefiro continuar vivo, irmão.

— É sério, Marco. Sua... Sei lá... Sua amiga está em uma ambulância. Tem policiais aqui.

Caralho! Isso é ruim. Muito ruim.

Até as Damas erram

Damaris

Olho para o relógio e faço um cálculo rápido de quanto tempo tenho para organizar as medicações e sair para fazer a primeira checagem dos meus pacientes. Separo os prontuários e verifico duas vezes para ter certeza.

Paciente certo. Hora certa. Medicação certa. Dose certa e Via certa.

A cada quarto refaço a checagem, e só depois administro as medicações com total segurança. Infelizmente a maioria das pessoas só compreende o grau de importância de um profissional da saúde, quando ele comete um erro; mas pode ser tarde demais.

Volto com o carrinho para o posto de enfermagem e encaro Breno sentado com os pés para cima.

— Não tem rotina hoje para você? — pergunto.

— Sou muito eficiente.

— Desde quando você termina a rotina antes de mim, Breno?

— Desde que cinco pacientes do meu corredor receberam alta. Estou tipo Cleópatra, só nas uvas e no leite.

Ele pisca e faz um sinal indecente com as mãos especificando de que leite gosta.

— Nossa! Você não existe.

— Vai me dizer que não sente falta? — nego — Não acredito, Dama. Quando a pessoa está acostumada, entendo, mas não era esse o caso. Como consegue?

— Tenho muito trabalho.

— Ah, conta outra.

— Estou falando sério.

— Não se masturba pensando nele?

Olha o rumo dessa conversa.

— Vá olhar se tem alguém precisando de ajuda, Breno. — digo, achando graça.

Ele levanta, me beija no rosto e sai dizendo que o assunto ainda não terminou. Conheço-o bem para saber que ele não irá esquecer.

É claro que sinto falta de Marco em todos os sentidos, mas falar sobre o assunto não ajuda a esquecer, por isso prefiro ignorar qualquer coisa que me faça voltar ao passado e reviver o que tivemos.

Todas as vezes que caio em plantão com Breno, o tempo passa feito flecha. É uma maravilha. A hora do almoço chega rapidinho e quando dou por mim, estamos rumo ao intervalo.

Ai meu Deus, não posso acreditar que finalmente irei almoçar. Parece que toda a fome que não senti durante os meus dias de folga, estou sentindo agora. É uma vontade de comer misturada com necessidade de comer e um apego com a comida.

Que esquisito.

Subimos para o terraço, Breno com sua marmita fitness e eu com o bolo de rolo que comprei lá em baixo. Eu estava sonhando com o bolo da tia que vende na porta do hospital desde ontem.

Sentamos na área coberta junto com um pessoal da administração. Breno é muito amigo de um dos caras de lá e me apresentou a turma. São legais, mas um em especial passa o intervalo inteiro brincando e se dizendo apaixonado por mim. Na semana passada, quando almoçamos juntos pela primeira vez, ele fez o mesmo.

— Ele é uma gracinha. — diz Breno no meu ouvido.

— Para com isso.

Olho para o relógio e vejo que estamos em cima da hora.

— Damaris, o que preciso fazer para merecer uma chance?

Sorrio completamente sem jeito. Sinto-me um animal no zoológico com todos na mesa olhando para mim.

— Ela é difícil, Caíque. — diz Breno.

— Não me incomodo.

Oh meu Deus!

Saio da mesa e meu amigo vem comigo. Caíque deixa a sua turma na mesa e nos acompanha todo galanteador, chega a ser engraçado. Acho divertido e bonitinho a forma encantada que me olha, mas definitivamente não me cativa. Ele é fofinho demais.

Chamo o elevador.

— Sério, Damaris — ele chega perto — diz a verdade. Estou perdendo o meu tempo investindo? Não me cozinha vai.

Olho para ele sem jeito.

Em outras épocas seria tentador, mas atualmente não dá. Estou fechada para novos relacionamentos até que minhas feridas tenham cicatrizado.

— Não vai rolar, Caíque.

Ele segura o meu braço e viro-me para ele para pedir que encontre por outra pessoa, mas antes que eu possa falar, ele diz:

— Eu entendo. Breno falou que você precisa de tempo para esquecer o seu ex.

— Breno Fala demais.

— Será que mereço pelo menos um selinho de consolação por ser um cara legal? — não sei o que dizer — Não te perturbo mais, prometo.

Ah, o que tem demais?

Um selinho nunca matou ninguém.

Sorrio para ele achando a situação muito peculiar e encosto nossos lábios por uma fração de segundos. Não dura mais do que isso. Nem sei onde estava com a cabeça.

O que parecia um gesto inofensivo, deixou de ser quando vi, do outro lado do terraço, Marco e JP.

A expressão violenta em Marco me faz perder o ar. Minhas pernas

tremem e instintivamente entro no elevador que chega. Breno também entra, mas não percebe o perigo.

O que era aquilo?

Eu olhei nos olhos dele e vi o que nunca tinha visto antes. Marco tinha uma aura de raiva a sua volta, quase espumava como se pudesse matar sem se arrepender.

— Breno, você viu o Marco quando subimos?

— Não. Ele estava lá?

Encosto-me na parede do elevador.

— Sim, ele estava.

— Que babado! E ele viu o beijo?

Confirmo com a cabeça.

Preciso falar com ele.

O elevador chega ao nosso andar e Breno desce, mas eu preciso conversar com Marco. O que vi em seus olhos me assustou muito. Não que eu deva satisfação a ele, mas preciso que entenda o que aconteceu e não faça nenhuma besteira.

Venho recebendo suas mensagens desde que ficamos. Não o respondo ou dou abertura, mas confesso que fico balançada todas as vezes que ouço-o dizer o quanto sente a minha falta e como está sofrendo com a separação. Eu também estou sofrendo, tanto ou mais do que ele, mas preciso ter certeza que nada será como antes.

Chego ao terraço e não o encontro. Meu coração fica pequenininho só de imaginar que aquele simples beijo pode influenciar negativamente em sua recuperação.

Pego o celular e tento uma, duas, cinco vezes, mas só dá caixa postal.

Durante o resto do dia tento algumas vezes, mas não tenho sucesso e isso está acabando comigo. As horas passam, todo o meu plantão chega ao fim e nenhuma notícia de Marco.

Quando estou deixando o hospital, na manhã seguinte, Breno parece desconfortável com alguma coisa. Ele é aberto demais para conseguir guardar qualquer segredo.

— O que houve, Breno? — pergunto quando estamos saindo do hospital.

— Nada.

— Nada?

— Nadinha. Tudo na mais perfeita ordem.

Cruzo os braços na frente do corpo e olho-o por cima dos meus óculos. Eu posso afirmar com total certeza que está me escondendo algo.

— Desembucha, Breno!

— Duas moças deram entrada na emergência essa madrugada. Amiga, o boato que corre é que elas estavam na casa do seu ex boy problemático. — finjo não me abalar — Uma já foi embora, mas a outra ficou aí se recuperando. Parece que estava completamente chapada de cocaína.

— É a vida. Ele é um homem solteiro agora.

— Damaris?

— Breno, é a verdade. Marco faz da vida dele o que quiser.

— Se você diz.

— Oh eu digo sim. Não é porque já tivemos alguma coisa que as pessoas precisam ter mil dedos para falar comigo sobre ele. É vida que segue.

No ponto de ônibus nós nos despedimos.

Sozinha, perdida em meus pensamentos, engulo o orgulho e deixo uma lágrima discreta escorrer. Minha cabeça está tão confusa ultimamente. Não quero estar perto de Marco, mas saber que ele voltou a sair com outras mulheres mexeu demais comigo. No fundo, bem no fundo, lamento. O que tivemos parecia tão forte.

Não entendo, simplesmente não entendo como um cara tão inteligente comete erros burros. Mas não é mais problema meu. Por mim, que ele seja

feliz com as putas e as drogas dele e fique bem longe de mim.

Se Deus quiser, minhas suspeitas não serão confirmadas e poderei seguir com a minha vida sem ter qualquer vínculo com Marco Malamam.

9h57min

Mexer nas minhas plantas é algo que me transporta para outro universo. Posso estar cheia de problemas ou cansada de um longo plantão, que é só eu colocar uma roupa confortável, ficar descalça e começar a cuidar das minhas flores que nada mais importa.

Britz parece perceber que não estou no meu melhor momento e fica sentada ao meu lado sem muita algazarra. Ela sempre entende como me sinto. Dizem que os animais sentem.

Minhas roseiras estão lindas! Cada dia mais bonitas.

Será que a roseira que dei para Marco ainda está viva? Provavelmente não, já que ele não cuida nem de si mesmo.

Levo um susto quando Britz sai do meu lado como um tiro e corre até o portão latindo, saltando e cheirando as frestas do portão. Seu rabinho sacode de um lado para o outro e a felicidade é tamanha que chega a fazer xixi. Ela só costuma fazer isso quando eu estou chegando ou quando Marco está chegando.

Ajoelhada na terra, levanto a cabeça e encontro os olhos azuis dele me observando do outro lado do muro.

— Posso entrar? — diz ele sem demonstrar qualquer expressão.

— O que faz aqui?

— Quero conversar um pouco.

— Não é uma boa hora, Marco. — meu coração quase falha.

— Por favor.

Talvez seja melhor colocar um ponto final nisso de uma vez por todas antes que a gente se machuque ainda mais.

Permito que ele entre e vou para a cozinha fazer um café como sei que ele gosta. Nem sei porque estou me preocupando com isso, mas quando dei por mim já estava fazendo. Ele vem atrás de mim com Britz em seu encalço, mas não diz nada.

Coloco a mesa, sirvo o café e nos sentamos.

— Eu vi você ontem com aquele... cara. — diz muito aborrecido.

— E daí?

— Como assim?

Olho-o séria lembrando das tais mulheres que deram entrada no hospital.

— Cada um se diverte com o que gosta. Você com as mulheres no seu apartamento, eu com um cara bacana que conheci.

Ele coça os cabelos. Está nitidamente nervoso.

— Não havia mulher nenhuma até você começar a beijar homens pelo hospital.

— Foi um selinho.

— Que interessante. As pessoas saem distribuindo selinhos por aí ultimamente? Eu não estava por dentro dessa nova moda.

O sarcasmo em suas palavras me irrita.

— Sou solteira, Marco. Se eu quiser, vendo selinho na praça e ninguém tem nada a ver com isso.

— É assim que vai ser? — pergunta ele com o rosto fechado.

— De que jeito deveria ser?

— Há meses tento de tudo, Damaris. De tudo. Estamos separados há quatro meses e desde então não deixei de te procurar um só dia. Eu estou lutando pela gente enquanto você parece não se importar. O que mais quer que eu faça para te provar que podemos dar certo? Nós nos amamos, caralho!

Suas palavras me sufocam. Preciso levantar e buscar por mais espaço antes que eu faça outra besteira.

— Quem eram aquelas mulheres? Dormiu com elas? Cheirou com elas?

— Eu não cheiro há muito tempo, Dama. — ele se aproxima — Fui para fazer isso, confesso. Te ver tocando aquele cara me deixou louco,

insano. Eu precisava descontar em alguma coisa.

— E a primeira coisa que fez foi procurar pela droga.

— Mas não usei.

— Mas quis. — rebato.

— Sim. Quis, fui atrás por um momento de descuido, mas não usei.

— E porque não fez?

Estamos frente a frente. Ele respirando rapidamente como se tivesse corrido uma maratona e eu tonta com a sua presença.

— Porque não preciso mais daquilo.

A resposta me surpreende. Ele nunca disse isso, sempre foi por minha causa. Eu precisava que ele entendesse que ele era mais forte, que ele era capaz de resistir sem que fosse por mim.

Desvio o olhar sabendo que não resistirei por mais tempo.

— Dama, olhe para mim. — pede com a voz rouca.

— Isso não vai dar certo.

— Eu quero pagar para ver.

— Você me machucou muito, Marco. E ainda não engoli essa história com as duas mulheres. Eu precisaria ser muito idiota para acreditar que nada aconteceu entre vocês ontem à noite.

— Pois é a verdade. — ele respira fundo — Saí do hospital feito louco depois que te vi beijando aquele cara, fui a um bar que frequentei por muito tempo, bebi muito mais do que deveria, mas não cheirei. Uma daquelas mulheres é uma velha conhecida e a outra eu nunca nem vi. Fomos para o meu apartamento para cheira sim, mas não aconteceu. Eu entrei no banheiro, vomitei muito e apaguei. Elas cheiraram sozinhas, passaram mal e virou uma confusão. Acabou.

Ando até a cozinha para pensar e ele vem atrás de mim. Ficamos os dois calados por um momento.

Tê-lo por perto depois de tanto tempo me faz bem. Minha vontade é pular em cima dele e abraçá-lo até que essa saudade passe.

— Essa conhecida, — digo com desdém — vocês já transaram?

— Já, mas não ontem e nem daqui para frente.

— Nem com a outra?

— Não.

Ele chega mais perto e dou um passo para trás.

— Tenho tanto medo. — confesso.

Marco se aproxima, segura o meu rosto com as mãos firmes e quando penso que irá me beijar, ele apenas me olha. O toque é carinhoso. Admiramos um ao outro como se não nos víssemos há anos.

Por fora estou imóvel, incapaz de reagir. Por dentro, meu coração salta desesperado, o sangue corre em minhas veias aquecendo o meu corpo e fazendo a pele arrepiar. Percebo que ele reage da mesma forma.

— Volta para mim? Vamos recomeçar. Somos incríveis juntos, Dama, você não pode negar isso. Me aceite de volta como seu namorado?

O que ele está me pedindo é tentador. Todos esses meses separados foram difíceis de suportar, mas não sei se posso confiar nele novamente.

— Acha que pode aceitar um tratamento?

Sinto sua resistência, mas ela dura pouco.

— Posso.

— Não será fácil confiar novamente, Marco. Você já me enganou uma vez. — sou sincera.

— Estou aqui disposto a provar todos os dias que te mereço. Não me importo de fazer exames periódicos, se isso te deixar mais tranquila.

Que horror!

— Não. Não quero viver assim. Preciso ser capaz de acreditar na sua palavra.

Ele sorri e pela primeira vez desde que chegou, beija o meu rosto.

— Isso só posso provar se você me der uma chance.

Ele tem razão.

Outra vez seus lábios tocam a minha bochecha. Dessa vez lamento por não ser na boca. Faz tanto tempo desde a última vez.

Minhas barreiras vão ao chão quando ele passa o polegar pelos meus lábios e junta os nossos corpos sem pressa. Sinto como se pudesse flutuar agora mesmo.

Devagar, mas sem pedir permissão, ele cola a sua boca a minha, primeiro de leve e quando percebe que concordo, aprofunda um beijo intenso, íntimo e longo. Nossas línguas dançam, sugo seus lábios sentindo o sabor que quase esqueci. Como pude ficar tanto tempo sem? É maravilhoso!

O beijo ganha mais paixão. Quando dou por mim estamos a caminha do quarto, nos agarrando feito animais, as roupas espalhadas pelo caminho e marcas das minhas unhas nos ombros de Marco. Ele gosta.

— Eu sou louco por você, Dama.

Muito excitada, só consegui gemer um “eu também” enquanto ele escorregava para baixo distribuindo beijos pela minha barriga.

— Abra as pernas para mim. — ordenou e eu obedeci animada.

Oh! Ele é incrível com a língua!

Caramba, como isso é bom!

Ele não me deixou gozar em sua boca. Em dois movimentos me colocou de quatro, segurou meu cabelo e penetrou de uma só vez. Saiu e entrou me fazendo gemer alto. Perdi a noção do tempo, simplesmente curti a viagem até não ser capaz de segurar o prazer.

Ele gozou junto comigo. Dentro de mim.

Depois de recuperados, ficamos juntos na cama sem dizer nada. Acho que nem eu e nem ele queria estragar o clima. Mas eu precisava falar sobre algo muito importante.

— Marco.

— Oi.

— Nós não usamos camisinha.

— É verdade. — ele beija o topo da minha cabeça — Mas você está tomando remédio?

— Não.

Fico calada esperando o que ele vai falar, mas ele também não diz nada. O silêncio me incomoda.

— Tem outra coisa. — digo, com o coração na mão.

— Fale.

— Mês passado, quando transamos na rouparia.

— Foi maravilhoso, devemos repetir. — fala beijando meu pescoço.

— Sim, foi. Mas o que quero dizer é que não estava tomando remédio também.

Com a cabeça deitada em seu peito posso ouvir o seu coração acelerar.

— Acha que pode estar grávida?

— Não sei.

Mas sei que estava em meu período fértil.

— Isso é um problema? — pergunta sério.

Levanto a cabeça e analiso sua expressão. Ele parece tranquilo demais para quem acabou de ouvir o que eu disse.

— Tudo depende de como você enxerga a possibilidade de ter um filho depois do caos que atravessamos e ainda não superamos completamente.

Ele passa a mão pela minha barriga com carinho.

O que eu estou fazendo? Não é isso que queremos. As coisas precisam ser planejadas com responsabilidade. Que loucura é essa de ficar tranquila

com a possibilidade de ter um filho agora em um relacionamento sem qualquer estabilidade.

— Damaris, pode parecer loucura, mas estou aqui torcendo para você estar grávida.

— Pois é, parece loucura.

— Ter um filho com a mulher que eu amo?

Como?

Olho-o incrédula e ele me beija.

— Marco...

— Eu te amo, gatona. E vou amar essa criança se ela estiver mesmo aí dentro. E se não estiver, podemos resolver isso rapidinho. Quem sabe até o mês que vem não fazemos um Marcos Jr?

Meu Deus!

— Eu também te amo. Amo mais do que deveria.

Uma nova ovelha

Marco

Duas semanas depois

Por que estou mais nervoso do que na minha primeira cirurgia? Era para eu estar calmo, afinal meu papel é dar apoio e realizar desejos na primeira fase dessa nova jornada.

Se ela se confirmar, é claro.

Depois de saber da chance de termos feito um bebê, corri na farmácia e comprei cinco testes no mesmo dia. Quase fiquei de joelhos para Damaris acabar logo com essa aflição, mas ela não quis de jeito nenhum. Acho que ela está mais assustada do que animada. Enquanto eu estou empolgado.

Ter um filho ainda não tinha passado pela minha cabeça, mas agora que passou, eu quero. Andei até encomendando uns livros na internet. Ela não sabe.

— Gatona, já deu tempo de fazer cinco litros de xixi. Abre a porta.

— Com você aí fora fica difícil. Vai para a sala. — ela grita do outro lado da porta.

Ando de um lado para o outro e, sem opção, vou para a sala dando a ela a privacidade que quer.

Olho para o relógio, abro a geladeira várias vezes, tento comer uma maçã. É impossível esquecer que ela está lá dentro mijando em um potinho para descobrir se teremos um bebê.

Mas que droga de eternidade para um troço simples.

Desisto de esperar e bato a porta da geladeira ofegando de ansiedade, mas quando dou um passo em direção ao corredor, ela aparece com os cinco testes na mão.

Inspira, expira, inspira... expira.

Putaquepariu! É isso que sentimos quando vamos enfartar?

— E então?

— Não sei.

— Como assim, Dama? Quer me matar?

Ela é pequena e parece ainda menor com os ombros encolhidos e os olhos úmidos. Sei que não está triste, mas sim preocupada.

— Tem que esperar uns minutinhos.

— Se tivéssemos ido no hospital seria mais fácil.

— E todos ficariam sabendo. — rebate.

— Acha mesmo que vou conseguir guardar segredo sobre isso? Te adianto que já marquei um jantar na casa dos meus pais para essa noite.

Ela quase cai para trás.

— Está de brincadeira?

— Não. — beijo seu nariz.

— Marco, ainda não sabemos. E se eu não estiver grávida?

— Tudo bem. Desde que voltamos você ainda não viu os meus pais e mamãe está cobrando uma visita.

— Ah claro! Chegaremos lá dizendo: oi, nós voltamos... e teremos um bebê.

— Exatamente.

— Marco, você não existe.

Olho para os testes dispostos encima da mesa. Meu coração batendo mais rápido do que de cavalo de corrida.

— Já podemos ver.

— Acho que sim. — ela pega um, mas desiste e fecha os olhos — Olha você.

Viro todos sem olhar o resultado. Arrasto uma cadeira, sento e puxo Damaris para o meu colo. Ela está com os olhos cobertos pelas mãos tremulas. Seguro em seus pulsos e conto até três.

— Vamos lá!

Olhamos juntos. Organizados em fila, os cinco testes de marcas diferentes traziam o resultado em uma espécie de letreiro digital.

— Oh meu Deus! — ela grita e enterra a cabeça em meu pescoço.

Acho que nunca tive algo tão precioso nos meus braços. Abraço-a com força acariciando seu cabelo e dizendo o quanto a amo baixinho em seu ouvido.

— Parabéns para nós, gatona! Agora é oficial, teremos um bebê em alguns meses e isso é maravilhoso. Eu estou muito feliz. Sei que essas suas lágrimas não são de tristeza, minha coruja. Confie em mim, nós seremos uma família feliz para caralho.

— Estou chorando de emoção... e preocupação.

— Eu sei. Eu sei.

Seguro o seu rosto olhando em seus olhos. Preciso que ela entenda que estamos juntos nessa. E que mesmo já tendo feito escolhas erradas, estou determinado a ser melhor a cada dia; por mim, por ela e agora por esse bebê.

— Marco, e sua família?

Sim, ela está preocupada com o que todos vão pensar porque não os conhece tanto quanto eu.

— Minha família fará uma festa bem barulhenta para comemorar.

Finalmente ela sorri.

Essa é a minha chance.

Deixo Damaris na sala e vou até o quarto de hóspedes, vejo se tudo está como eu planejei, abro as janelas e volto para a sala.

— Gatona, venha aqui.

Ela olha desconfiada, deixa os testes onde estão e vem. Cubro seus olhos com a minha mão e andamos até o quarto de hóspedes. Não me surpreende que ela esteja tremendo.

Eu mesmo ainda estou tremendo e um pouco bobo, sem acreditar.

— Está preparada para a surpresa?

— Não sei.

— Você vai gostar.

— Tem flores e balões como da outra vez?

— Hum... não.

— É de comer?

— Você acabou de descobrir que está grávida e já quer comer? Devo me preocupar?

— Palhaço.

Abro a porta, entro com ela e paro exatamente no meio do quarto.

— Ontem, contei uma mentira. Disse que estaria em uma reunião com meu pai e meus tios, mas não era verdade. Eu nunca participo dessas reuniões. Só Nina mesmo. Eu estava aqui.

— Por que mentiu?

Tiro a mão que cobria seus olhos e paro ao seu lado. Damaris parece não acreditar no que vê e como se uma torneirinha fosse aberta, leva a mão à boca e começa a chorar e sorrir ao mesmo tempo. A cena é divertida porque ela não sabe se faz um ou outro.

— Como fez isso?

O antigo quarto de hóspedes agora está vazio, as paredes com papel de nuvens imitando o céu e uma cortina branca. Não comprei os móveis porque quero que ela escolha, mas só de entrar já é possível entender que pertence a um neném.

— Sou um homem prendado.

— Mas não tínhamos certeza de nada.

— Certeza não tínhamos, mas tive fé que teríamos um positivo.

Ela leva a mão a barriga.

— E tivemos.

— Tivemos sim. — concordo. — Tem mais uma coisa.

— O quê?

Retiro a caixinha que já estava incomodando no meu bolso.

— Quer casar comigo?

Se antes ela estava chorando, depois do pedido ela fica imóvel. Olha para as alianças dentro da caixa e depois para mim sem responder à pergunta.

Qual é? Isso não se faz com um homem. Desse jeito ficará viúva antes do casamento.

— Quem cala consente? — pergunto cheio de esperança.

— Eu aceito, gatão.

Uau! Essa foi por pouco.

Envolvo Damaris em meus braços, aconchegando minha noiva e meu filho no meu calor. Que loucura! Olha o quarto vazio e um filme passa pela minha cabeça me fazendo sorrir. Será que é sorte ou alguém lá em cima está torcendo por mim? Não que eu mereça, mas aceito de bom grado.

No futuro, quando me perguntarem como eu estava aos trinta anos, direi:

Eu estava no início da melhor fase da minha vida.

Que venham os próximos trinta!

Fim

Prazer...

Meu nome é Joice Bittencourt e apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, moro desde criança no Espírito Santo. Sou aquariana literal, nasci em fevereiro de 89. Sou casada, mãe de dois filhos e um cachorro.

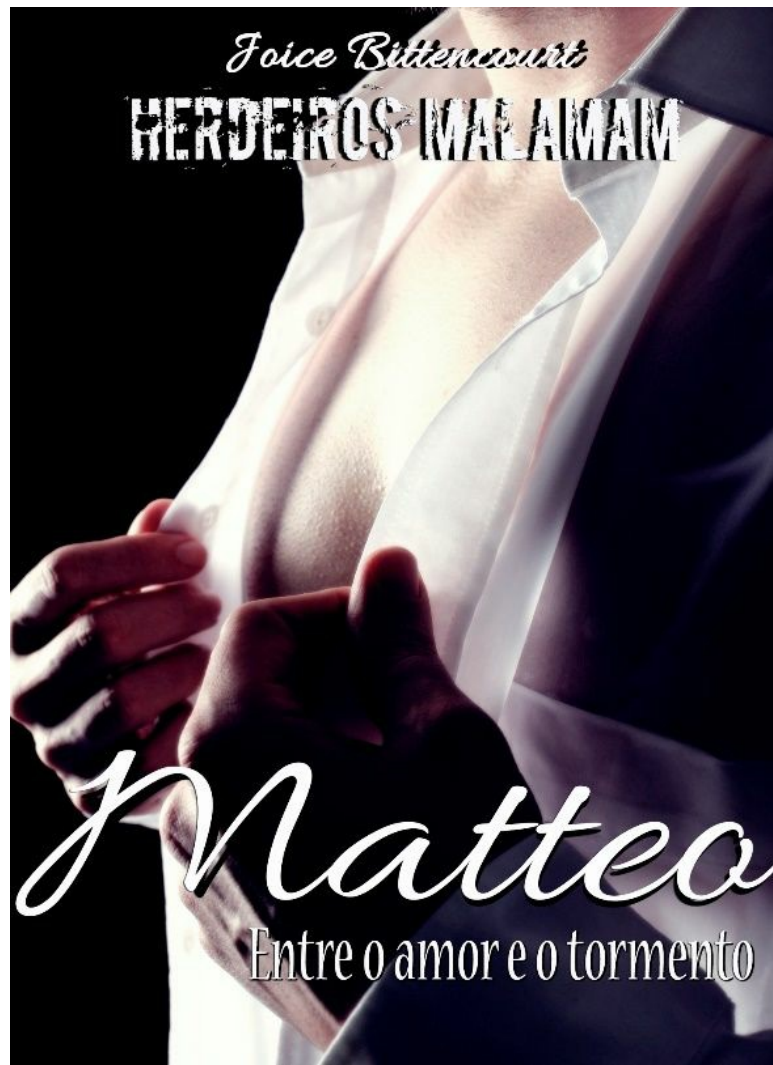
Comecei a escrever por distração, precisava de algo que me desligasse das atribulações do dia a dia. Assim nasceu o meu primeiro livro, "No Limite do Prazer". Um detalhe: foi escrito no celular.

Certo dia, buscando informações sobre um famoso romance, encontrei uma plataforma literária onde qualquer pessoa poderia disponibilizar suas histórias, contos e ideias. A primeira coisa que fiz foi começar a ler as tantas opções postadas gratuitamente.

No início de 2014 postei o meu primeiro romance. Nunca esperei que alguém pudesse gostar do que saía da minha fértil cabecinha, mas... Foi um grande sucesso de leituras. A partir daí nunca mais parei.

São oito romances escritos, muitos leitores e um coração realizado. Meus livros mais conhecidos são os títulos que compõe a Série Malamam.

Que venham mais histórias e muita inspiração!



Matteo é um médico de trinta e dois anos que pretende fazer uma reviravolta em sua vida, mudar de ares e recomeçar. O ritmo constante não o agrada tanto como antes. Filho do famoso cirurgião, Leônidas Malamam, e cobrado por estar sempre à frente do império médico, ele deseja mais.

Cuidado com o que desejas... Do dia para a noite, tudo pode mudar.

Carolina vive o inferno ao lado do marido, sofrendo calada com agressões daquele que jurou amá-la e respeitá-la. Cada dia seu fardo fica ainda mais pesado, até que não há outra saída. Uma sequência de acontecimentos muda completamente o seu destino. Sem passado, sem nome

e sem dor, ela agora tem nas mãos uma nova chance.

Quando Matteo encontra a sua Pérola, se vê enredado por um sentimento único e incontrolável. Certo ou errado, é real.

Uma família inesquecível. Força e paixão passadas pelo sangue de pai para filho. Histórias impossíveis de ignorar.

Mais uma série que irá abalar as suas estruturas. Matteo, Marco, Antony e Luca estão chegando. Começaremos com o mais distinto.



Na cidade de Santa Cana, interior do mundo, onde tudo foi construído a partir de um mesmo sobrenome, todos compartilham do sentimento de gratidão à dinastia dos Barões da Cana. O título dado popularmente aos homens da família Rezende tem história: carrega poder, responsabilidades e benefícios.

Inácio Rezende — o Barão da Cana — tem as fazendas e a usina sob o seu controle absoluto, mantém a roda girando harmoniosamente. Nada foge do alcance dos olhos.

E então, vinda de onde menos se espera, uma mocinha eternamente na

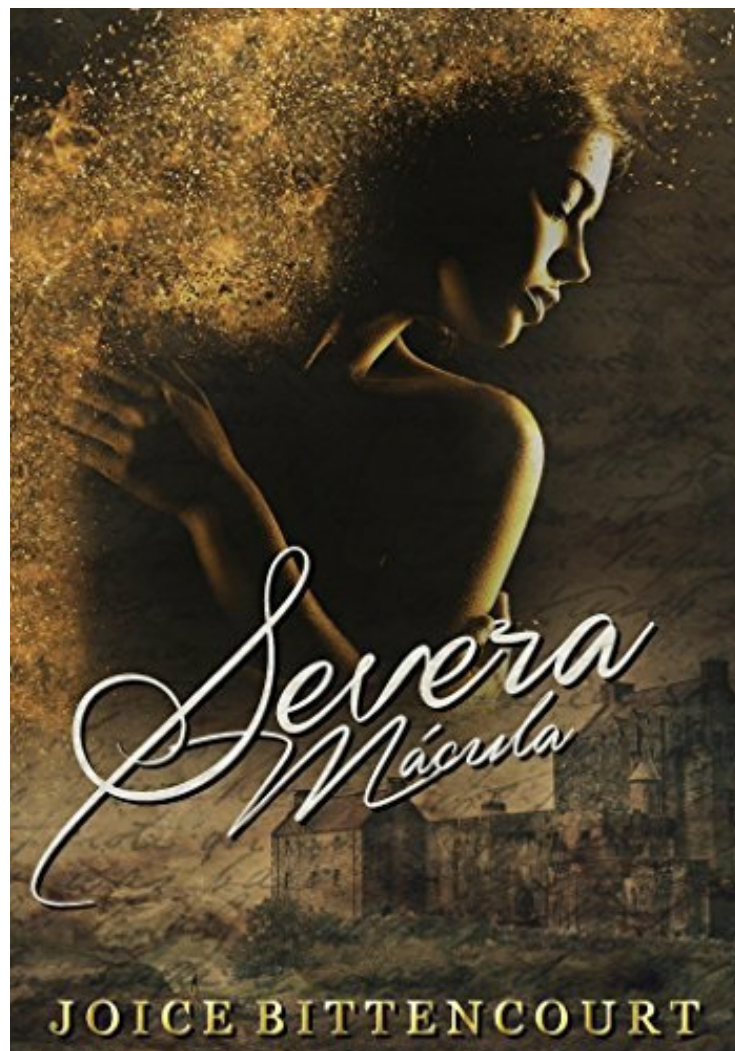
defensiva aparece. Arredia e desconfiada, Agatha tem uma péssima impressão do homem superior que a julgou na noite de natal.

Sim, ela é jovem. Sim, está sozinha. E sim, virgem....

Um único olhar foi o suficiente.

Inácio e Agatha: Viciante como a cachaça envelhecida em barris de imburana, ou o branco açúcar ao paladar.

Disponível em: <http://a.co/f0Zb3H5>



Em uma ilha paradisíaca, segredos e pecados se escondem. Se os mortos não falam, quem irá revelar a verdade como ela realmente é? Uma vez que a severa mácula vier à tona e com ela dores antigas alcançarem a superfície, ninguém estará a salvo.

Toda história tem três versões... A sua, a do outro e a verdade.

Isadora conhece um homem desconcertante em uma praia e imediatamente percebe que Aarão não será uma lembrança fácil de ignorar. Sua mão sangra e ele precise de ajuda, no entanto, após ajudá-lo, ela percebe

que o rústico desconhecido levou o seu coração.

Um romance para abalar as suas estruturas.

Disponível em: <http://a.co/5zsBcZY>



Alguns sentidos são mais intensos do que outros. É uma questão de perspectiva. Mas a paixão, essa arde sob e sobre a pele, inflama o desejo e guia o instinto, anulando o juízo de quem se dizia sóbrio.

Não espere entender ou controlar, pois o poder das mãos é viciante e você estará embriagado de prazer.

Disponível em: <http://a.co/hBjLSGZ>